

O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro

documentos selecionados

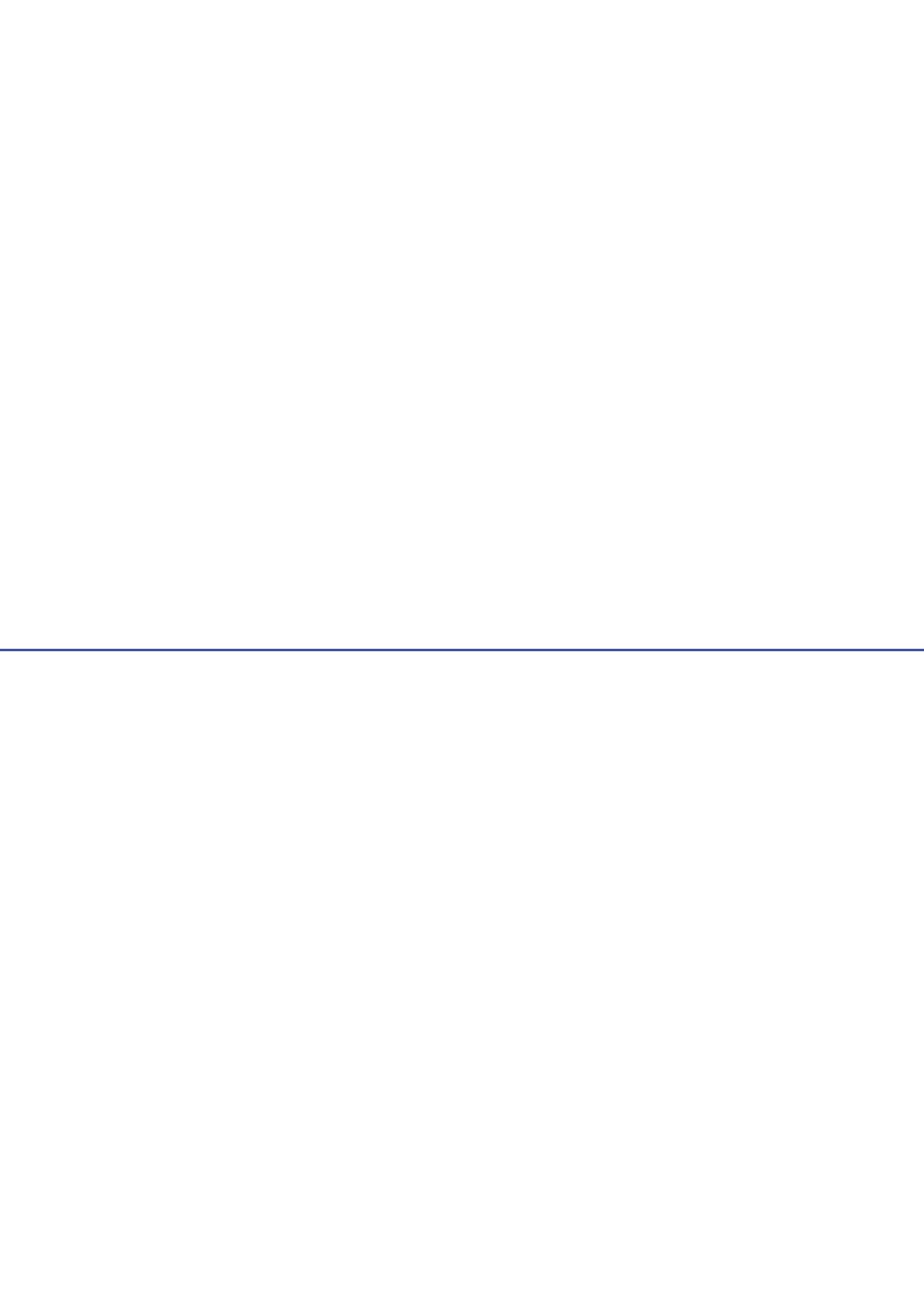
Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno

Coordenação Editorial

O ICOM-Brasil
e o Pensamento Museológico Brasileiro
documentos selecionados

Volume 2





O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro

documentos selecionados

Volume 2

Maria Cristina Oliveira Bruno
Coordenação Editorial



Sumário

Volume 2

A museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?

Apresentação, 11

Parte 1

A memória do pensamento museológico brasileiro contemporâneo: documentos e depoimentos

Introdução: Um momento de reflexão sobre nosso passado
museológico, 17

Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina Oliveira Bruno

1. Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus

Apresentação (1995), 23

Hernán Crespo Toral

Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (Extrato do Documento Final do Evento), 28

2. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago

Apresentação (1995), 38

Hugues de Varine

Mesa-Redonda de Santiago do Chile - 1972 - Documento Final, 43

3. A Declaração de Quebec

Apresentação (1995), **52**

Mário Canova Moutinho

Declaração de Quebec - 1984, **58**

4. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas

Apresentação (1995), **61**

Maria de Lourdes Parreiras Horta

Declaração de Caracas - Documento Final do Evento, **67**

Parte 2

A Museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?

Abertura do Seminário, **87**

1. Mesa-redonda: O Documento do Rio de Janeiro (1958), **91**
(Expositor: *Hernán Crespo Toral*)

2. Mesa-redonda: A Declaração de Santiago do Chile (1972), **97**
(Expositor: *Hugues de Varine*)

3. Mesa-redonda: A Declaração de Quebec (1984), **109**
(Expositor: *Pierre Mayrand*)

4. Mesa-redonda: A Declaração de Caracas (1992), **119**
(Expositora: *Maria de Lourdes P. Horta*)

5. Mesa-redonda: “O processo museológico brasileiro:
a visão das instituições”, **131**

6. Mesa-redonda: “Museologia Brasileira: da crítica à proposta”, **145**

Sessão de Encerramento do Seminário, **157**

Apresentaç˜o

Maria Cristina Oliveira Bruno

Apresentação

O seminário “A Museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?” foi organizado pelo Comitê Brasileiro do ICOM (Conselho Internacional de Museus), em novembro de 1995, e representou um momento para balanço sobre as experiências institucionais e as respectivas reflexões sobre as nossas relações com os documentos que pautaram a dinâmica da Museologia ao longo da segunda metade do século XX. Para a realização desse evento foi elaborada uma publicação, distribuída com antecedência para todos os membros do ICOM-Brasil e ainda para os convidados do evento, reunindo quatro documentos que representaram rupturas significativas no que diz respeito à compreensão sobre as relações que as instituições museológicas podem e devem estabelecer com as suas respectivas audiências e comunidades.

Ao longo de quatro dias, de 21 a 24 de novembro de 1995, no Auditório da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), na cidade de São Paulo, profissionais da área museológica brasileira se reuniram com convidados daqui e do exterior e refletiram sobre os conteúdos dos documentos mencionados.

As discussões foram intensas e, de forma muito singular, as participações evidenciaram detalhes das trajetórias institucionais, aspectos relevantes sobre os principais temas que foram valorizados pela Museologia brasileira ao longo de quatro décadas, e, em especial, houve uma inflexão sobre as conquistas e os desafios que tangenciaram a realidade do cotidiano museológico deste país.

Em seguida, em 1997, Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina Oliveira Bruno elaboraram uma análise sobre o impacto desse evento e um artigo que foi apresentado no encontro anual do Comitê para Museologia do Conselho Internacional de Museus (Icomfom/ICOM), realizado em Paris, França, intitulado “A memória como elaboração

do presente: reflexões sobre o seminário ‘A Museologia brasileira e o ICOM – convergências ou desacordos?’, São Paulo, 1995’.¹

Nesta oportunidade reunimos o conteúdo da publicação referida, sinopses das apresentações realizadas ao longo do seminário de acordo com o programa e um resumo pontual das discussões. Para tanto, organizamos esse conjunto em duas partes: a *publicação* e o *seminário*.

Maria Cristina Oliveira Bruno

¹ O texto foi publicado em *Icofom Study Series / Muséologie et Mémoire*, Paris, n.27, p.170-172, 1997.

Parte 1

A Memória do Pensamento
Museológico Brasileiro Contemporâneo

Documentos e Depoimentos
(Publicação)

Introdução (1995)

Um momento de reflexão sobre nosso passado museológico

*Marcelo Mattos Araujo*¹
*Maria Cristina Oliveira Bruno*²

A consolidação do pensamento museológico é um fenômeno mundial, que tem se processado nos últimos 40 anos com base na reflexão sobre novas e diversificadas práticas museológicas, na multiplicação de Cursos de Museologia em diferentes níveis, e na atuação de organismos nacionais e internacionais voltados para o aprimoramento dos museus, como o Conselho Internacional de Museus (ICOM/Unesco).

Todos aqueles que, no Brasil, se interessam pela história desse pensamento museológico e por sua aplicação em nosso país, constatam a ausência de uma bibliografia analítica, de obras de referência elaboradas a partir de nossa realidade, e, sobretudo, o desconhecimento dos inúmeros documentos de orientação para políticas museológicas, produzidos por organismos técnicos.

A ideia de organizar um Seminário para debater alguns desses documentos e refletir sobre a eventual assimilação de suas diretrizes pelas instituições museológicas brasileiras surgiu de discussões com nosso colega Mário Chagas, museólogo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e professor do Curso de Museologia da UniRio, durante o Simpósio Internacional “O Processo de Comunicação em Museus de Arqueologia e Etnologia” (MAE-USP, out. 1993).

Após a eleição da atual Diretoria do Comitê Brasileiro do ICOM em novembro de 1993, apresentamos, na qualidade de membros do novo Conselho Consultivo, com nossos colegas paulistas desse órgão – Denise Grinspum, Maria Ignez Mantovani Franco, Maria Pierina Ferreira de Camargo e Regina Márcia Moura Tavares –, uma proposta de realização de um Seminário, com os objetivos acima indicados.

1 Na época do evento era Chefe do Departamento de Museologia do Museu Lasar Segall/Iphan, hoje é Diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

2 Na época do evento era Diretora do Serviço de Museologia e Professora Assistente do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, hoje é Professora Associada do mesmo museu.

Aprovado pela Diretoria, o Seminário “A Museologia Brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?” deverá ocorrer em São Paulo, em novembro de 1995.

Esta publicação foi idealizada para servir de instrumento preparatório para o referido Seminário. Ela contém documentos produzidos entre 1958 e 1992, em reuniões de trabalho que contaram com a presença de profissionais de diferentes gerações e de diversas partes do mundo, e que constituem elementos edificantes da memória do pensamento museológico contemporâneo.

Esses documentos, sínteses das expectativas e dos desafios enfrentados pelos profissionais de museus em seu cotidiano, convergem para uma grande preocupação comum: qual o papel social dos museus? Foram selecionados por sinalizarem mudanças e novos caminhos na trajetória das instituições museais.

A publicação “A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos” tem por objetivo divulgar quatro desses documentos que consideramos fundamentais neste processo, reunidos em uma perspectiva crítica, com o propósito de incentivar sua discussão pela comunidade museológica brasileira. São eles: as conclusões do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), que indicou um objeto de estudo para a Museologia; a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de *museu integral*, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec de 1984, que sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia, e a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo este percurso ao reafirmar o Museu como canal de comunicação.

Cada um desses documentos é introduzido pelo depoimento de um profissional que não só participou de sua elaboração, mas também se destaca no cenário museológico internacional. O documento do Rio de Janeiro é apresentado por Hernán Crespo Toral, atual diretor da Oficina Regional da Cultura para a América Latina e Caribe (Orcalc/Unesco), em Havana, criador e ex-diretor do Museu Arqueológico do Banco Central de Quito. O documento do Chile é precedido por um depoimento de Hugues de Varine, atual diretor

do Ecomuseu do Creusot, na França, ex-presidente do Conselho Internacional de Museus (ICOM/Unesco). O documento de Quebec é introduzido por Mário Canova Moutinho, diretor do Centro de Estudos de Socio-Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, ex-presidente do Movimento Internacional pela Nova Museologia (Minom/ICOM). O documento de Caracas, finalmente, é analisado por Maria de Lourdes Parreiras Horta, diretora do Museu Imperial de Petrópolis e atual presidente do Comitê Brasileiro do ICOM.

Como uma contribuição para os debates do Seminário de São Paulo, gostaríamos de destacar algumas das inúmeras questões que poderiam ser colocadas a partir da análise desses quatro documentos: a reiteração do Museu como agência educativa, o conceito de *museu integral*, a necessidade da existência de associações de profissionais com ideário comum e a afirmação do Museu como canal de comunicação.

No complexo conjunto de funções desempenhadas pelo museu, a função educativa é, há longo tempo, internacionalmente reconhecida. Nos países latino-americanos, essa função extrapola uma perspectiva complementar para assumir, em alguns casos, papel central na formação do cidadão. No Brasil, a polêmica sobre a dimensão desse papel educativo, sobretudo em relação aos processos de educação formal, tem sido objeto de diversos estudos que apontam questões como os limites dessa atuação, os níveis de sobreposição de funções, a preocupação com parcelas significativas da sociedade aliadas do sistema escolar e a escolarização dos museus.

O conceito de *museu integral* questionou noções consagradas do universo museológico, como o colecionismo, o Museu entre quatro paredes e o patrimônio oficial, identificado apenas com o histórico e o artístico. Despertou a atenção dos profissionais para todo um patrimônio à espera de musealização, para a importância da participação comunitária em todas as instâncias museológicas, e impôs novos métodos de trabalho. Colocou, ainda, a necessidade de se repensar a formação profissional para a área. O Museu Integral trouxe uma nova perspectiva de atuação, fora das fronteiras tradicionais, que acarretou entre outros problemas uma crise de identidade institucional, na qual os museus se confundiram com outros modelos de ação cultural, como centros culturais, casas de cultura e memoriais, entre outros.

As novas práticas museais determinaram um distanciamento dos profissionais nelas engajados em relação aos conservadores e curadores das instituições tradicionais. A necessidade de um novo espaço de reflexão levou aqueles profissionais a buscarem novas formas de associação, na tentativa de dinamizar suas atuações. Uma necessidade que, a despeito dos inúmeros projetos e iniciativas, não logrou concretizar-se satisfatoriamente na América Latina.

Finalmente, reconheceu-se que o museu, independentemente da natureza de seu acervo, histórico, localização ou política cultural, atua fundamentalmente como um canal de comunicação. Desta perspectiva, e visando uma maior eficácia de ação museológica, tem sido necessário redefinir as práticas museográficas, bem como repensar uma função clara e objetiva para o conhecimento produzido nas mais diversas áreas científicas existentes nos museus. Esse reconhecimento, que se insere no processo de construção da Museologia como disciplina e na identificação do objeto museal como um fenômeno de comunicação, consolida, assim, uma nova possibilidade de trabalho científico para os museus no mundo contemporâneo.

Todos esses conceitos e noções podem ser identificados ao longo dos documentos reproduzidos a seguir. O texto da reunião do Rio de Janeiro, de 1958, simboliza paradigmaticamente uma preocupação profissional com a problemática educacional dos museus, como já apontavam diversas obras de autores brasileiros daquela década. A Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, de 1972, evidencia simbolicamente a implosão de valores seculares, desencadeando uma busca de novos caminhos para os processos de musealização. A Declaração de Quebec, de 1984, é a demonstração inquestionável da existência concreta de uma Nova Museologia, ou de diferentes museologias, reafirmando a viabilidade de novos caminhos. A Declaração de Caracas, em 1992, é enfim o sinal da maturidade obtida em três décadas de esforços na construção de um novo papel para os museus.

Gostaríamos de registrar nossos agradecimentos aos quatro autores dos depoimentos, pela pronta acolhida do convite e pelo incentivo a esta publicação. Somos também gratos aos colegas Magali Cabral, Lourdes do Rego Novaes, Regina Márcia Moura Tavares e Anaildo Baraçal, pelo auxílio na localização dos documentos.

Esta publicação³ só foi possível graças ao apoio do professor Adilson Avansi de Abreu, Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e do professor João Baptista Borges Pereira, Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que viabilizaram sua impressão. A colaboração do Museu Lasar Segall/Iphan foi fundamental para a digitação dos textos, realizada por Arlete Miranda de Araújo, e para o projeto gráfico, de Carlos Wendel de Magalhães. A todos eles nossos mais sinceros agradecimentos.

Esperamos que esta publicação seja eficaz para a agilização dos debates do Seminário “A Museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?”, e que ambos possam contribuir para uma aproximação entre os profissionais dos museus, para um melhor diálogo entre as instituições museológicas e a sociedade, e para uma crescente conscientização sobre as possibilidades dos novos processos de musealização.

São Paulo, abril de 1995.

³ ARAUJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. Concepção, organização e redação do texto de apresentação – ICOM-Brasil, em coautoria com ARAUJO, M. M. (45p.) – São Paulo, 1995.

1. Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958)¹

Apresentação (1995)

Hernán Crespo Toral²

Esse Seminário, organizado pela Unesco, pelo Conselho International de Museus (ICOM) e por autoridades e especialistas brasileiros, desenvolveu-se de 7 a 30 de setembro de 1958. Respondia a um plano da Unesco de propiciar uma reflexão, em cada uma das regiões do mundo, sobre a função que deveria cumprir o Museu como meio educativo dentro da sociedade. O Brasil colaborou com grande generosidade e eficácia, especialmente através do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibecc), do Comitê Brasileiro do ICOM, presidido por Heloísa Alberto Torres, e de uma pléiade de especialistas que compuseram o comitê de organização do evento.

Foi uma experiência muito enriquecedora para os participantes da América Latina, uma vez que se pôde contar com a presença de personalidades destacadas da Museologia mundial, como Georges Henri Rivière, Diretor do Conselho International de Museus (ICOM), José Maria Cruxent, Diretor do Museu de Ciências Naturais de Caracas, e Mario Vázquez Ruvalcaba, do Museu Nacional de Antropologia do México, além de uma importante Delegação da Unesco, formada por Raymonde Frin, Hiroshi Daifuku, da Direção de Museus, e Rafaela Chacon Nardi, auxiliar da Divisão de Atividades Culturais do Centro Regional da Unesco no Hemisfério Ocidental, sediado em Havana. Destacadas personalidades no âmbito dos museus brasileiros contribuíram para aprofundar a discussão. Estiveram presentes representantes, museógrafos e educadores de vinte países latino-americanos, e especialistas dos Estados Unidos, França, Países Baixos e Reino Unido.

A personalidade de Georges Henri Rivière, multifacetada, humanista e técnica, imprimiu a tônica ao trabalho constante, com uma contrapartida sadia e acolhedora das autoridades e técnicos brasileiros.

1 Evento realizado no Rio de Janeiro em 1958.

2 Tradução de Marcelo Mattos Araujo.

Os museus nos abriram suas portas, e pudemos conhecer importantes realizações e toda essa máquina complexa e exata que deve funcionar para que o Museu cumpra sua função essencial dentro da sociedade.

Os participantes apresentaram relatos sobre a situação dos museus em cada um dos países representados e sobre as atividades pedagógicas, indicando os recursos didáticos e técnicos nelas utilizados. Foi a oportunidade para o intercâmbio de experiências e para a comunicação dos êxitos dos museus latino-americanos, suas inovações transcedentais no campo da educação, da arquitetura, da conservação e da restauração de objetos, assim como da museografia, bastante adiantada em países como o México, o Brasil e a Venezuela.

As conferências e mesas-redondas foram um meio eficaz para a discussão dos problemas, além das visitas a museus, guiadas por especialistas, nas quais pudemos conhecer os problemas *in situ*.

O Seminário foi uma exaustiva revisão de todas as questões relativas a museus, desde aquelas ligadas à conservação e manutenção das coleções até aquelas ligadas à divulgação de sua mensagem, através não só de exposições como da utilização dos meios de comunicação coletiva.

Realizou-se uma profunda reflexão sobre o próprio conceito de *museu* e discutiram-se as consequências de suas funções de conservação, estudo e exposição, para deleite e educação do público, de um conjunto de elementos de valor cultural, fossem estes de interesse artístico, histórico, científico ou técnico, jardins botânicos e zoológicos, aquários etc.

Um dos grandes temas discutidos foi o da Museologia, e se esta chegava a ter o caráter de Ciência, tendo-se concluído que, em razão da amplitude e transcendência dos fenômenos que ela deveria explicar, não poderia ser concebida de outra maneira. A Museografia, por sua vez, se relacionaria diretamente com a técnica a que se deveria recorrer para concretizar, objetivamente, o pensamento e a mensagem do museu.

O Seminário debateu os diferentes tipos de museus e suas especialidades, desde os grandes museus – estruturados em departamentos com direções a cargo de pessoal especializado segundo assuntos e épocas, laboratórios e ateliês, serviços de registro e documentação – até os pequenos museus – compostos unicamente por um responsável e,

às vezes, por escasso pessoal que é obrigado a desempenhar múltiplas funções, desde as de conservador até as de guia e guarda.

Analisaram-se detidamente as classes de Museu e sua problemática particular, relacionando-as principalmente com a América Latina e suas especificidades.

Destacaram-se as carências apresentadas por alguns museus do ponto de vista de pessoal especializado. A partir dessa constatação verificou-se a necessidade de incentivar a criação de instituições de formação, que inexistiam na maior parte dos países da América Latina, e se definiram as diferentes categorias e especializações com que se deveria contar. Dadas as características da América Latina, seria indicado procurar a criação da carreira de Museologia, e, quando esta não fosse possível, o aperfeiçoamento de pessoal mediante cursos especializados, bolsas de estudos, participação em reuniões de caráter científico e técnico e intercâmbio entre museus e outras instituições.

Atribuiu-se ao ICOM uma responsabilidade especial como promotor desses objetivos e da criação de entidades nacionais e regionais especializadas. Recomendou-se à Unesco contribuir, mediante um sistema de bolsas de estudo, para a formação da Museologia latino-americana e para o desenvolvimento das atividades educativas, as quais, ainda que aplicadas em alguns museus com longa tradição pedagógica, não eram uma constante. Em alguns casos, os meios utilizados não logravam transformar a exposição em recurso atrativo e didático.

O Museu deveria desenclausurar-se através não somente de programas didáticos dirigidos à educação formal, mas também da utilização de outros meios a seu alcance como o rádio, o cinema e a televisão, para atingir assim camadas mais amplas da população e poder melhor difundir sua mensagem. Creio também que se aprofundou a discussão, de maneira metódica e eficaz, de tudo aquilo que se referia à apresentação do museu. Era necessário, portanto, vencer o tradicionalismo do Museu *conservatório de objetos*, onde se mostravam as curiosidades produzidas pelo homem ou pela natureza, para transformá-lo em meio de comunicação atrativo que pudesse incidir nos problemas reais da comunidade. Um dos mais importantes temas discutidos foi o da exposição, através da qual o Museu estabelece seu vínculo com a sociedade e da qual depende seu objetivo fundamental, que segundo

a atual definição do ICOM é comunicar e exibir “com finalidades de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais da evolução da natureza e do homem”.

Deve-se destacar que o Seminário, como não poderia deixar de ser, salientou que o objeto é o cerne do museu, e que todos os recursos que podem servir para reforçar sua mensagem devem ser utilizados de maneira que a relação entre sujeito e objeto se produza de maneira harmoniosa.

O Seminário do Rio de Janeiro marcou o desenvolvimento da cultura latino-americana, pois colocou problemas essenciais para a transformação do Museu em um elemento dinâmico dentro da sociedade. Ao considerá-lo como um espaço adequado para a educação formal, conferiu a ele a capacidade de inserção na comunidade com uma função ativa, a função de transformação do desenvolvimento.

Quando se reivindica ser indispensável que o Museu esteja relacionado com a escola, e que essa relação seja harmoniosa e coerente, coloca-se à disposição da escola a capacidade do Museu de objetivar muitos dos conceitos abstratos que se impõem ao ensino. Quando o mesmo Museu produz seus serviços didáticos ou atua através de seus departamentos educativos, é motor essencial para a transmissão das necessidades da sociedade.

Após 37 anos dessa Reunião, tendo em conta a formidável evolução que a humanidade conheceu neste período e considerando as conclusões da Reunião de Santiago do Chile de 1972 e de Caracas de 1992, podemos afirmar que o conceito de *museu* evoluiu e que sua ação, nos dias de hoje, insere-se dinamicamente na contemporaneidade. Seu papel essencial é transmitir as necessidades da América Latina, que podem ser sintetizadas em três questões fundamentais: em primeiro lugar, o Museu deve contribuir para o reconhecimento das identidades culturais, para seu fortalecimento e para o reconhecimento da existência de outras culturas, que merecem igual respeito. A segunda grande tarefa é proclamar a necessidade de um desenvolvimento humano integral, cujo ator principal é o homem, caracterizado por uma cultura e inserido em um meio ambiente devidamente preservado, utilizado racionalmente para a sobrevivência das atuais gerações, porém cuidadosamente conservado para garantir os direitos das gerações futuras.

Enfim, neste momento em que a utopia da Aldeia Global é uma realidade, em que a globalização ameaça destruir as características das culturas, é necessário que o Museu contribua para a inserção de nossos povos no concerto universal, resguardando seus valores ancestrais, sua ética, suas manifestações transcentrais, sua maneira de ser. O Museu deve contribuir, mediante um processo devidamente concebido, para a assimilação benéfica da tecnologia que nos chega avassaladora.

Desta maneira, hoje, mais do que nunca, a função educativa do museu, defendida por aquela Reunião do Rio de Janeiro, tem de ser enriquecida com uma faceta informativa suficientemente atrativa para competir com outros meios que não só estão inseridos na sociedade, mas também atuam em nossas vidas cotidianas.

Havana, 7 de abril de 1995

Seminário Regional da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus (1958)

Extrato do Documento Final do Evento:
Quarta Parte – Conclusões do Seminário

Museologia Geral

Definições Fundamentais:

O Seminário aprovou as seguintes definições, a primeira extraída dos estatutos do ICOM, as outras formuladas a partir dos debates.

Museu

Um Museu é um estabelecimento permanente, administrado para satisfazer o interesse geral de conservar, estudar, evidenciar através de diversos meios e essencialmente expor, para deleite e educação do público, um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de interesse artístico, histórico, científico e técnico, jardins botânicos, zoológicos e aquários etc.

São semelhantes aos museus as bibliotecas e os arquivos que mantêm salas de exposições permanentes.

Museologia e Museografia

A Museologia é a ciência que tem por objeto estudar as funções e a organização dos museus. A Museografia é o conjunto de técnicas relacionadas à Museologia.

O Museu e a Educação

O Museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite etc.

Entretanto, alguns museus, como os museus pedagógicos e os museus escolares, têm funções exclusivamente didáticas, que repercutem em sua organização e em seus métodos.

Órgãos Didáticos

De acordo com o nível do museu, o trabalho didático é confiado a um especialista chamado “pedagogo do museu”, ou a um serviço pedagógico, cujo chefe é ajudado por pedagogos especializados ou não, nas diversas atividades didáticas: visitas guiadas e outras atividades internas ou externas etc.

Quando o nível extremamente modesto de um Museu não permitir a contratação de um pedagogo, o conservador deverá desempenhar suas funções, além das suas próprias. A fórmula aplicada nos museus de um certo nível, de confiar as tarefas pedagógicas, por rodízio, à equipe científica, é exceção. De todas as formas, não deixa de ser útil que os conservadores, em razão de suas próprias funções, desempenhem, em caráter experimental, e na medida em que seja útil, determinadas tarefas pedagógicas relacionadas com sua especialidade.

O conservador determina os programas pedagógicos em colaboração com o pedagogo e inspeciona a sua realização. O pedagogo colabora com o conservador e com o museólogo quando se trata de exposições educativas.

Exposição

1) A exposição, meio específico dos museus

O texto e a imagem, o filme, o rádio e a televisão são meios de conhecimento dos objetos. Da mesma forma que as publicações, para quem as lê ou consulta, o Museu oferece a quem o visita a possibilidade de regular, à sua vontade, o ritmo de assimilação, ou, em outros termos, dá tempo para reflexão, crítica e deleite. De todos os meios citados, o Museu é o único que apresenta os objetos eles mesmos.

É certo que o Museu não pode prescindir do texto e pode utilizar outros procedimentos para melhor cumprir sua missão, mas deve-se evitar o excesso. Uma exposição não é um livro. Ela pode ser resumida de tal forma, a ponto de transformar-se em publicidade. Este risco, não menos grave, também deve ser evitado.

A exposição será mais eficiente quanto maiores forem os cuidados com seus próprios meios, utilizando-se aqueles possíveis, com base em um programa bem definido e a partir da exploração dos recursos disponíveis. É útil estudá-los aqui.

2) Exposição ecológica e sistemática

Até um certo ponto, os objetos podem ser apresentados no Museu exatamente como estavam em seu meio natural ou cultural de origem. Isto é o que acontece em um parque zoológico, em um grupo de casas, em um interior doméstico, em uma tumba, reconstituídos no museu. Podem ser apresentados em seu meio ambiente próprio: com ou sem vida. É o caso de um “parque natural”, de uma casa histórica conservada em sua integridade. Tudo isto constitui a exposição ecológica.

Retirados de seu meio de origem e introduzidos no museu, os objetos podem ser agrupados de acordo com vários critérios: procedência geográfica ou étnica, gênero ou espécie, técnica de fabricação ou de uso, época, estilo etc. Trata-se, então, de uma exposição sistemática.

Considerada do ponto de vista educativo, a exposição ecológica é a mais atrativa e espetacular e, por consequência, a mais facilmente assimilável. Entretanto, a exposição que permite estudar isoladamente e reduzir ao essencial os elementos da realidade natural ou cultural, constitui um complemento intelectual indispensável para a exposição ecológica. Isto, a princípio, nas melhores condições, quando a exposição sistemática recorre a um método de introdução relativamente recente, mas que, de um país a outro, pouco a pouco, está se expandindo nos museus.

Este método, que pode ser chamado de método lógico, é uma reação contra a tendência de apresentação dos objetos de acordo com critérios e disposições puramente formais, como dimensões e simetria axial. No espaço, nas paredes, nas vitrinas de uma sala, procura-se conservar nos objetos, até nos seus detalhes, os aspectos determinados pelos critérios adotados, o que conduz à liberação da simetria axial, salvo nos casos em que a lógica a impõe.

A exposição lógica é a mais difícil de se realizar, mas é também, pela sua natureza, a que mais se presta à intervenção verbal do educador. Em contrapartida, o texto, a rádio, o filme e a televisão lhe oferecem, é justo reconhecer, o meio de recompor, a seu gosto, os elementos da exposição.

3) Exposição polivalente e exposição especializada

Nas horas normais de abertura, nas salas de um museu, ingressa um público composto de pesquisadores, aficionados, gente da cidade ou da região, turistas, homens e mulheres de níveis culturais diferentes, possuidores de uma cultura geral ou de uma cultura especializada, jovens, adultos, velhos. Que tipo de exposição deve ser adotada para este público heterogêneo? Uma exposição sobrecarregada de explicações, orientada em excesso, decepciona as pessoas mais cultas e perde em eficácia. Mas, se tem um nível muito elevado, escapa à massa. Será que uma exposição destinada a um nível médio de visitantes deve ter também um nível médio? A solução é mais complexa.

Por um lado, deve-se procurar não colocar uma barreira entre o objeto e o visitante, mesmo que seja uma explicação. Deve-se deixar que o objeto – paisagens ou retratos de cavalete – expresse seu verdadeiro sentido. Não é certo que apenas pessoas de gosto apurado se sintam satisfeitas.

Por outro lado, há os visitantes menos preparados. A estes deve-se dedicar uma documentação explicativa, de valor didático – sem falar das etiquetas, sempre necessárias – mas empregada com moderação, somente quando seja útil, sempre discreta e reservada, e com aparência bem cuidada. Além desses visitantes, outros não deixarão de apreciar a utilidade deste recurso.

Pode-se ainda falar de uma exposição polivalente. Mas o Museu desempenhará por completo sua missão educadora com diversas exposições especializadas, que correspondam aos diferentes níveis dos visitantes.

Há, por um lado, as exposições chamadas “de estudo”, dedicadas a especialistas e aos aficionados mais informados, nas quais os elementos da coleção, apresentados com o mínimo aparato museográfico, são visíveis e levam suas etiquetas correspondentes, mas estão colocados um ao lado do outro. Alguns museus os incluem na apresentação polivalente, seja em caixas ou em armários mais ou menos dissimulados nas vitrinas (solução econômica, mas que tem o inconveniente de irritar o público), seja em um ou em vários setores especiais da sala (solução adotada no Museu do Homem de Paris). Em outros museus estão dispostos em uma ou em várias salas contíguas, diretamente acessíveis ao público da

exposição polivalente. Há outros, por último, que os colocam em salas mais ou menos distantes, acessíveis às vezes mediante uma campainha colocada à entrada (caso do Rijksmuseum de Amsterdã).

Aqui nos limitaremos a reafirmar os principais tipos de apresentações didáticas organizadas pelo pedagogo ou com a sua ajuda.

Em primeiro lugar, a *introdução documental*, destinada, como seu nome sugere, a assinalar os objetivos de uma exposição e as grandes linhas do assunto a ser tratado pelo museu, ou em uma de suas seções. Essa introdução tem muitas modalidades, desde a de um grande Museu até o simples cartaz da entrada de uma sala. Em média, discretamente situada no início do circuito da exposição polivalente, pode compor-se de objetos originais, maquetes, reproduções, modelos, fotografias, gráficos, textos etc. O objetivo desse conjunto não é refletir a topografia da exposição polivalente, e sim interpretar, de diversos ângulos, e animar, se possível, seus elementos.

Em seguida, a *apresentação documental temporária*, realizada à margem de uma exposição temporária de grande importância. Desta maneira foram complementadas a grande exposição Van Gogh que circulou nos Estados Unidos, e a grande exposição de arte etrusca que circulou pela Europa.

Mencionemos também a exposição documental temporária que se basta a si mesma, e se organiza em salas de mostras temporárias do Museu ou fora dele, com uma difusão maior ou menor, dirigida não só a outros museus, como também a várias formas de organização cultural, inclusive a sindicatos, fábricas, cooperativas e a outras instituições relacionadas ao mundo do trabalho e até aos cárceres. No seminário considerou-se conveniente:

- que essas exposições se completem, na medida do possível, não só com explicações destinadas às organizações locais, como também com pequenos guias especificamente impressos;
- que essas exposições sejam acompanhadas de um especialista;
- que sempre sejam destinadas a receber a participação local.

Os assistentes do seminário puderam ver no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro a exposição circulante sobre Rembrandt, acompanhada de um filme magnífico, que lhes pareceu um modelo em seu gênero.

Chamaram a atenção dos participantes do Seminário duas formas originais de exposições circulantes ainda desconhecidas na América Latina: a exposição transportada em ônibus, chamada de *museu-ônibus*, e a exposição cujos componentes se transportam em um barco, para expô-los nas escadas, sob um abrigo.

Por último, um Museu da juventude, combinado com um Museu propriamente dito, encontrou muitos partidários. A ele foi dedicada uma conclusão especial.

4) Exposição polivalente e ambiente sonorizado

Será possível evitar nas salas de exposições polivalentes essa espécie de rumor – mesmo que simpático – que é resultado das explicações verbais e do ruído dos grupos em movimento? Alguns visitantes podem incomodar-se muito, sobretudo aqueles, numerosos, que necessitam um pouco de recolhimento para impregnar-se do que veem.

Os imperativos da educação são demasiadamente importantes para que ela seja deliberadamente sacrificada. As decisões podem incluir a permissão da entrada de grupos somente em determinados dias ou horas, ou ainda, se possível, fora das horas de abertura ao público normal.

Existe outra questão relacionada com a tranquilidade do visitante: a sonorização. As visitas fonoguiadas, em comparação com as visitas radio-guiadas, são ruidosas. Em outra conclusão se estuda seu valor didático.

Resta considerar o ambiente musical do qual muitos pedagogos são partidários. No Seminário as opiniões estiveram divididas sobre este ponto, uns destacaram o valor didático e atrativo do procedimento, os outros formularam reservas sobre o incômodo que ele ocasiona a certos visitantes, e sobre seu caráter de valor emotivo, que, além de um certo limite, pode diminuir a atenção dedicada aos objetos que constituem o essencial da visita.

Chegou-se a um acordo sobre estes pontos:

- alta qualidade técnica da sonorização, intensidade muito moderada;
- preferência pela sonorização das exposições temporárias educativas, em relação às exposições polivalentes permanentes, ou, para estas, sonorizações limitadas a certos dias e a certas horas.

O Diretor mencionou um caso em que a sonorização não constitui uma música ambiente, mas, de certo modo, um elemento concreto da exposição: o som, no momento da visita ao novo Museu da Bocha em Bayonne (França). Uma montagem musical ilustra com precisão e em formas variadas a intervenção da música no desenvolvimento de uma partida de bola - o guia põe em funcionamento o som no momento preciso e à distância.

5) Valor didático da exposição segundo as classes de museus

Os museus são de tipos variados: museus num amplo sentido da palavra, que constituem os lugares naturais e de valor cultural, os monumentos históricos, os museus ao ar livre, os jardins botânicos e zoológicos; e museus no sentido estrito, em todas as esferas da arte e da ciência.

O valor didático da exposição varia segundo se trate de uma ou outra dessas classes.

a) *Lugares naturais*

Os parques, lugares naturais vigiados, que constituem a expressão mais perfeita da apresentação ecológica, devem ser respeitados integralmente a fim de que mantenham sua beleza e seu valor educativo. O sistema de indicações será discreto. Será útil neles instalar um Museu de importância variável, recorrendo segundo as necessidades a diversos tipos de apresentações polivalentes especializadas, às quais se acrescentariam, quando necessário, minúsculos museus satélites. No parque só serão então necessárias indicações cuidadosas e discretas.

b) *Lugares de interesse cultural e monumentos históricos*

Outras formas de apresentação ecológica são os lugares de interesse cultural e os monumentos históricos, utilizados ou não. Neste último caso, mesmo que se tenha conservado ou não seu mobiliário. Será aqui muito útil um Museu do lugar ou do monumento, instalado, segundo os casos, em edifício especial ou sala, ou em uma dependência do monumento.

c) *Museus ao ar livre*

Os museus ao ar livre têm, por sua vez, o caráter de uma apresentação sistemática (são coleções de edifícios colocados dentro de um recinto)

e de uma apresentação ecológica. Esses edifícios se apresentam em sua antiga realidade histórica.

Um edifício especialmente destinado a este fim permitirá também apresentar e interpretar em seu conjunto os elementos do museu.

d) Parques botânicos e zoológicos

Quando seus elementos estão situados ao ar livre ou no interior de um edifício, parques botânicos ou zoológicos participam também, às vezes, das duas grandes formas de apresentação: *sistemática*, dependendo da seleção das espécies, e *ecológica*, na medida em que se tenta colocá-las em lugares correspondentes ao seu meio de origem. Igual discrição se impõe no que se refere aos sistemas de indicação e de interpretação individual de seus elementos. A instalação de pequenos museus de informação, do tipo dos precedentes, multiplicados e descentralizados se necessário, é especialmente útil.

e) Museus de arte e arte aplicada

O prazer estético é de importância capital nos museus de arte e deve evitar-se ao máximo misturar, e ainda colocar demasiadamente juntos, originais, réplicas e documentação explicativa.

A introdução documental, as exposições circulantes etc. podem desempenhar aqui delicado papel de facilitar, por diferentes meios, a compreensão da obra de arte: compreensão *histórica* do tema da obra, da vida do artista, da maneira como os temas são evocados pelos artistas; compreensão *técnica* através dos procedimentos de execução das obras; compreensão *estética*, a mais difícil e também a mais necessária de todas, da composição, do estilo etc., obtida, se necessário, por comparação com outras obras do artista, de sua escola ou de outras escolas.

Os interiores de época (*period rooms*), expostos nos museus de artes aplicadas, pertencem à apresentação ecológica.

f) Museus históricos, etnológicos e de artes populares

O prazer estético é aqui ainda de grande importância, pela apresentação repetida de elementos originais de culturas pré-industriais

históricas ou contemporâneas, porém têm já maior peso os imperativos documental e educativo.

Pode-se atender ao conjunto dessas exigências, dando às réplicas e maquetes, assim como à documentação polivalente de caráter didático, a devida importância. A apresentação sistemática inclui uma documentação que procura identificar os originais. A quantidade de documentação polivalente é, apesar de tudo, variável segundo as formas de exposição.

Deve-se assinalar também o interesse particular que oferecem as reconstituições de interiores.

g) Museus de ciências naturais

O interesse de uma documentação polivalente e de caráter didático é o mesmo que o da categoria precedente. Pela natureza dos objetos expostos e pelas normas que regem estes casos, existe aqui uma grande facilidade para colocar juntos originais, réplicas, maquetes e documentação.

Há que se assinalar o interesse especial que oferecem os dioramas ecológicos completos ou parciais (estes são mais econômicos).

Não se pode esquecer que os originais, as réplicas fiéis ou os modelos acabados podem emitir certa poesia e certa beleza.

h) Museus científicos e técnicos

O mesmo imperativo documental das duas categorias precedentes, e as mesmas observações quanto ao poder mágico de determinados elementos e à variabilidade das formas de exposição.

A linha divisória entre material original e material documental desaparece. O material original, pelo fato de pertencer à era industrial, nada perde pelo contato com o material documental. Pode até depreender-se do todo uma verdadeira harmonia.

Deve-se assinalar o interesse particular que oferecem os aparelhos que funcionam apertando-se um botão, as minas reconstituídas, os planetários (parece que não existem mais que dois exemplares deles na América Latina).

i) Conclusão

Com a condição de que seja lógica e agradável, e que proponha em vez de impor, a exposição terá por si valor didático.

Deve-se dedicar uma atenção especial à exposição polivalente, que deverá manter-se em certo nível, porque, além de dirigir-se ao visitante médio, que não pode ser decepcionado, deverá contribuir para a evolução dos visitantes não preparados, porém inteligentes, tornando-se para eles uma etapa crucial entre as apresentações de caráter didático e as apresentações de estudo.

Não deixam de ter grande importância as apresentações especializadas de caráter didático, que merecem igualmente ser tratadas com a maior atenção.

Em todas essas diferentes esferas, o conservador desempenhará importantes funções se, nas apresentações de toda natureza, puder contar com a colaboração de um museólogo qualificado, e na exposição didática, com a de um pedagogo, e se as autoridades competentes lhe proporcionarem todos os meios necessários.

2. A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972)¹

Apresentação (1995)

*Hugues de Varine*²

Minhas lembranças da aventura de Santiago

Em 1971, o ICOM realizou na França uma Conferência Geral que traria modificações substanciais ao conteúdo e à forma da cooperação internacional entre os museus: revisão dos estatutos e da definição de museu, afirmação da importância do meio ambiente na vocação dos museus, surgimento da dimensão “política” no conceito de *museu* etc. Em Grenoble, a intervenção de Mario Vázquez, do México, questionando o papel do Museu na sociedade, provocou sensação.

Nesse mesmo ano, a Unesco solicitou ao ICOM colaboração na organização, para o ano seguinte, de uma mesa-redonda sobre o papel dos museus na América Latina contemporânea. Esta mesa-redonda se inscrevia em uma sucessão de Seminários regionais semelhantes, os últimos dos quais ocorreram no Rio de Janeiro (1958), em Jos (Nigéria, 1964) e em Nova Déli (1966).

Desde o início, nos pareceu evidente que não seria possível repetir o modelo de organização das reuniões precedentes, nas quais um grupo de especialistas museólogos, majoritariamente europeus ou norte-americanos, falava de maneira mais ou menos dogmática, em francês ou inglês, aos “colegas” locais. A América Latina de 1972 eram os grandes museus do México, de Cuba, do Brasil, da Argentina, que não tinham lições a receber. De outra parte, era um continente que não falava nem francês nem inglês.

Tivemos então a ideia de organizar um Encontro onde a única língua de comunicação seria o espanhol (os brasileiros, supostamente, se arranjariam em “portunhol”), no qual os especialistas convidados seriam todos latino-americanos. Como os participantes seriam eles

¹ Evento realizado em Santiago do Chile, 1972.

² Tradução de Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina Oliveira Bruno.

mesmos museólogos de alta reputação, nos pareceu inútil prever intervenções de outros museólogos.

Eu estava, naquele momento, criando na França uma ONG internacional denominada Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos (*Institut Oecuménique pour le Développement des Peuples* - Inodep), cuja presidência seria confiada a Paulo Freire, então consultor para educação do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Genebra. Por que não lhe entregar a direção da Mesa-Redonda que deveria se realizar em Santiago, então sob o regime da Unidade Popular, que Paulo Freire conhecia tão bem? Ele aceitou imediatamente a sugestão de transpor suas ideias de educador em linguagem museológica: eu posso mesmo dizer que isso lhe agradou. Infelizmente, o delegado brasileiro junto à Unesco se opôs formalmente à designação de Paulo Freire, evidentemente, por razões puramente políticas.

Tivemos de retomar nossa pesquisa e finalmente constituímos um grupo de quatro intervenientes-animateiros, todos latino-americanos, cada um encarregado de um setor chave do desenvolvimento: um peruano (Educação), um panamenho (Agricultura) e dois argentinos (Meio Ambiente e Urbanismo). Foi o especialista em Urbanismo, Jorge Enrique Hardoy, então Diretor do Instituto Torcuato di Tella de Buenos Aires, que provocou a revolução nos espíritos. Eu não o conhecia: ele nos foi recomendado por colegas da Unesco como excelente especialista de cidades, sobretudo de grandes metrópoles, que vinha estudando no plano internacional. Eu o encontrei pela primeira vez quando cheguei a Santiago.

Ele falou durante dois dias na Mesa-Redonda, antes de retornar a seu país. Falou sem anotações, com um quadro-negro e um giz. Esses dois dias foram suficientes: os museólogos latino-americanos presentes, em número de doze, funcionários importantes, representando os maiores museus de seus respectivos países, tomaram consciênciade que não conheciam as cidades onde viviam, onde trabalhavam, onde haviam educado seus filhos. Profissionais competentes nas suas especialidades, eles haviam ficado (mesmo Mario Vázquez) à margem da realidade da explosão urbana que havia ocorrido durante as duas últimas décadas. Eles eram incapazes de se projetar no futuro para imaginar o que iria se passar, e que necessidades culturais e sociais teriam as populações imensas e, geralmente, muito pobres. Em Bogotá, como em Quito, eles estavam “sentados” sobre toneladas de ouro pré-colombiano; no Brasil ou na Argentina, eles eram responsáveis pelas coleções de Belas Artes ou

de espécimes científicos; no México, o público era constituído mais por turistas “gringos” que por índios, cuja herança se apresentava nas salas.

Durante uma semana, depois da partida de Jorge Hardoy e após as intervenções esclarecedoras dos três outros especialistas, que lhes forneceram mais elementos de apreciação sobre o mundo urbano e o mundo rural, sobre o meio ambiente e sobre a juventude, os participantes imaginaram em conjunto, em espanhol, o conceito de *museu integral*, que eles desenvolveram nas resoluções tornadas célebres: aquelas dos dias 30 e 31 de maio de 1972, ditas “Declaração de Santiago”.

O essencial da mensagem de Santiago

Quando relemos, hoje, os textos de Santiago, percebemos que eles, evidentemente, envelheceram, tanto na forma como no conteúdo. Mas é sempre possível reencontrar seu sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário.

O que existe de mais inovador, a meu ver, fora do contexto da época, são sobretudo duas noções que aparecem melhor, embora às vezes mal colocadas, nas “considerações” das resoluções, e não nelas mesmas:

- aquela de *museu integral*, isto é, que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade;
- aquela do museu como *ação*, isto é, instrumento dinâmico de mudança social.

Dessa forma se esquecia aquilo que se havia constituído, durante mais de dois séculos, na mais clara vocação do museu: a missão da coleta e da conservação. Chegou-se, em oposição, a um conceito de *patrimônio global a ser gerenciado* no interesse do homem e de todos os homens.

O que aconteceu desde Santiago?

Nos grandes museus da América Latina não mudou muita coisa. As coleções nacionais e suas instituições imitam, mais ou menos, os estilos museológicos em vigor no mundo industrializado. Os imperativos turísticos, os gostos das oligarquias do poder e do dinheiro ainda são a

norma. A maioria dos participantes de Santiago não pôde implementar as resoluções adotadas. Além disso, os sobreviventes, como eu, estão 23 anos mais velhos...

Experiências foram e ainda são feitas na própria América: a “Casa del Museo”, no México, que malogrou, mas cujas lições foram analisadas e compreendidas; os museus comunitários locais e escolares no México; os museus comunitários, algumas vezes denominados ecomuseus³ no Brasil etc. Não conheço muito bem o que se passou em outras regiões.

No resto do mundo, o impacto de Santiago foi considerável, mas tardio: até o início da década de 1980, ninguém falava de Santiago. O *museu integral* era esquecido, a não ser por seus autores e pelo grupo de fundadores do Museu da Comunidade do Creusot Montceau (*Musée de la Communauté Le Creusot Montceau*). Depois, progressivamente, o efeito de modernização foi reforçado pelas Conferências Gerais do ICOM de 1971 e 1974 (nesta última, como naquela de 1986 na Argentina, Jorge Hardoy foi convidado a falar). Os ecomuseus “de desenvolvimento” na França, em Portugal, no Quebec, na Suécia e na Noruega são os herdeiros diretos de Santiago. O Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom) e seus sucessivos ateliês internacionais a ele se referem explicitamente, da mesma forma que as Declarações de Quebec, Lisboa e Oaxaca. Um “tratado da Nova Museologia” está em vias de aparecer na Índia. Ainda mais impressionante, um primeiro Museu comunitário acaba de nascer nos Estados Unidos (em uma comunidade indígena), e os ecomuseus (no sentido de Museu Integral) serão objeto de um ateliê da Associação Americana de Museus, na Filadélfia, em 1995.

Enfim, como iniciativa da Unesco, o Encontro de Caracas, em 1992, partindo de métodos renovados, mas com o mesmo espírito, permitiu rejuvenescer a doutrina de Santiago, desenvolvê-la e retomá-la junto a uma nova geração de museólogos.

Além de Santiago

Se colocarmos à parte os museus “oficiais”, aqueles que chamamos na França “museus de arte e de história”, que surgiram no século XIX

³ O Ecomuseu é uma outra história, sem nenhuma ligação com aquela de Santiago, ainda que reflita a mesma evolução do conceito de museu, de maneira mais confusa.

e seguem as modas estéticas e intelectuais do momento, e também os grandes museus científicos de dimensão ao menos nacional, os museus de hoje vivem dois fenômenos que estavam no embrião do movimento de Santiago:

- o nascimento de museologias nacionais “incultas”, ilustrado pela multiplicação de formações universitárias em Museologia, e de grupos locais de “jovens museólogos” (algumas vezes não tão jovens!);
- a multiplicação de museus locais, devida à iniciativa comunitária, sem especialização disciplinar, e muitas vezes sem muito profissionalismo, mas levando em consideração a identidade e os projetos de um território e de sua população.

A noção de Museu como *instrumento de desenvolvimento*, desconhecida antes de 1972, é agora largamente formulada e admitida. O mesmo ocorre com a noção de *função social* do museu. E também com a de *responsabilidade política* do museólogo.

Em alguns países, as antologias aparecem, retomando antigos textos sobre o que agora denomina-se, correntemente, como a “Nova Museologia”: França, Noruega, México, Suécia, Índia etc. Descobre-se que antecedentes existiram, reencontram-se os textos fundadores de John Kinard, criador do Museu de Vizinhança de Anacostia, em Washington (Anacostia Neighborhood Museum), ou de Duncan Cameron.

Enfim, a doutrina de Santiago, renovada pela Declaração de Caracas, amplia-se até incorporar a utilização do patrimônio natural e cultural, mesmo fora do âmbito dos museus. A ideia do território como Museu faz seu caminho, seja em Seixal (Portugal), seja em Santa Cruz (Rio de Janeiro) ou Molinos (Aragão, Espanha).

No momento em que se fala não somente de teologia da libertação, mas de filosofia da libertação, o Museu está pronto para desempenhar seu papel libertador das forças criativas da sociedade, para a qual o patrimônio não é mais somente um objeto de deleite, mas antes de tudo uma fonte maior de desenvolvimento.

Mesa-redonda de Santiago do Chile (1972)¹ Documento Final do Evento

1. Princípios de base do Museu Integral

Os membros da Mesa-Redonda sobre o papel dos museus na América Latina de hoje, analisando as apresentações dos animadores sobre os problemas do meio rural, do meio urbano, do desenvolvimento técnico-científico e da educação permanente, tomaram consciência da importância desses problemas para o futuro da sociedade na América Latina.

Pareceu-lhes necessário, para a solução desses problemas, que a comunidade entenda seus aspectos técnicos, sociais, econômicos e políticos.

Eles consideraram que a tomada de consciência, pelos museus, da situação atual e das diferentes soluções que se podem vislumbrar para melhorá-la, é condição essencial para sua integração à vida da sociedade. Dessa maneira, consideraram que os museus podem e devem desempenhar papel decisivo na educação da comunidade.

Santiago, 30 de maio de 1972.

¹ Tradução de Marcelo Mattos Araujo e Maria Cristina Oliveira Bruno.

Resoluções adotadas pela mesa-redonda de Santiago do Chile

1. Por uma mutação do Museu da América Latina:

Considerando

- Que as transformações sociais, econômicas e culturais que se produzem no mundo, sobretudo em um grande número de regiões em via de desenvolvimento, são um desafio para a Museologia;
- Que a humanidade vive atualmente um período de crise profunda; que a técnica permitiu à civilização material realizar gigantescos progressos que não tiveram equivalência no campo cultural; que esta situação criou um desequilíbrio entre os países que atingiram alto nível de desenvolvimento material e aqueles que permanecem à margem dessa expansão e que foram mesmo abandonados ao longo de sua história; que os problemas da sociedade contemporânea são devidos a injustiças, e que não é possível pensar em soluções para esses problemas enquanto essas injustiças não forem corrigidas;
- Que os problemas colocados pelo progresso das sociedades no mundo contemporâneo devem ser pensados globalmente e resolvidos em seus múltiplos aspectos; que eles não podem ser resolvidos por uma única ciência ou por uma única disciplina; que a escolha das melhores soluções a serem adotadas, e sua aplicação, não devem ser apanágio de um grupo social, mas exigem ampla e consciente participação e pleno engajamento de todos os setores da sociedade;
- Que o Museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento dessas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais;
- Que esta nova concepção não implica a supressão dos museus atuais, nem a renúncia aos museus especializados, mas que se con-

sidera que ela permitirá aos museus se desenvolverem e evoluírem da maneira mais racional e mais lógica, a fim de melhor servirem à sociedade; que, em certos casos, a transformação prevista ocorrerá lenta e mesmo experimentalmente, mas que, em outros, ela poderá ser o princípio diretor essencial;

- Que a transformação das atividades dos museus exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis pelo museu, assim como das estruturas das quais eles dependem; que, de outro lado, o Museu Integral necessitará, a título permanente ou provisório, da ajuda de especialistas de diferentes disciplinas e de especialistas de ciências sociais;
- Que por suas características particulares, o novo tipo de Museu parece ser o mais adequado para uma ação em nível regional, em pequenas localidades, ou de médio tamanho;
- Que, tendo em vista as considerações aqui expostas, e o fato de o Museu ser uma “instituição a serviço da sociedade, que adquire, comunica e sobretudo expõe, para fins de estudo, conservação, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem”, a mesa-redonda sobre o papel do Museu na América Latina de hoje, convocada pela Unesco em Santiago do Chile, de 20 a 31 de maio de 1972,

Decide de maneira geral

- Que é necessário abrir o Museu às disciplinas que não estão incluídas no seu âmbito de competência tradicional, a fim de conscientizá-lo do desenvolvimento antropológico, socioeconômico e tecnológico das nações da América Latina, através da participação de consultores para a orientação geral dos museus;
- Que os museus devem intensificar seus esforços na recuperação do patrimônio cultural, para fazê-lo desempenhar um papel social e evitar que ele seja dispersado fora dos países latino-americanos;
- Que os museus devem tornar suas coleções o mais acessíveis possível aos pesquisadores qualificados, e também, na medida do possível, às instituições públicas, religiosas e privadas;
- Que as técnicas museográficas tradicionais devem ser modernizadas para estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante; que o Museu deve conservar seu caráter de instituição permanente, sem que isso implique a utilização de técnicas e de materiais dispendiosos e complicados, que poderiam conduzir o

Museu a um desperdício incompatível com a situação dos países latino-americanos;

- Que os museus devem criar sistemas de avaliação que lhes permitam determinar a eficácia de sua ação em relação à comunidade;
- Que, levando em consideração os resultados da pesquisa sobre as necessidades atuais dos museus e sua carência de pessoal, a ser realizada sob os auspícios da Unesco, os centros de formação de pessoal existentes na América Latina devem ser aperfeiçoados e desenvolvidos pelos próprios países; que essa rede de centros de formação deve ser completada e sua influência se fazer sentir no plano regional; que a reciclagem de pessoal atual deve ser garantida em nível nacional e regional; e que lhe seja dada a possibilidade de aperfeiçoamento no estrangeiro.

Em relação ao meio rural

Que os museus devem, acima de tudo, servir à conscientização dos problemas do meio rural, das seguintes maneiras:

- Exposição de tecnologias aplicáveis ao aperfeiçoamento da vida da comunidade;
- Exposições culturais propondo soluções diversas ao problema do meio social e tecnológico, a fim de proporcionar ao público uma consciência mais aguda sobre esses problemas, e reforçar as relações nacionais, a saber:
 - Exposições relacionadas com o meio rural nos museus urbanos;
 - Exposições itinerantes;
 - Criação de museus de sítios.

Em relação ao meio urbano

Que os museus devem servir à conscientização mais profunda dos problemas do meio urbano, das seguintes maneiras:

- Os “museus de cidade” deverão insistir de modo particular no desenvolvimento urbano e nos problemas que ele coloca, tanto em suas exposições quanto em seus trabalhos de pesquisa;
- Os museus deverão organizar exposições especiais ilustrando os problemas do desenvolvimento urbano contemporâneo;

- Com a ajuda dos grandes museus, deverão ser organizadas exposições, e criados museus em bairros e nas zonas rurais, para informar os habitantes das vantagens e inconvenientes da vida nas grandes cidades;
- Deverá ser aceita a oferta do Museu Nacional de Antropologia do México, de experimentar, através de uma exposição temporária sobre a América Latina, as técnicas museológicas do Museu Integral.

Em relação ao desenvolvimento científico e técnico

Que os museus devem levar à conscientização da necessidade de um maior desenvolvimento científico e técnico, das seguintes maneiras:

- Os museus estimularão o desenvolvimento tecnológico, levando em consideração a situação atual da comunidade;
- Na ordem do dia das reuniões dos ministros de educação e (ou) das organizações especialmente encarregadas do desenvolvimento científico e técnico, deverá ser inscrita a utilização dos museus como meio de difusão dos progressos realizados nessas áreas;
- Os museus deverão dar ênfase à difusão dos conhecimentos científicos e técnicos, por meio de exposições itinerantes que deverão contribuir para a descentralização de sua ação.

Em relação à educação permanente

Que o museu, agente incomparável da educação permanente da comunidade, deverá acima de tudo desempenhar o papel que lhe cabe, das seguintes maneiras:

- Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu;
- Deverão ser integrados à política nacional de ensino os serviços que os museus deverão garantir regularmente;
- Deverão ser difundidos nas escolas e no meio rural, através dos meios audiovisuais, os conhecimentos mais importantes;
- Deverá ser utilizado na educação, graças a um sistema de descentralização, o material que o Museu possuir em muitos exemplares;

- As escolas serão incentivadas a formar coleções e a montar exposições com objetos do patrimônio cultural local;
- Deverão ser estabelecidos programas de formação para professores dos diferentes níveis de ensino (primário, secundário, técnico e universitário).

As presentes recomendações confirmam aquelas que puderam ser formuladas ao longo dos diferentes seminários e mesas-redondas sobre museus, organizados pela Unesco.

2. Pela criação de uma Associação Latino-Americana de Museologia:

Considerando

- Que os museus são instituições a serviço da sociedade, que adquire, comunica e sobretudo expõe, para fins de estudo, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem;
- Que, especialmente nos países latino-americanos, eles devem responder às necessidades das grandes massas populares, ansiosas por atingir uma vida mais próspera e mais feliz, através do conhecimento de seu patrimônio natural e cultural, o que obriga frequentemente os museus a assumir funções que, em países mais desenvolvidos, cabem a outros organismos;
- Que os museus e os museólogos latino-americanos, com raras exceções, sofrem dificuldades de comunicação em razão das grandes distâncias que os separam um do outro, e do resto do mundo;
- Que a importância dos museus e as possibilidades que eles oferecem à comunidade ainda não são plenamente reconhecidas por todas as autoridades, nem por todos os setores do público;
- Que durante a 8^a e a 9^a Conferência Geral do ICOM, realizadas, respectivamente, em Munique em 1968, e em Grenoble em 1971, os museólogos latino-americanos que estiveram presentes indicaram a necessidade de criação de um organismo regional;

A Mesa-Redonda sobre o papel dos museus da América Latina de hoje, convocada pela Unesco em Santiago do Chile, de 20 a 31 de maio de 1972,

Decide

1. Criar a Associação Latino-Americana de Museologia (Alam), aberta a todos os museus, museólogos, museógrafos, pesquisadores e educadores empregados pelos museus com os objetivos e através das maneiras seguintes:
 - Dotar a comunidade regional de melhores museus, concebidos à luz da experiência adquirida nos países latino-americanos;
 - Constituir um instrumento de comunicação entre os museus e os museólogos latino-americanos;
 - Desenvolver a cooperação entre os museus da região por meio do intercâmbio e empréstimo de coleções e do intercâmbio de informações e de pessoal especializado;
 - Criar um organismo oficial que faça conhecer os desejos e a experiência dos museus e de seu pessoal aos membros da profissão, à comunidade à qual eles pertencem, às autoridades e a outras instituições congêneres;
 - Afiliar a Associação Latino-Americana de Museologia ao Conselho Internacional de Museus, adotando uma estrutura na qual seus membros sejam ao mesmo tempo membros do ICOM;
 - Dividir, para fins operacionais, a Associação Latino-Americana de Museologia em quatro seções correspondentes provisoriamente às regiões e países seguintes:
 - América Central, Panamá, México, Cuba, São Domingos, Porto Rico, Haiti e Antilhas Francesas.
 - Colômbia, Venezuela, Peru, Equador e Bolívia.
 - Brasil.
 - Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.
2. Que os abaixo assinados, participantes da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, se constituem em Comitê de Organização da Associação Latino-Americana de Museologia, notadamente em um Grupo de Trabalho composto de cinco pessoas, quatro dentre elas representando cada uma das zonas acima enumeradas, e a quinta desempenhando o papel de coordenador geral; que esse Grupo de Trabalho terá como objetivo, no prazo máximo de seis meses, elaborar o Estatuto e os regulamentos da associação; definir com o ICOM as formas de ação conjunta; organizar eleições para a constituição dos diversos órgãos da Alam; estabelecer a sede dessa associação, provisoriamente, no

Museu Nacional de Antropologia do México; compor esse grupo de trabalho com as seguintes pessoas, representando suas zonas respectivas:

Zona 1: Luís Diego Gomes Pignataro (Costa Rica);
Zona 2: Alicia Durand de Reichel (Colômbia);
Zona 3: Lygia Martins Costa (Brasil);
Zona 4: Grete Mostny Glaser (Chile);
Coordenador: Mario Vázquez (México).

Santiago, 31 de maio de 1972.

3. Recomendações apresentadas à Unesco pela mesa-redonda de Santiago do Chile

A Mesa-Redonda sobre o papel do Museu na América Latina de hoje, convocada pela Unesco em Santiago do Chile, de 20 a 31 de maio de 1972, apresenta à Unesco as seguintes recomendações:

1. Um dos resultados mais importantes a que chegou a Mesa-Redonda foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus: o Museu Integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Ela sugere que a Unesco utilize os meios de difusão que se encontram à sua disposição para incentivar esta nova tendência.
2. A Unesco prosseguiria e intensificaria seus esforços para contribuir com a formação de técnicos de Museu – tanto no nível de ensino secundário quanto no do universitário, como ela tem feito, até agora, no Centro Regional “Paul Coremans”.²
3. A Unesco incentivará a criação de um Centro Regional para a preparação e a conservação de espécimes naturais, do qual o atual Centro Nacional de Museologia de Santiago poderá se constituir em núcleo original. Além de sua função de ensino (formação técnica) e de sua função profissional no campo da Museologia (preparação e conservação de espécimes naturais), e de produção de material de ensino, esse Centro Regional poderá desempenhar papel importante na proteção das riquezas naturais.

² Centro Latino-Americano de Estudos para a Conservação e Restauração de Bens Culturais. Convento de Churubusco, México.

4. A Unesco deverá conceder bolsas de estudo e de aperfeiçoamento para técnicos de museus com instrução de nível secundário.
5. A Unesco deverá recomendar aos ministérios de Educação e de Cultura e (ou) aos organismos encarregados de desenvolvimento científico, técnico e cultural, que considerem os museus como um meio de difusão dos progressos realizados naquelas áreas.
6. Em razão da importância do problema da urbanização na América Latina e da necessidade de esclarecer a sociedade a esse respeito, em diferentes níveis, a Unesco deverá encorajar a redação de um livro sobre a história, o desenvolvimento e os problemas das cidades na América Latina, o qual seria publicado sob forma de obra científica e sob forma de obra de divulgação. Para atingir um público mais vasto, a Unesco deverá produzir um filme sobre essa questão, adequado a todos os tipos de público.

3. A Declaração de Quebec (1984)¹

Apresentação (1995)

Mário Canova Moutinho

A compreensão e a contextualização da Declaração de Quebec devem ser procuradas e relacionadas com as propostas e as condições de realização do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, que teve lugar em Quebec em outubro de 1984, durante o qual essa declaração veio a tomar forma.

Entre os objetivos prioritários do Ateliê devem ser mencionados a tentativa de criação de condições de intercâmbio entre as experiências de Ecomuseologia e, de modo geral, da Nova Museologia no mundo, e o esclarecimento das suas relações com a Museologia instituída em geral. Enfim, pretendia-se aprofundar e rever conceitos, encorajando ao mesmo tempo novas práticas museológicas.

Nesse sentido foram organizados grupos de trabalho ou sessões plenárias dedicados às técnicas e à filosofia da Museologia popular, questões de definição, situação atual dos projetos museais, novas experiências, sentidos da participação, descentralização e desenvolvimento. Dois outros grupos aprofundaram o conteúdo do projeto de Declaração de Quebec e estudaram as condições de desenvolvimento da colaboração internacional.

Desiludidos com a atitude segregadora do ICOM e em particular do Icofom, claramente manifestada na reunião de Londres de 1983, rejeitando liminarmente a própria existência de práticas museológicas não conformes ao quadro estrito da Museologia instituída, um grupo de museólogos propôs-se a reunir, de forma autônoma, representantes de práticas museológicas então em curso, para avaliar, conceitualizar e dar forma a uma organização alternativa para uma Museologia que se apresentava igualmente como uma Museologia alternativa.

Nesse mesmo ano de 1983, foi realizado um Ateliê no Ecomuseu de Haute Beauce, no Canadá, dedicado a Georges Henri Rivière, o qual deu início à preparação do ateliê e da Declaração de Quebec.

¹ Evento realizado em Quebec, Canadá, 1984.

Por oposição a uma Museologia de coleções, tomava forma uma Museologia de preocupações de caráter social.

Nesse sentido, a referência à Declaração de Santiago do Chile, sempre presente durante todo o Ateliê, é reveladora das implicações sociopolíticas do próprio Ateliê de Quebec.

Tratava-se de refletir e dar continuidade à reflexão de Santiago, mas também e talvez aqui esteja um dos aspectos mais importantes desse Ateliê, organizar o que se sentia ser um movimento simultâneo em numerosos países, mas no qual os diferentes intervenientes se encontravam, de certa forma, isolados entre si e, naturalmente, mais ainda em face dos poderes instituídos.

Da ideia vaga de novas formas de Museologia (museus comunitários, museus de vizinhança, ecomuseus etc.), o ateliê foi evoluindo para o reconhecimento de um movimento com uma amplidão que não podia mais deixar de ser tomada como uma realidade nova da Museologia.

Processo doloroso para uma parte dos participantes, os quais viam na Ecomuseologia a principal, se não a única, forma de Nova Museologia, por oposição a outra parte dos participantes, os quais pretendiam ver a ideia de Nova Museologia estendida a outras expressões museais.

Num documento de trabalho, então distribuído, eram apresentados alguns aspectos específicos de uma Nova Museologia.

A utilização de testemunhos materiais e imateriais deveria ter por objetivo dar conta, explicar e desenvolver experimentação, antes e senão apenas, de serem transformados em objetos passíveis de constituir coleções.

A investigação e a interpretação assumiriam toda a sua importância se voltadas para as questões de ordem social. Constituíam, por seu lado, preocupações essenciais da Nova Museologia, encaminhando soluções e identificando problemas.

O objetivo da Museologia deveria ser o desenvolvimento comunitário, promotor de postos de trabalho pela revitalização artesanal, agrícola e industrial.

O Museu saindo do edifício que tradicionalmente o abriga permitiria, em última análise, a sua inserção nos meios desfavorecidos e a disponibilidade de novo tipo de “coleções” particulares.

Essencial à Nova Museologia era a interdisciplinaridade que contrariava os saberes isolados e redutores, abrindo novos territórios à reflexão científica, empírica ou mesmo pragmática.

O público, nesta perspectiva, deixava de ter um lugar fundamental nesses novos museus, para dar lugar à ideia de colaborador, de utilizador ou de criador. Mais importante do que observar, a Nova Museologia propunha o ato de realizar, com suporte de reflexão e de intervenção. A ideia de trabalho coletivo integrava-se nesta atitude introduzindo a ideia de que a exposição museológica era, ou deveria ser, antes de tudo, um processo de formação permanente e não mais o objeto de contemplação.

As referências formais desta Museologia, naquele momento, apontavam para várias experiências museológicas em curso. Entre outras situações estiveram sempre presentes no Ateliê exemplos vindos dos mais variados lugares:

- O Museu Nacional do Níger, no qual se subordinavam as tarefas propriamente museológicas a um objetivo de primeira importância social – a construção de uma identidade nacional, provocando uma percepção própria da função dos museus, atitude igualmente válida para o Mali, a República dos Camarões e o Panamá.
- Os museus de vizinhança essencialmente vocacionados para a animação de bairros urbanos hispanófonos e negros das grandes cidades norte-americanas, onde se dava particular importância aos problemas do urbanismo, da identidade dos moradores e do seu bem-estar, preocupando-se com as questões de poluição, alojamento, reabilitação social e criação artística. O Anacostia Neighborhood Museum de Washington era uma referência fundamental.
- A renovação da Museologia mexicana, em certa medida próxima dos museus de vizinhança, no âmbito do projeto Casa del Museo, onde os objetivos se expressavam pela animação e discussão sobre questões da vida cotidiana, com forte implicação popular.
- Na Suécia, as exposições populares organizadas com o apoio ou por iniciativa da Riksutstälningar – onde a museografia,

particularmente cuidada mas utilizando materiais simples, é simultânea aos trabalhos de Sven Lindquist sobre a memória operária – renovaram o interesse pela criação e remodelação de museus de empresa e dos círculos de estudo e, de um modo mais vasto, provocaram um olhar novo sobre a sociedade sueca.

- Os museus de arqueologia industrial, que no Reino Unido se embasavam na capacidade das populações de se apropriarem dos métodos da arqueologia e da história local, organizando a restauração de espaços industriais e assegurando a sua animação e o acolhimento turístico.

Os ecomuseus, por seu lado, invocando especialmente o pensamento e a ação de Georges Henri Rivière e de Hugues de Varine, colocavam, entre outros, os problemas da territorialidade, da interdisciplinaridade e, como nos casos já referidos, da própria participação das populações como agentes e utilizadoras das programações ecomuseológicas com vistas ao desenvolvimento social do meio que lhes dá vida. A multiplicidade das formas que os ecomuseus haviam tomado alargava a ideia de ecomuseu e das suas diferentes potencialidades: reivindicação social, investigação e ligação com as universidades, identidade, consoante os meios e países em questão. Reconhecia-se já a existência de ecomuseus tradicionais e de ecomuseus de desenvolvimento.

O confronto dos aspectos específicos com os aspectos formais dessas museologias colocava, na verdade, a questão sobre a forma como em cada situação se resolviam ou não os problemas da interdisciplinaridade, da territorialidade e da participação popular. Como se ajustava a memória coletiva às diferentes formas dessa participação? Qual o lugar da perspectiva artística nesses processos?

Todo esse debate foi, ao longo do Ateliê, ilustrado por apresentações de práticas museológicas vindas dos mais variados países e pelo confronto com o trabalho do Ecomuseu de Haute Beauce, onde se revelavam, se não respostas, pelos menos tentativas de respostas às questões referidas.

Decididamente a Museologia deixava a cidade, o espaço urbano, para se revelar como fator de desenvolvimento e fonte de novas solidariedades. Os dados estavam lançados.

Quando se reuniu a sessão plenária para discutir a Declaração de Quebec, a demonstração da real existência de uma nova postura museológica, renovadora, criativa e militante, bem mais ampla do que a Ecomuseologia por si só pressupunha, levou naturalmente a uma primeira rejeição do texto proposto. Uma leitura mais atenta acabou por mostrar que, na verdade, havia um conjunto de ideias que eram partilhadas, e que, em definitivo, todos pretendiam ultrapassar as diferenças de sensibilidades, desde que isso conduzisse à criação de uma estrutura que desse continuidade ao trabalho desenvolvido durante a semana do Ateliê.

Aceita a ideia de que o Ateliê havia revelado a existência de um novo *Movimento* museológico, enraizado numa multiplicidade de práticas, foi então adotada, nesse espírito, e no intuito de permitir o desenvolvimento e a eficácia dessas museologias, a criação de um Comitê Internacional “Ecomuseus/Museus comunitários” no quadro do ICOM, e a criação de uma Federação Internacional da Nova Museologia que poderia ser associada ao ICOM e ao Icomos, cuja sede provisória seria no Canadá. Igualmente propunha-se a formação de um Grupo de Trabalho Provisório cujas primeiras ações seriam a organização das estruturas propostas, clarificando e formulando os objetivos da futura associação, a aplicação de um plano trienal de encontros e de colaboração internacional e a prestação de assistência ao comitê organizador do Segundo Ateliê.

O GTP, como passou a ser denominado, reuniu-se em seguida, em abril, em Lisboa, em julho em Paris, e em novembro novamente em Lisboa. Progressivamente, as tarefas foram sendo realizadas no seio de reuniões de intenso debate, nas quais as diferentes sensibilidades aos problemas puderam ser expressas, traduzindo assim a vivência das diferentes percepções das práticas museológicas em diversos países.

O Comitê Internacional “Ecomuseus/Museus comunitários”, que deveria ser criado no quadro do ICOM, nunca chegou a tomar forma, mas a pretendida Federação Internacional da Nova Museologia foi efetivamente criada durante o segundo Ateliê Internacional, no ano seguinte, em Lisboa, sob a denominação de Movimento Internacional para uma Nova Museologia, Minom, o qual mais tarde veio a ser reconhecido pelo ICOM como uma organização afiliada.

Algo começava a mudar, pois o ICOM recebia agora com interesse os projetos do já estruturado movimento, e era levado a reconhecer o sucesso em termos ideológicos e organizativos que tinha sido o Ateliê de Quebec. A partir de então, o diálogo com o ICOM tem sido uma realidade, correndo hoje em dia, e de forma regular, projetos comuns.

Para concluir, o que mais nos parece merecer realce na Declaração do Quebec não é de certa forma qualquer novidade conceitual no texto em si, pois desse ponto de vista ele retoma, com as devidas atualizações, o essencial da Declaração de Santiago, mas sim o fato de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972, por práticas que revelavam uma Museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada agora de uma forte estrutura internacional autônoma.

Essa mudança de atitudes foi, aliás, referida por Hugues de Varine no relatório de síntese da 16^a Conferência Geral do ICOM (Canadá, 1992):

Das reuniões dos comitês internacionais tornou-se claro que existe uma forte corrente voltada para a abertura e para a inovação ... levando profissionais dos museus a agir de forma não tradicional e a aceitarem ser influenciados por conceitos multiculturais. A cooperação interdisciplinar que está emergindo no seio do ICOM, as pontes construídas entre várias disciplinas e projetos, e grupos como o Minom são indicações deste espírito de abertura.

Em resumo, a Declaração de Quebec, o Ateliê de 1984 e a criação do Minom devem ser entendidos como um todo coerente, que contribuiu desde então para o reconhecimento, no seio da Museologia, do direito à diferença.

Lisboa, 31 de março de 1995.

Declaração de Quebec (1984)

Princípios de Base de uma Nova Museologia – Documento Final do Evento¹

Introdução

Um movimento de Nova Museologia tem a sua primeira expressão pública e internacional em 1972 na “Mesa-Redonda de Santiago do Chile” organizada pelo ICOM. Esse movimento afirma a função social do Museu e o caráter global das suas intervenções.

Proposta

1. Consideração de ordem universal

A Museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que esses objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico.

Para atingir esse objetivo e integrar as populações na sua ação, a Museologia utiliza-se cada vez mais da interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários.

Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a Nova Museologia – Ecomuseologia, Museologia comunitária e todas as outras formas de Museologia ativa – interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro.

¹ Extraído de: MOUTINHO, Mário C. *Museus e sociedade, reflexões sobre a função do Museu*. Museu Etnológico de Monte Redondo, 1989, p.115-118 (Cadernos do Patrimônio, 5). Revisão: Marcelo Araujo.

Este novo movimento põe-se decididamente a serviço da imaginação criativa, do realismo construtivo e dos princípios humanitários defendidos pela comunidade internacional. Torna-se de certa forma um dos meios possíveis de aproximação entre os povos, do seu conhecimento próprio e mútuo, do seu desenvolvimento crítico e do seu desejo de criação fraterna de um mundo respeitador da sua riqueza intrínseca.

Nesse sentido, este movimento, que deseja manifestar-se de uma forma global, tem preocupações de ordem científica, cultural, social e econômica.

Este movimento utiliza, entre outros, todos os recursos da Museologia (coleta, conservação, investigação científica, restituição e difusão, criação), que transforma em instrumentos adaptados a cada meio e projetos específicos.

2. Tomada de posição

Verificando que mais de 15 anos de experiências de Nova Museologia – Ecomuseologia, Museologia comunitária e todas as outras formas de Museologia ativa – pelo mundo foram um fator de desenvolvimento crítico das comunidades que adotaram este modo de gestão do seu futuro;

Verificando a necessidade, sentida unanimemente pelos participantes nas diferentes mesas de reflexão e pelos intervenientes consultados, de acentuar os meios de reconhecimento deste movimento;

Verificando a vontade de criar as bases organizativas de uma reflexão comum e das experiências vividas em vários continentes;

Verificando o interesse em se dotar de um quadro de referência destinado a favorecer o funcionamento destas novas museologias e de articular em consequência os princípios e meios de ação;

Considerando que a teoria dos Ecomuseus e dos museus comunitários (museus de vizinhança, museus locais...) nasceu das experiências desenvolvidas em diversos meios durante mais de 15 anos.

Adota-se

- A. Que a comunidade museal internacional seja convidada a reconhecer este movimento, a adotar e a aceitar todas as formas de Museologia ativa na tipologia dos museus;
- B. Que tudo seja feito para que os poderes públicos reconheçam e ajudem a desenvolver as iniciativas locais que colocam em aplicação estes princípios;
- C. Que neste espírito, e no intuito de permitir o desenvolvimento e eficácia destas museologias, sejam criadas em estreita colaboração as seguintes estruturas permanentes:
 - a) um comitê internacional “Ecomuseus/Museus comunitários” no quadro do ICOM (Conselho Internacional de Museus);
 - b) uma federação internacional da Nova Museologia, que poderá ser associada ao ICOM e ao ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios), cuja sede provisória será no Canadá;
- D. Que seja formado um grupo de trabalho provisório cujas primeiras ações seriam: a organização das estruturas propostas, a formulação de objetivos e a aplicação de um plano trienal de encontros e de colaboração internacional.

Quebec, 12 de outubro de 1984.
Adotado pelo 1º Ateliê Internacional
Ecomuseus/Nova Museologia

4. Vinte anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas (1992)¹

Apresentação (1995)

Maria de Lourdes Parreiras Horta

A reunião de Caracas: histórico e metodologia

O Seminário “A Missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios” realizou-se em Caracas, Venezuela, de 16 de janeiro a 6 de fevereiro de 1992, por iniciativa da Oficina Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe (Orcalc) e do Comitê Venezuelano do ICOM, com o apoio do Conselho Nacional de Cultura (Conac) e da Fundação Museu de Belas Artes da Venezuela.

A convite do Comitê Organizador, cujo mentor, Hernán Crespo Toral, diretor da Orcalc, havia participado ativamente da Mesa-Rondônia de Santiago do Chile, reuniram-se representantes de 11 países latino-americanos com reconhecida competência e exercendo funções de direção na área dos museus, para refletir sobre a missão atual do Museu como um dos principais agentes do desenvolvimento integral na região (cf. Introdução à Declaração de Caracas). A discussão desse tema chave, tomando como antecedentes os princípios e postulados da Reunião de Santiago, teve como pressupostos a necessidade de atualizar os conceitos formulados 20 anos antes, a renovação dos compromissos assumidos a partir daquele momento, a consideração do contexto latino-americano em seu processo acelerado de mudanças e a consciência da proximidade do século XXI.

Os participantes, um de cada país (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Peru e Nicarágua) e dez representantes da Venezuela, cumpriram um programa intensivo de debates, reuniões e grupos de trabalho, durante 23 dias de convivência ininterrupta, inclusive compartilhando os apartamentos do hotel Hilton de Caracas, local onde se realizaram todas as sessões do Seminário. Para mim, como brasileira,

¹ Evento realizado em Caracas, Venezuela, 1992.

a única falando “portunhol”, a experiência significou em primeiro lugar a “descoberta” da América Latina, do que *es ser latinoamericano*, um tema que perpassou todos os momentos do Encontro, sem uma formulação conclusiva mas com uma compreensão empatética daquilo que sentimos em comum. Inicialmente com uma incrédula surpresa, e ao final com nítida certeza, descobri a minha *latinoamericanidad*, e fui impiedosamente flechada por Bolívar, Simon, el Libertador. A experiência dessa convivência íntima, que aos poucos desmascarou até os problemas pessoais dos *compañeros* de jornada, entre risos, lágrimas, merengues e salsas, foi a meu ver um dos componentes mágicos do processo de integração do grupo de participantes, que se revelou na expressão final do Documento como uma única voz, uníssona e consensual, expressando uma grande harmonia de ideias, pensamentos, vivências, crenças e esperanças. Tivemos discussões acaloradas, resultantes de experiências e contextos diversos e infinitamente variados, que se desenrolavam e desatavam umas após as outras, como ondas rolando até a areia... *Sin embargo*, como diriam os demais, ao final restava apenas a consciência de que estamos no mesmo barco, surfando nas mesmas águas e chegando às mesmas praias, incrivelmente, sem morrer... As versões “portunholas” e “castelhanas”, dos mais diversos acentos, eram na verdade variantes de uma mesma história, com assombrosa similaridade de conteúdos e de fatos. A solidariedade desse “ser latino-americano” foi posta à prova e foi reforçada nos minutos finais do Encontro, após uma noite quase em claro a redigir os tópicos do Documento, quando acordamos assustados com o ronco dos aviões e descobrimos que não poderíamos sair do hotel até que houvesse o desfecho da revolução que tentou derrubar o presidente daquele país. Como num conto latino-americano, o Documento final da Declaração de Caracas foi redigido em um dos apartamentos, com muitos sentados no chão, enquanto lá fora rolava mais uma *revolución*.

A metodologia do Seminário contemplou três momentos, ou “módulos” sequenciados: uma série de conferências, fóruns e mesas redondas, com especialistas nos mais diversos assuntos no contexto da América Latina; uma sequência de reuniões de grupos, por tópicos, em que se fizeram exposições de casos e debates sobre os temas propostos e a leitura de documentos, preparados pelos participantes com antecedência, e a sua análise crítica; e finalmente as discussões plenárias de todos os tópicos, e a redação do Documento. O Seminário contou ainda com intervalos para visitas a vários museus, contatos com personalidades do mundo cultural venezuelano e uma visita ao interior do país. Cada participante,

ao ser convidado, elaborou um documento de base sobre o contexto de seu país, abordando os seguintes aspectos: políticas culturais e museus, inserção das políticas museológicas nos planos do setor Cultura, em seu país; o Museu frente ao entorno, reflexão sobre a ação social dos museus e sua reação perante as mudanças político-sociais e ambientais; comentários sobre a realidade nacional; tipologia tradicional de museus e novas propostas (econômicas, Museu Integral, parques, experiências nacionais inovadoras etc.); os “públicos” dos museus-conhecimento, segmentação, estratégias de captação e formação, respostas do público a experiências dos museus; os recursos humanos, o perfil dos profissionais, programas de formação, resposta do Museu às novas necessidades e à interdisciplinaridade; a estrutura organizativa do Museu, estatutos jurídicos, administração, a situação financeira do Museu, a crise econômica, o apoio da empresa privada, a capacidade de geração de recursos. Com base nestes documentos preliminares, produzidos por cada representante sobre o contexto de seu país, iniciou-se o trabalho de análise e discussão dos tópicos e do contexto latino-americano. Dos textos em geral extraíram-se cinco pontos de enfoque, que constituíram os temas do Documento Final: *Museus e comunicação*, *Museus e gestão*, *Museus e liderança*, *Museus e recursos humanos*, *Museus e patrimônio*. Dividiram-se os participantes por tema, para o aprofundamento da discussão. Coube-me o tema de minha preferência, *Museus e comunicação*, do qual participei como relatora, apesar de meu “portunhol”. É interessante notar o método de trabalho proposto para a análise dos problemas e situações: o elenco das “fortalezas”, das “oportunidades”, das “dificuldades” e das “ameaças” ou “riscos”, em cada caso. Com alguma relutância, aceitei o método analítico, que ao final provou funcionar a contento.

O que há de novo na Declaração de Caracas

O Documento de Caracas pode ser lido sob três ângulos, em seu conteúdo fundamental:

- a) um balanço da situação dos museus na América Latina hoje, com suas fortalezas, oportunidades, dificuldades e riscos. Do texto pode-se tirar um perfil das mudanças político-sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas na América Latina nos últimos 20 anos, e da transformação conceitual e operacional ocorrida nas instituições museológicas;

- b) uma “releitura” do Documento de Santiago e sua atualização, considerando-se o primeiro aspecto de conteúdo e a visão do futuro que se apresenta com o século XXI;
- c) uma agenda de atuação e uma proposta de conceituação para os museus hoje, os desafios a serem enfrentados, as metas a serem alcançadas, uma nova visão destas instituições e uma proposta de definição de suas funções e modos de atuação de acordo com a realidade do Continente.

Dessa análise, destacarei apenas alguns pontos fundamentais:

- 1) O Documento de Caracas retoma os princípios e pressupostos de Santiago, constatando a vigência de seus postulados e os efeitos de sua visão revolucionária no conceito atual do Museu como instituição, na América Latina. A construção ideal do Museu Integral, destinado a “situar o público em seu próprio mundo para que tome consciência de sua problemática como homem indivíduo e homem social”, é entretanto reformulada em Caracas: ao propor a queda dos “muros” dos museus, levando-os a expandir-se no enfoque do território e da problemática da vida humana e social, o Documento de Santiago provoca um movimento irreversível (no contexto latino-americano), de abertura para o entorno e a realidade em que se situam estas instituições. A proposta de Santiago, obviamente “datada” no contexto da época, ainda deixa perceber uma visão de dentro para fora, e uma “função social” do Museu com laivos didáticos ou “catequéticos”... O “papel do Museu” é de conscientizar as massas sobre a sua própria problemática humana e social... Pergunta-se: até que ponto não foram as massas e sua problemática, a crise econômica e ambiental que forçaram os museus a sair de seus muros?
- 2) A função do Museu no Documento de Santiago ainda postula a “intervenção” no meio social e no seu território, cabendo-lhe ainda um papel de “mestre”, conscientizando o “público” sobre a necessidade da “preservação” do patrimônio cultural e natural. Ainda temos um Museu cheio de certezas, definidor de um discurso, por mais que revolucionário, ainda monológico. A ideia de “museu”, em sua nova forma “integral”, ainda é nebulosa, com um “papel” (representação, imagem?) a ser desempenhado, que se configura mais ideologicamente, politicamente, socialmente, do que funcio-

nalmente, especificamente, tecnicamente, pragmaticamente. Talvez seja esta a razão da dificuldade que se tem até hoje de se definir o que é um “ecomuseu”, que como diz Hugues de Varine, “não tem nada a ver com esta história” (de Santiago). No Documento de Santiago, chega-se a um novo conceito de “patrimônio global a gerir”, no interesse do homem e da sociedade, mas esta competência ainda é vista como um privilégio do Museu (atendendo aos interesses dos técnicos do Patrimônio, que buscam a preservação desse patrimônio); não se fala ainda da Comunidade como cegadora desses bens, com sua visão própria e seus próprios interesses.

- 3) A reunião de Caracas vai encontrar os museus imersos naquela realidade econômica e social, política e ambiental, humana e comunitária a que os levou o movimento inovador de Santiago. Nesta nova realidade, 20 anos depois, os museus procuram “se situar”, descobrir o seu espaço no território social em que estão inseridos, e enfrentam as dificuldades desse processo. Descobrem que se não se situarem na trama social, morrerão jogados na praia... O monólogo transforma-se em diálogo, a função pedagógica (afirmada em 1958 no Rio de Janeiro) transforma-se em “missão comprometida”, não mais como a sociedade, em termos vagos, mas com a comunidade em que estão inseridos, ou em que buscam inserir-se, para ter alguma razão de existir. A transformação dos conceitos da própria Museologia, não a “nova”, mas a “atual”, leva à clarificação da especificidade da função do Museu; não mais como um “papel” a ser desempenhado, mas como uma ação concreta e específica, comprometida com os acontecimentos, as realidades locais, e envolvida nessas realidades, não como um “mestre” ou “dono da verdade”, mas como parceiro ou como instrumento de desenvolvimento.
- 4) A grande novidade que me parece surgir do Documento de Caracas é a transformação do Museu Integral (abrangente mas fugaz, impalpável, etéreo em sua idealidade) no Museu Integrado (termo não formulado, mas implícito nas propostas e postulados do Documento) à vida de uma Comunidade. Mais do que realizações, propõem-se ações e processos que contemplam e consideram as particularidades de cada contexto local e específico, no qual atuam e se situam. Não mais a “globalização” genérica e perigosamente simplista do território, do patrimônio, do meio ambiente, mas a

localização concreta, efetiva, consciente, em determinado espaço social. Esse Museu Integrado não é mais concebido como uma “entidade” acima de qualquer suspeita, olhando (como só Deus o poderia fazer) para a “totalidade” do trinômio território-patri-mônio-sociedade, e refletindo-se nessa totalidade como um Museu Integral; nesta nova visão, o Museu é concebido como um “meio” de comunicação (reconhecendo-se sua “linguagem” própria) entre os elementos desse triângulo, servindo de instrumento de diálogo, de interação das diferentes forças sociais (sem ignorar nenhuma delas, inclusive as forças econômicas e políticas): um instrumento que possa ser útil, em sua especificidade e função, ao “homem indivíduo” e “homem social” para enfrentar os desafios que vêm do presente e do futuro. Um instrumento que ele possa manejar com as próprias mãos e com a própria mente, em seu processo de desenvolvimento integral, e que lhe sirva para perceber que após uma *revolución* segue-se outra, para o bem ou para o mal.

Petrópolis, 28 de março de 1995.

Declaração de Caracas (1992)¹

Documento Final do Evento

Dentro da reflexão sobre a missão do Museu no mundo contemporâneo propiciada pela Unesco, pelo Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe (Orcalc) e pelo Comitê Venezuelano do Conselho Internacional de Museu (ICOM), com o apoio do Conselho Nacional da Cultura (Conac) e da Fundação do Museu de Belas Artes da Venezuela, realizou-se o Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, celebrado em Caracas, Venezuela, entre os dias 16 de janeiro e 6 de fevereiro de 1992.

Tal Seminário, inscrito no Programa Regular de Cultura da Unesco para a América Latina, reuniu um seletº grupo de personalidades vinculadas a funções diretivas em museus de diversos países latino-americanos, que refletiu sobre a missão atual do Museu como um dos principais agentes do desenvolvimento integral da região.

Em torno desse tema chave, em que está implícita a consciência da proximidade do século XXI, discutiu-se uma série de aspectos, entre os quais cabe destacar:

- A inserção de políticas museológicas nos planos do setor de Cultura.
- Tomada de consciência do poder decisivo que esta tem para o desenvolvimento dos povos.
- Reflexão sobre a ação social do Museu. Análise das proposições teóricas em torno dos museus do futuro.
- Estratégias efetivas para captação e controle dos recursos financeiros.
- Suportes legais e inovações de organização dos museus.
- O perfil dos profissionais para as instituições museológicas.
- O Museu como meio de comunicação.

A metodologia do Seminário se ajustou às recomendações propostas pela Unesco e pelo ICOM, relativas às atividades de treinamento para o desenvolvimento e promoção dos museus.²

1 Tradução Maristela Braga, CCA – Museu Universitário Puccamp.

2 Rcf. 89 / sec. 17.

Em consequência, o temário se organizou em três módulos ao longo dos quais se integraram diversas atividades: palestras magistrais, fóruns painelísticos, reuniões e mesas de trabalho, exposições de casos, apresentação de documentos de análise, visitas a museus e discussões plenárias.

No desenvolvimento deste evento foram tratados numerosos aspectos, alguns dos quais analisados com especial ênfase, visto que durante as sessões evidenciou-se a singular relevância de sua relação com o desempenho dos museus. São eles: *Museus e comunicação*, *Museus e gestão*, *Museus e liderança*, *Museus e recursos humanos* e, finalmente, *Museus e patrimônio*.

No Seminário estiveram presentes delegados da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, México, Nicarágua, Peru e Venezuela, além da participação do arquiteto Hernán Crespo Toral, Diretor do Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da Unesco (Orcalc), do dr. Hugues de Varine-Bohan e da arquiteta Yanni Herreman, como conferencistas internacionais, e também de importantes conferencistas nacionais.

Em atenção à significativa importância do Seminário e do tema tratado, os participantes concordaram em emitir o presente documento, no qual se reúnem as considerações e recomendações aprovadas por unanimidade.

Antecedentes

Há 20 anos se realizava em Santiago do Chile a “Mesa-Redonda sobre o desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo”. Essa reflexão foi o fundamento para o novo enfoque na ação dos museus na região.

Entre seus postulados estava a construção do Museu Integral, destinado a “situar o público dentro do seu mundo, para que tome consciência de sua problemática como homem indivíduo e homem social”.

Ao cabo de duas décadas e à luz dos acontecimentos políticos, sociais e econômicos que se sucederam nos países latino-americanos, constata-se ainda a vigência dos postulados essenciais da “Mesa-Redonda de Santiago”.

Muitas são as realizações da América Latina nestas duas décadas no campo dos museus. Experiências valiosas, administradas pelo Estado, pela sociedade civil e por pessoas particulares que trataram, em numerosos casos, com êxito, de transformar o Museu em organismo vital para a comunidade e no instrumento eficaz para seu desenvolvimento integral.

Organismos internacionais de cooperação como a Unesco contribuíram com o Estado para desenvolver valiosas iniciativas através de seus organismos regionais, para aperfeiçoar as tarefas do Museu mediante a capacitação do seu pessoal e as ações que lhe são próprias, e na criação de uma consciência pública sobre a defesa do patrimônio cultural e natural de nossos povos.

A nova era em que nos encontramos e sua multifacetada problemática requerem uma nova reflexão e ações imediatas e adequadas para que o Museu cumpra com sua ação social.

Vinte anos depois da reunião de Santiago do Chile, devemos atualizar os conceitos e renovar os compromissos adquiridos naquela oportunidade. Com esse espírito e convencidos de que o Museu tem um importante papel no desenvolvimento integral da América Latina, resolvemos emitir a presente

Declaração de Caracas

1. A América Latina e o Museu

Já entramos em um novo século: a história se acelera. Velhos dogmas que pareciam imutáveis caem, e com eles os muros que marcavam fronteiras ideológicas e políticas.

Ao finalizar a Guerra Fria, a humanidade parecia disposta a construir uma paz duradoura. Entretanto, os fatos nos demonstram que esse momento ainda não chegou; aprofunda-se a brecha entre os países do primeiro mundo e os outros, os chamados “em desenvolvimento”. Nesse processo constata-se o velho desejo do homem em afirmar sua identidade, que o identifica como pessoa humana única e como integrante de uma comunidade reunida por uma maneira de ser e por anseios compartilhados.

O chamado processo de globalização não traz a igualdade dos povos. Pelo contrário, formam-se poderosos blocos econômicos que acrescentam diferenças entre ricos e pobres.

Somos testemunhas de um desenvolvimento extraordinário da ciência e da tecnologia: o homem se empenha na conquista do universo e investiga detidamente os microcosmos, e é até capaz de alterar os processos da natureza. A biotecnologia e a biogenética abrem imensas possibilidades de melhorias na qualidade de vida, mas ao mesmo tempo abrem insondáveis abismos. O homem manipula a tecnologia em busca de bem-estar, mas em muitos casos a tecnologia o avassala. Essa mesma tecnologia lhe serviu para atentar contra a natureza, produzindo tremendos desequilíbrios que até ameaçam sua sobrevivência.

Estamos na época da comunicação. Reduziram-se sensivelmente as distâncias. Por um processo quase milagroso podemos saber o que se passa com nossos antípodas. Entretanto, esse mesmo milagre tecnológico é capaz de estandardizar o homem e homogeneizar sua cultura mediante a difusão de paradigmas, quando não de desvirtuar a essência dos povos com a propagação de antivalores.

A América Latina vive um momento crucial de sua história. As esperanças que se haviam desenvolvido com base nos modelos econômicos e tecnicistas da década de 1970 sofreram um rotundo fracasso, pois não correspondiam à realidade sociocultural existente. Em razão das políticas de endividamento agressivo, nossos povos sofreram as chamadas políticas de ajustes, que trouxeram consigo um empobrecimento generalizado, cujas consequências se prolongaram além da chamada “década perdida”. O nível de vida desceu sensivelmente: hoje, entre 46 e 60% de nossa população se encontra nos limites da pobreza crítica.

A dívida externa da América Latina, que é superior a 40 bilhões de dólares, implica que cada ano exportemos mais de 30 milhões de dólares unicamente para pagar seu serviço. Paradoxalmente, nos convertemos de receptores em puros exportadores de capital para os países desenvolvidos, o que torna mais profunda nossa dependência.

Intimamente ligada à parte econômica vemos uma deterioração dos valores morais: a corrupção se generalizou, hoje nos açoitam o tráfico de drogas e a lavagem de dólares. Parece que se institucionalizou uma cultura da violência, que atenta não só contra o homem, mas também contra a natureza. Além da exploração indiscriminada dos recursos naturais e da contaminação ambiental a que se soma um processo de urbanização descontrolada – fruto das imensas migrações de camponeses que procuram as cidades, e um desmedido afã de lucro –, a América Latina confronta também uma crise educativa devida à mediocriação do ensino, aos sistemas obsoletos e à adoção de modelos estranhos à realidade. Enfim, uma crise política que põe em risco a democracia, depois de ter sido alcançada com tanto esforço em quase toda a América Latina.

Também a cultura tem sido afetada pela crise: todos os fenômenos a que fizemos alusão incidiram em um processo de perda de valores, não só no que é tangível, mas também no mais íntimo e definidor dos nossos povos.

É lamentável a carência de uma política cultural coerente que transcenda a temporalidade e garanta a continuidade das ações. Além disso, a tendência que prevalece no momento atual, de privatizar e confiar à sociedade civil responsabilidades que normalmente cabiam ao Estado, pode acarretar riscos em relação ao patrimônio cultural. O Estado não

pode abandonar totalmente seu papel de gerenciador do acervo patrimonial de nossos povos, e deve contribuir para garantir sua conservação e integridade como o organismo mais idôneo.

Apesar de todos esses fatores negativos, a América Latina nutre uma firme esperança: é depositária de um enorme acervo de riqueza humana, estendida em um vasto território com imensos recursos naturais e variados ecossistemas, os quais garantem um justo equilíbrio de imprescindível valor universal.

A cultura que nos caracteriza – una e plural – foi se desenvolvendo por milênios; é produto da simbiose do indígena, do ibérico, do africano, do europeu e do asiático. Suas expressões materiais vão desde as antigas cidades indígenas, declaradas pela Unesco como patrimônio da humanidade, e o imenso acervo dos bens móveis que se encontram nos museus e em mãos particulares, até as numerosas culturas populares e a tradição oral, ainda em plena vigência.

É este, portanto, um momento de afirmação do ser latino-americano e de seu destino, quando existe a decisão política de cristalizar a integração – esse velho anseio de Simón Bolívar –, como o demonstra a reunião de presidentes e chefes de Estado, de Guadalajara, em julho de 1991. Nessa ocasião se reconheceu que a cultura é o fundamento da integração latino-americana, e as identidades culturais, sua riqueza mais valorizada.

A cultura parece também nutrir processos que adquirem cada vez maior força: a consciência do particular, do local, em uma espécie de contrapartida à globalização. Sua luta para conseguir uma equidade na descentralização dos recursos que garantam o desenvolvimento dos próprios povos.

Com esses antecedentes podemos afirmar que o Museu tem uma missão transcendental a cumprir hoje na América Latina. Deve constituir-se em instrumento eficaz para o fortalecimento da identidade cultural de nossos povos e para seu conhecimento mútuo – fundamento da integração –, e tem também papel essencial no processo de desmistificação da tecnologia, para sua assimilação no desenvolvimento integral de nossos povos. Por fim, tem papel imprescindível na tomada de consciência para a preservação do meio ambiente, em que o homem, a natureza e a cultura formam um conjunto harmônico e indivisível.

1.1. Museu hoje: novos desafios

A partir do reconhecimento da profunda crise social, política, econômica e ambiental que atravessa a América Latina, os participantes do Seminário consideram esta como a ocasião inadiável para examinar os novos desafios do Museu hoje e para postular ações para enfrentá-los. Depois das análises efetuadas no transcurso deste Seminário, seus participantes determinaram os seguintes aspectos como prioritários:

- Museu e comunicação
- Museu e patrimônio
- Museu e liderança
- Museu e gestão
- Museu e recursos humanos

O estudo de cada um destes temas vai precedido de uma introdução e contém as considerações e recomendações dos participantes do Seminário nos seguintes termos:

2. Museu e comunicação

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu, tais como a coleção, a conservação e a exibição do patrimônio cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais.

É necessário definir a natureza específica do “meio” Museu, tendo em conta que sua forma tradicional, ainda dominante na América Latina, não responde às mudanças ocorridas no mundo contemporâneo.

Considerando

- Que o Museu como um meio de comunicação transmite mensagens através da linguagem específica das exposições, na articulação de objetos-signos, de significados, ideias e emoções, produzindo discursos sobre a cultura, a vida e a natureza; que esta linguagem

não é verbal, mas ampla e total, mais próxima da percepção da realidade e das capacidades perceptivas de todos os indivíduos; que como signos da linguagem museológica os objetos não têm valor em si mesmos, mas representam valores e significados nas diferentes linguagens culturais em que se encontram imersos;

- Que o Museu deve refletir as diferentes linguagens culturais em sua ação comunicadora, permitindo a emissão e a recepção de mensagens com base nos códigos comuns entre a instituição e seu público, acessíveis e reconhecíveis pela maioria;
- Que o processo de comunicação não é unidirecional, mas um processo interativo, um diálogo permanente entre emissores e receptores, que contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento mútuos e evita a possibilidade de manipulação ou imposição de valores e sistemas de qualquer tipo;
- Que os modelos tradicionais da linguagem expositiva privilegiam em seus discursos as perspectivas científicas e acadêmicas das disciplinas correspondentes à natureza de suas coleções, usando códigos alheios à maioria do público;
- Que na América Latina os museus, geralmente, não são conscientes da potencialidade de sua linguagem e de seus recursos de comunicação, e muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados;
- Que o Museu é um importante instrumento no processo de educação permanente do indivíduo, contribuindo para o desenvolvimento de sua inteligência e capacidades crítica e cognitiva, assim como para o desenvolvimento da comunidade, fortalecendo sua identidade, consciência crítica e autoestima, e enriquecendo a qualidade de vida individual e coletiva;
- Que não pode existir um Museu Integral ou Integrado na comunidade se o discurso museológico não utilizar uma linguagem aberta, democrática e participativa.

Recomendam

- Que o Museu busque a participação plena de sua função museológica e comunicativa, como espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio e como elos de integração social, tendo em conta em seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais das comunidades que produziram e usaram os bens culturais, permitindo seu reconhecimento e sua valorização;

- Que se desenvolva a especificidade comunicacional da linguagem museológica, possibilitando e promovendo o diálogo ativo do indivíduo com os objetos e com as mensagens culturais, através do uso de códigos comuns e acessíveis ao público e da linguagem interdisciplinar que permite recolocar o objeto em um contexto mais amplo de significações;
- Que o Museu oriente seu discurso para o presente, enfocando o significado dos objetos na cultura e na sociedade contemporânea e não somente em *como* e *por que* se constituíram em produtos culturais no passado; nesse sentido o processo interessa mais que o produto;
- Que se levem em conta os diferentes modos e níveis de leitura dos discursos expositivos por parte dos múltiplos setores do público, buscando novas formas de diálogo, tanto no processo cognitivo como no aspecto emocional e afetivo de apropriação e internalização dos valores e bens culturais;
- Que se desenvolvam investigações mais profundas e amplas sobre a comunidade em que está inserido o Museu, buscando nela a fonte de conhecimento para a compreensão de seu processo cultural e social, envolvendo-a nos processos e atividades museológicos, desde as investigações e coleta dos elementos significativos em seu contexto até sua preservação e exposição;
- Que se aproveitem os ensinamentos oferecidos pelos meios de comunicação de massas, com sua linguagem dinâmica e contemporânea, propondo-se ao mesmo tempo os museus como alternativas a esses meios, como espaço de reflexão crítica da realidade contemporânea que possibilite e estimule as vivências mais profundas do homem em sua integridade;
- Que o Museu contribua para a capacitação permanente dos indivíduos e comunidades no uso dos meios tecnológicos, dos processos e dos instrumentos científicos, desmistificando-os em benefício do desenvolvimento individual e social;
- Que se valorize constantemente a comunicabilidade dos discursos e sistemas expositivos, buscando novas formas e parâmetros de análise que ultrapassem a perspectiva simplista e quantitativa de medidas de comportamento e reações no espaço da exposição, ou seja, da absorção de informações;
- Que se busque sua forma de ação integral e social por meio de uma linguagem aberta, democrática e participativa que possibilite o desenvolvimento e o enriquecimento do indivíduo e da comunidade.

3. Museu e patrimônio

O Museu é a instituição idônea para resgatar o patrimônio, estudá-lo, documentá-lo e difundi-lo mediante uma mensagem coerente, que se apoie nos objetos como forma essencial de comunicação.

Entende-se por patrimônio cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade, aquelas expressões materiais e espirituais que as caracterizam, acrescentando-se os valores naturais e ambientais.

Considerando

- A importância de se contar com um marco jurídico que normalize, em nível nacional, a proteção do patrimônio;
- Que tradicionalmente foram usados critérios restritos na valorização dos objetos que constituem o patrimônio do Museu, valendo-se somente daqueles representativos das disciplinas acadêmicas, de “importância histórica” e “excepcionais” por sua natureza, excluindo determinadas formas de expressão cultural igualmente valiosas e importantes;
- Que a existência de problemas de conservação nos museus, originados por carência de recursos, más condições de armazenagem e instalações inadequadas, contribuem para a deterioração e a perda do patrimônio;
- Que não existe uma correta organização do inventário em muitos de nossos museus, e que algumas vezes as instituições carecem até do mais insignificante controle de suas coleções;
- Que a atual tendência da América Latina para a privatização de empresas estatais que formaram coleções patrimoniais de valor nacional constitui uma ameaça à sua segurança e integridade;
- Que existe um valioso acervo de bens culturais em mãos da sociedade civil e uma preocupação crescente pela sua conservação.

Recomendam

- Que se promova a atualização e instrumentalização efetiva da legislação especialmente dirigida à conservação e à proteção do patrimônio cultural e natural, que garanta o controle sobre sua integridade, evitando sua possível dispersão, desaparecimento ou destruição;

- Que se valorizem o entorno e sua contextualização como critérios de partida na formação das coleções, atendendo a seu valor referencial e sem discriminar nenhum objeto ou disciplina;
- Que se reformulem as políticas de formação de coleções, de conservação, de investigação, de educação e de comunicação, em função do estabelecimento de uma relação mais significativa com a comunidade na qual o Museu desenvolve suas atividades;
- Que se hierarquize o Museu, no que concerne à conservação do patrimônio, aproveitando-se ao máximo os recursos humanos, materiais e físicos destinados a esse fim;
- Que se estabeleçam sistemas de inventário que levem à automação dos dados básicos das peças, com o fim de estabelecer seu controle no âmbito do Museu e das instâncias a que corresponda;
- Que se promova, por parte dos museus, um trabalho de aproximação com as instituições e os colecionadores particulares, com o fim de conhecer e documentar a existência desse patrimônio e contribuir para sua preservação e integridade;
- Que se desenvolvam mecanismos de relação, apoio e estímulo à sociedade civil em seu interesse de conservar o patrimônio;
- Que o Estado não descuide de seu papel de guardião do patrimônio e garanta a sua conservação e integridade, em vista das novas responsabilidades que a sociedade civil e a empresa privada vão assumindo;
- Que os museus organizem estratégias que permitam desenvolver a participação da comunidade na valorização e proteção de seu patrimônio;
- Que o Museu incentive a investigação desenvolvida pela comunidade para o reconhecimento de seus próprios valores.

4. Museu e liderança

No marco da realidade latino-americana, abre-se ao Museu a possibilidade de um grande espaço de atuação: o resgate da função social do patrimônio como expressão da comunidade e da cultura, entendida esta como o conhecimento integral do homem em seu cotidiano.

Essa conjuntura confere ao Museu um papel protagonista, pois se apresenta como uma oportunidade de participar ativamente no processo de recuperação e socialização dos valores de cada comunidade, para o qual o Museu deve se preparar devidamente.

Considerando

- Que o Museu é um espaço adequado para que a comunidade possa se expressar;
- Que os museus necessitam definir seu próprio espaço social para cumprir sua missão;
- Que o Museu pode atuar como catalisador das relações entre a comunidade e as diferentes instâncias e autoridades públicas e privadas.

Recomendam

- Que cada Museu tenha clara consciência da realidade socioeconômica a que pertence, tendo em conta os índices de “desenvolvimento humano”, a definição de suas metas e de sua ação, e a preparação do seu pessoal;
- Que o Museu propicie a ativação da consciência crítica da comunidade através de novas leituras do patrimônio;
- Que o Museu assuma sua responsabilidade como gestor social, mediante propostas museológicas que contemplam os interesses do seu público e que refletem, através das exposições, uma linguagem comprometida com a realidade como única possibilidade para transformá-la;
- Que os museus especializados assumam seu papel de liderança nas áreas temáticas que lhes são próprias, e que contribuam para desenvolver uma consciência crítica de seu público.

5. Museu e gestão

O desenvolvimento da potencialidade do Museu está em relação direta com a sua capacidade de gerar e administrar eficientemente seus recursos e com sua eficácia na materialização de seus objetivos.

A situação crítica atual da América Latina e o papel protagonista do Museu como fator de mudança merecem a inovação e consolidação de modernas estratégias de gestão, entendida esta como o aproveitamento otimizado dos recursos humanos, técnicos e financeiros disponíveis.

Considerando

- Que um Museu tem uma missão transcendental determinada e única, que exige dele conhecer as respostas a perguntas chave tais

como: “Para que existe?”, “O que procura?”, “Para quem trabalha?”, “Com quem?”, “Quando?” e “Como?”;

- Que as debilidades da instituição se refletem em pressupostos deficitários, descontinuidade administrativa e programática, falta de reconhecimento social e de estímulos econômicos a seus funcionários, e também em não dispor de suficientes recursos técnicos e materiais de acordo com sua complexa atividade;
- Que a falta de gerência eficiente e autonomia de gestão afeta o desenvolvimento normal do trabalho do Museu da América Latina;
- Que o apoio da opinião pública, o reconhecimento do setor político e a existência de legislação e políticas de apoio à instituição são fatores que facilitam a sua gestão;
- Que a empresa privada reconheceu o valor estratégico – como imagem corporativa – do investimento no âmbito cultural e em particular nas instituições museológicas.

Recomendam

- Que o Museu defina claramente a missão que lhe compete na sociedade à qual serve;
- Que o Museu defina a estrutura organizativa de acordo com seus requerimentos funcionais, delineada segundo as concepções gerenciais aplicáveis a casos particulares, e que se estabeleçam mecanismos de avaliação permanente;
- Que os planos e programas elaborados com instrumentos de planejamento moderno estejam baseados em um diagnóstico das necessidades do Museu e da sociedade na qual está imerso, e que a realização de tais planos e programas leve em conta as necessidades prioritárias do Museu e defina objetivos e metas a longo, médio e curto prazos;
- Que o Museu em sua necessidade de gerar recursos determine políticas claras de autofinanciamento, e que também recorra a organismos nacionais e internacionais, públicos e privados que lhe permitam executar projetos;
- Que se elaborem projetos atrativos para as empresas privadas interessadas em investir no setor cultural, sem alterar a missão do Museu;
- Que se promovam políticas culturais coerentes e estáveis que garantam a continuidade da gestão do Museu;
- Que se consiga uma boa comunicação com os setores do poder da sociedade, com a finalidade de obter apoio para a gestão do Museu;

- Que se utilizem estratégias tanto de mercado – para conhecer o usuário – como de sensibilização da opinião pública;
- Que se implementem cursos internacionais de capacitação em gestão de museus;
- Que se tomem em conta os princípios éticos que devem guiar sempre a gestão dos museus.

6. Museu e recursos humanos

A profissionalização do funcionário de museus é uma prioridade que essa instituição deve encarar, como premissa para contribuir para o desenvolvimento integral dos povos. Sua formação deve capacitá-la para desempenhar a tarefa interdisciplinar própria do Museu atual, ao mesmo tempo que lhe conceda os elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gerência eficiente e uma comunicação adequada.

Considerando

- Que o Museu na América Latina é uma instituição social cuja especificidade exige dele recursos humanos capacitados, que permitam ao Museu valorizar e desenvolver seu potencial;
- Que o funcionário de museus tem formação heterogênea, com fortes desniveis;
- Que na América Latina a experiência é um fator importante na capacitação de funcionários de museus para suprir em grande parte a dificuldade de aquisição de uma formação acadêmica;
- Que a função do museólogo não foi ainda totalmente reconhecida como o especialista indispensável para o cumprimento da missão do Museu;
- Que se faz necessária a organização de cursos, ateliês e seminários para a atualização de conhecimentos dos funcionários de museus, não só no que diz respeito às suas diferentes especialidades, mas também em relação à visão interdisciplinar que o Museu deve ter.

Recomendam

- Que os museus priorizem e sistematizem a realização de programas de capacitação de recursos humanos;

- Que se estabeleçam parâmetros para o reconhecimento social, para a colocação profissional, para a remuneração econômica dos funcionários de museus, de acordo com sua formação e experiência;
- Que se desenvolvam programas de formação que capacitem o museólogo para detectar, valorizar e dar respostas adequadas às necessidades das comunidades;
- Que se valorize o papel que o museólogo desempenha, garantindo as oportunidades de participação, formação, estabilidade e remuneração de acordo com seu nível de especialização;
- Que se promova uma maior e mais estreita relação com o ICOM através do Comitê Internacional de Formação de Pessoal, com o fim de obter seu apoio.

7. Novos desafios

O Museu da América Latina deve responder aos desafios que lhe são impostos hoje pelo meio social no qual está inserido, pela comunidade a que pertence e pelo público com que se comunica. Para enfrentá-los é necessário:

- 1) Desenvolver sua qualidade como espaço de relação entre os indivíduos e seu patrimônio, onde se propicia o reconhecimento coletivo e se estimula a consciência crítica.
- 2) Abrir caminhos de relação entre o Museu e os dirigentes políticos para que estes compreendam sua ação e se comprometam com ela.
- 3) Desenvolver a especificidade da linguagem museológica como mensagem aberta, democrática e participativa.
- 4) Refletir as diferentes linguagens culturais com base em códigos comuns, acessíveis e reconhecíveis pela maioria.
- 5) Revisar o conceito tradicional de patrimônio museal de uma nova perspectiva, onde o entorno seja ponto de partida e de referência obrigatório.
- 6) Adotar o inventário como instrumento básico para a gestão do patrimônio.
- 7) Lutar pela valorização social do funcionário de museus em termos de reconhecimento, estabilidade e remuneração.
- 8) Priorizar na instituição museológica a formação profissional integral do funcionário de museus.
- 9) Estabelecer mecanismos de administração e captação de recursos como base para uma gerência eficaz.

Conclusão

O propósito do Seminário “A Missão do Museu na América Latina hoje: Novos Desafios” nos conduz a refletir sobre a vinculação entre o Museu e seu entorno social, político, econômico e ambiental, com resultados alentadores. A nova dimensão do Museu na América Latina é a de ser protagonista de seu tempo.

Esta função convoca em primeiro lugar os trabalhadores do Museu, e em particular seus diretores, os quais devem assumir a dinâmica da mudança e preparar-se para enfrentar com êxito esta oportunidade transcendente. Este novo enfoque envolve, por igual, as instâncias de poder, em especial o poder político, cuja decisão facilitará o cumprimento desta nova missão do Museu.

A 20 anos da “Mesa-Redonda de Santiago do Chile” e ante a proximidade de um novo milênio, o Museu se apresenta na América Latina não só como instituição idônea para valorização do patrimônio, mas, além disso, como instrumento útil para conseguir um desenvolvimento equilibrado e um maior bem-estar coletivo.

Com a satisfação do sucesso alcançado e animados pelo espírito de solidariedade e irmandade latino-americanas, assinamos o compromisso de transmitir e materializar as decisões tomadas nesta reunião.

Em Caracas, aos 5 dias de fevereiro de 1992, subscrevem a presente Declaração:

Argentina
Bolívia
Brasil
Chile

Colômbia
Cuba
Equador

México
Nicarágua
Peru
Venezuela

*Nelly Decarolis
Norma Campos Vera
Maria de Lourdes Parreira Horta
Daniel Quirroz Larrea
Leonor Carriazo Castelbondo
Moraima Clavijo Colom
José Antonio Navarrete
Patrícia Von Buchwald
Laura Orceguera
Carmen Sotomayor Rocha*

*Luisa Fiocco
Lina Vengoechea
Rafael Principal T.
Gerardo García
Ana María Reyes
Luisa Rodrigues Marrufo
Mirian Robles
Julia Uzcátegui
Ciro Caballo Perrichi
Mélida Mago*

*Hernán Crespo Toral
Diretor da Orcalc*

*Yanni Herreman
Presidente ICOM México*

*Milagros Gómez de Blavia
Coordenação Geral
Presidente ICOM Venezuela*

*Maria Ismênia Toledo
Secretária Técnica*

Parte 2

A Museologia Brasileira e o ICOM

Convergências ou Desencontros?
(Seminário)

A Museologia Brasileira e o ICOM: Convergências ou Desencontros?

20 a 24 de novembro de 1995

Objetivos

O Conselho International de Museus - ICOM tem por finalidade orientar e auxiliar as instituições museológicas em todos as suas instâncias, bem como promover a cooperação entre a Museologia.

Paralelamente, o ICOM tem desenvolvido, desde uns anos, uma rede de pessoas de trabalho já consolidadas (Comitês nacionais e internacionais, conferências gerais e outras), que produzem vastíssima bibliografia, na qual se destacam alguns documentos emblemáticos, como as *Coletâneas do Seminário Anual da UNESCO sobre o papel das organizações nacionais de museus* (Rio de Janeiro 1958); *Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile* (1972), a *Declaração de Quebec* (1984) e a *Declaração de Caracas* (1992).

Considerando que para a realização da programação dos seus trabalhos, o Comitê Brasileiro do ICOM tem necessidade de conhecer a realidade museológica brasileira, e de identificar o diálogo existente entre esta realidade e o ICOM, o Seminário pretende discutir estes quatro documentos dentro de uma perspectiva histórica, e debater os que novos debates, amizades e profissionais incorporaram críticamente as diretrizes ali formuladas.

Como instrumento de trabalho preparatório do Seminário, o Comitê Brasileiro do ICOM editou a publicação "A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos", contendo reproduções integrais dos quatro documentos acima indicados e textos críticos sobre eles (ja enviado aos membros do Comitê Brasileiro do ICOM).

Número Limitado de Vagas

Seminário	Informações e Inscrições
Auditório da FIESP Av. Paulista, 313 São Paulo - SP	Museu Lasar Segall Rua Berta, 111 - tel.: 011-574.7322 Cep 04120-040 - São Paulo - SP

Apoio Cultural



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Cultura



A MUSEOLOGIA BRASILEIRA E O ICOM: CONVERGÊNCIAS OU DESENCONTROS?

A MUSEOLOGIA
BRASILEIRA
E O ICOM:
CONVERGÊNCIAS OU
DESENCONTROS?

Seminário

20 a 24 de novembro de 1995

Auditório da FIESP
São Paulo

Comitê Brasileiro do ICOM



Seminário

20 a 24 de novembro de 1995

Auditório da FIESP
São Paulo

Programa

20 Segunda-Feira

Exposição *Leonidion - São Tomás as Verdades*
Abertura às 19:00 h na Galeria do SESI - Av. Paulista, 1313

21 Terça-Feira

• 09:00 às 10:00 h - Inscrições

• 10:00 às 12:30 h - Abertura - Sálio Nobre da FIESP

Francisco W. Ferri

Ministro do Estado da Cultura

Carlos Eduardo Moraes Ferreira

Presidente da FIESP

Regina Weinberg

Diretora Presidente da Vitae

Maria de Lourdes Parreira Hora

Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM

Entrega do título de membro honorário do Comitê Brasileiro do ICOM ao Professor Mario Barata e ao Doutor José Mardil

• 15:00 às 17:00 h - **O Documento do Rio de Janeiro (1958)**

Herman Crespo Toral - expositor

Departamento de Cultura / UNESCO - Paris

Eduardo Brandão - moderador

Mário Histórico Nacional - Rio de Janeiro

Mario Chagas - debatedor

Museu Histórico Nacional - Rio de Janeiro

• 17:30 às 19:30 hs - **Apresentação dos Debates e Conclusões da Conferência Geral do ICOM na Noruega**

22 Quarta-Feira

• 09:00 às 12:00 h - **A Declaração de Santiago do Chile (1972)**

Hugues de Varine - expositor

EcoMuséu do Ceará - França

Angela Sperb - debatedora

Fundação Ibirapuera - Novo Hamburgo

Heitor de Oliveira - moderador

Fundação José Augusto - Natal

Maria Celia Moura Santos - debatedora

Departamento de Museologia/UFRJ - Salvador

• 14:00 às 17:00 h - **A Declaração de Quebec (1984)**

Pierre Mayrand - expositor

Université de Montréal - Montreal

Carmo Braga - debatedor

Museu de Arqueologia e Etnologia/USP - São Paulo

Odalice Prioli - debatedora

Ecomuseu de Santa Cruz - Rio de Janeiro

Teresa Scheiner - debatedora

Escola de Museologia/UNIRIO - Rio de Janeiro

• 17:30 às 19:30 h - **Apresentação dos Debates e Conclusões da Conferência Geral do ICOM na Noruega**

23 Quinta-Feira

• 09:00 às 12:00 h - **Visitas a Museus**

...

• 09:00 às 12:00 h - **Forum Permanente dos Museus Universitários - MAE / USP**

• 14:30 às 17:30 h - **A Declaração de Caracas (1992)**

Maria de Lourdes Parreira Hora - expositora

Museu Imperial - Petrópolis

Museu Antropológico - Belém

Museu Lasar Segall - São Paulo

Regina Murcia Tavares - debatedora

CCA/Masca Universitário/PUCAMP - Campinas

Solange Godoy - debatedora

Museu Histórico Nacional - Rio de Janeiro

• 17:30 às 19:30 h - **Propostas de Atuação para o Comitê Brasileiro do ICOM**

24 Sexta-Feira

• 09:00 às 12:00 h - **o Processo Museológico Brasileiro: a Visão das Instituições**

Angela Lourenço Peixoto

Museu Ezequiel Teixeira Leal - Salvador

Antônio Carlos Lobo Soares

Museu Paraense Emílio Goeldi - Belém

Maria Cristina Alves

Museu Antropológico de Sambuqui - Juazeiro

Maria Regina Batista e Silva

Museu do Homem do Nordeste - Recife

Pedro Antônio Federspiel Jr.

Museu do Instituto Butantan - São Paulo

• 14:00 às 17:00 h - **Museologia Brasileira: da Crítica à Proposta**

Edna Tavares

Museu Antropológico/UFGO - Goiânia

Emmanuel Araújo

Pimentel do Estado - São Paulo

Mauricio Segall

Museu Lasar Segall - São Paulo

Priscila Freire

Museu de Arte de Belo Horizonte

• 17:30 às 19:30 h - **Plenária de Encerramento**

• 21:00 h - **Jantar de Confraternização**

Abertura do Seminário:¹

Motivação para organização do evento

Marcelo Mattos Araujo informou que a ideia da organização do evento nasceu de uma conversa entre ele, sua colega Maria Cristina Bruno, do MAE-USP e também membro do Conselho Consultivo do Comitê Brasileiro do ICOM, e o museólogo e professor da Escola de Museologia da UniRio Mário Chagas, em 1992. Posteriormente, a ideia foi desenvolvida pelas colegas paulistas do Conselho Consultivo do ICOM – Maria Ignez Mantovani Franco, Regina Márcia Tavares, Maria Pierina Ferreira Camargo e Denise Grinspum – e foi apresentada à direção do Comitê.

Objetivos do Seminário

- O evento teve como proposta a construção e a preservação da Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo. Recuperar a memória e a identidade específica dos trabalhadores sociais da memória e de tudo o que já foi produzido de reflexão e conhecimento pelo universo museológico foi um dos objetivos principais deste evento.
- Além disso, pretendeu-se salientar a importância do papel da cultura como o único caminho possível para reafirmação de uma sociedade solidária, e o Museu e a Museologia teriam importante papel nessa interlocução. Para tanto, o Seminário procurou debater em que medida os Museus e seus profissionais no Brasil incorporaram criticamente as diretrizes contidas em quatro documentos emblemáticos produzidos pelo ICOM.

Maria de Lourdes P. Horta:

- Procurou localizar questões fundamentais como a relação dos museus com as comunidades a que servem e o papel do Patrimô-

1 Uma vez gravado o Seminário, foi possível transcrever as fitas e, agora, 15 anos após a sua realização, divulgar resumos das apresentações e das discussões. Cabe sublinhar que nem todas as sessões do evento foram gravadas. Por isso, optou-se pela divulgação de resumos, considerando a importância das questões apresentadas e debatidas.

nio Cultural no resgate da cidadania nos quatro documentos que serviram de base para este Seminário.

- Por que procurar a Fiesp para sediar o evento? Para propor uma discussão do Fenômeno Museológico no Brasil e para discutir a ideia de que a cultura está intimamente ligada ao desenvolvimento de uma sociedade e que as artes e as indústrias de todos os povos configuram a expressão dessa própria cultura criadora.
- As análises dos documentos convergiam para uma questão central: “Qual é o grande papel social dos museus?”.

Propostas para discussões

- O conceito de Museu Integral ou Integrado à vida comunitária no qual está inserido.
- Perceber a necessidade de elaboração de um ideário comum por parte das associações e organizações profissionais.
- Avaliar a necessidade de formação adequada para enfrentarmos os novos desafios.
- Renovar a visão do Museu não mais como um fim em si mesmo, mas como um canal de comunicação entre os indivíduos, sua cultura e seu patrimônio.
- Questionar o papel e a eficácia do ICOM como instrumento de apoio e aperfeiçoamento dos museus e de seus profissionais.

Carlos Eduardo Moreira Ferreira:

- Declarou que o Museu é um instrumento para a promoção do desenvolvimento econômico e social, pois tem a missão nobre de contribuir para a consolidação de uma identidade nacional para fixar um conceito de cidadania, funcionando como elo entre o tradicional e o moderno.
- Enquanto presidente da Fiesp procurou acompanhar com interesse as iniciativas na área cultural, intervindo como participante ou incentivador dessas iniciativas.
- Afirmou que essa é uma disposição generalizada do empresariado que tem participado no debate dos problemas culturais do país.
- Sugeriu que esse encontro de interesses ocorra com mais frequência, para que a problemática seja entendida e assumida por um número maior de pessoas.

Regina Weinberg:

- Agradeceu o convite para participar deste Seminário em nome da Fundação Vitae, dizendo que foi de suma importância, pois a Vitae contribuiu, em 10 anos de existência, com ações de apoio à infraestrutura para os museus, investindo recursos superiores a 6 milhões de dólares em cerca de quarenta projetos.
- Declarou que a Vitae pede aos museus que aprimorem suas capacidades de planejamento e de elaboração de projetos, para que possam convencer os possíveis financiadores da importância e urgência de seus objetivos. A participante declara esperar que o Seminário possa dar contribuições fundamentais, nesse sentido, aos museus.

Maria de Lourdes P. Horta:

Efetuou a entrega dos títulos honorários ao sr. José E. Mindlin e ao professor e museólogo Mário Barata.

José E. Mindlin:

- Afirmou que nunca teve a sensação de estar prestando serviços, pois participar de atividades culturais lhe oferecia uma grande satisfação pessoal, um interesse “quase egoístico”.
- Declarou que mesmo em períodos de crise e de dificuldades materiais se torna igualmente importante preocupar-se com a cultura e com sua difusão, “Para dar à vida um sentido espiritual e evitar a massificação com os problemas materiais”.
- Afirmou que a empresa que apoia a cultura está cumprindo um dever social, está cumprindo um dever de cidadania. Os museus estão se transformando, deixando de ter mostras estáticas para se tornarem instrumentos de divulgação da arte e da história. Tudo o que for possível em prol dos museus deverá ser feito.

Mário Barata:

Destacou o trabalho pioneiro da Fundação Vitae, à luz do exemplo do sr. Mindlin, no sentido de estimular o apoio das empresas ao mun-

do cultural. Graças a essa iniciativa hoje temos a abertura do mundo empresarial para o apoio à área museológica. Exemplo disso é o apoio da Fiesp ao sediar este encontro, no sentido de aproximar o mundo empresarial do setor cultural e museológico, de forma que a Vitae não se sinta sozinha nesta empreitada.

Ministro da Cultura Francisco Weffort:

- Agradeceu a oportunidade de participar do encontro, pois assim conseguiu entender o elo entre duas coisas que julgava distantes: a indústria e o mundo das artes.
- Surpreendeu-se com a informação histórica de que o Museu é um fato moderno, um fenômeno da Época Moderna.
- Declarou que suas experiências pessoais com museus estão sendo surpreendentes: mesmo uma instituição como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, exemplo da modernidade dos museus, apresenta problemas estruturais tão graves quanto as construções históricas. Museus como o Masp e o Museu Nacional da UFRJ apresentam esses problemas estruturais, assim como *deficits* na questão de segurança, o que acaba por inviabilizar a circulação de mostras internacionais nesses espaços em razão dos valores exorbitantes que seriam cobrados pelas seguradoras.
- Afirmou que provavelmente deve haver uma variedade de problemas nos museus, “desde a goteira do telhado, até problemas altamente técnicos”. Para a resolução desses problemas seria imprescindível a discussão de uma política para os museus.
- O ministro fez um apelo aos museólogos para que conjuntamente se elaborasse uma política geral para os museus, uma vez que são eles os profissionais que conhecem tecnicamente os problemas dos museus.

1) Mesa-redonda: O Documento do Rio de Janeiro (1958)

Expositor – Hernán Crespo Toral:

- Destacou a importância de o Seminário estar sediado em São Paulo. Declarou que é preciso refletir sobre o destino da cultura no mundo inteiro, assim como o passado e o futuro do Museu neste momento na história.
- Relatou sua experiência pessoal sobre a obtenção de bolsa de estudos da Unesco, de 2 anos, que incluiu a participação no seminário sobre museus e educação no Rio de Janeiro, em 1958, e sobre sua viagem à França, de oito meses, para estudos e estágios em museus franceses. Participaram do seminário de 1958 Georges Henry Rivière e pesquisadores mexicanos, os responsáveis pelas transformações teóricas nos museus do México. Eles incorporaram às suas exposições elementos essenciais como o valor do objeto, inovando assim a Museologia mundial.
- Além disso, naquele momento se produzia uma experiência muito valiosa em Caracas. A escola de Carlos Raúl Villanueva, um arquiteto inovador que também ofereceu novas ideias à Museologia.
- Perguntava-se qual era a função essencial do museu. Naquele momento se reiterava a definição do ICOM segundo a qual o Museu serve para guardar, preservar a memória, conservar objetos, investigar e expor objetos.
- Naquele momento a educação já havia sofrido transformações teóricas essenciais, realizadas por pesquisadores brasileiros. Estes inovaram a teoria do ponto de vista educativo e discutiam como o Museu deveria se transformar no espaço informal essencial para a transcendência da mensagem entre objeto e sujeito.

Mas de que forma se poderia fazer essa comunicação?

- Composição dos objetos dentro da vitrina: disposição dos objetos, iluminação, riscos de uma exposição.
- Relação entre recursos didáticos e objetos: limites para que um Museu não se parecesse com um livro!
- Especialização dos museus e quais as particularidades que cada um deveria empregar para a sua comunicação.
- Departamentos educativos dos museus: como preparar os guias de museus para que pudessem cumprir sua função educativa essencial?

- Hernán Crespo relatou a experiência francesa da sua visita ao Museu de Antiguidades Galo-Romanas em Bourges, que já ensaiava novos processos de comunicação através da iluminação, de desenhos específicos de vitrinas, dos suportes etc. Outra experiência francesa foi uma exposição de penteados organizada por Rivière no Museu de Arte Popular de Paris. Hernán pôde ver toda a teoria adquirida no Seminário de 1958 posta em prática nessa exposição.
- O expositor também relatou sua experiência mexicana no antigo Museu de Antropologia e História, que integrava o conceito da grande pirâmide ao seu projeto arquitetônico.
- Quando retornou ao Equador após o término da bolsa da Unesco, Hernán Crespo se perguntava o que poderia fazer em seu país.
- Nessa mesma época, o Banco Central do Equador comprou a coleção arqueológica de um viajante que havia recolhido peças de ouro durante suas viagens pelo interior do país.
- Estimulado pelo grande valor da coleção, o Banco fez sua aquisição. Para organizar essa coleção, Hernán Crespo ofereceu seus serviços. Não se sabia muito o que fazer. A experiência poderia resultar em quê? Pensou-se em uma exposição que oferecesse ao Equador sua identidade, mostrando as origens profundas da nação.
- O objetivo da exposição teve de enfrentar entraves. Discutia-se com os gerentes sobre a importância de se ter um museu no Banco, mas parecia não haver relações entre lucro e cultura.
- Apesar dos entraves, inaugurou-se o Museu do Banco Central do Equador. Esse Museu trazia a ideologia do resgate da identidade. Com os objetos se recuperava a memória do povo e se reconhecia a identidade: “Nos 10 mil anos de história equatoriana estava esse passado formidável e também estava um futuro, porque dessa raiz profunda viria a afirmação do que poderíamos ser”.
- Hernán Crespo afirmou que essa ideologia e essa técnica só foram concretizadas graças à sua experiência e à participação no seminário do Rio de Janeiro, de 1958.
- O Museu do Banco Central do Equador ganhou prestígio e se ampliou. Conseguiu que uma parte do capital do Banco fosse investida em cultura. Assim iniciou-se um resgate de coleções regionais, em muitos lugares do país.
- Recuperou-se a memória do indígena e a dignidade desse povo através da exposição da sua herança, materializada nos objetos arqueológicos.
- Para finalizar, Hernán Crespo informou ter acabado de assistir à Conferência Geral da Unesco em Paris, e que um dos temas dessa

conferência havia sido a Cultura. Depois de 1989, a humanidade havia percebido quão importante era fortalecer a cultura: “Se a cultura não estiver inserida no planejamento, jamais se poderá conseguir o desenvolvimento humano sustentável que as Nações Unidas apregoam”.

- Em meio ao processo de massificação da cultura da modernidade, surge a necessidade de cada indivíduo preservar a sua individualidade. Os museus são peças chaves desse processo, pois são os únicos lugares nos quais os objetos são testemunhos.

O Museu é a fonte essencial da nova comunicação e tem uma tríplice função neste momento:

- Reforçar a identidade cultural e a alteridade.
- Responsabilizar-se por criar a consciência sobre a conservação do meio ambiente e da natureza.
- Estimular o uso adequado da tecnologia e dos meios de comunicação para o desenvolvimento integral do homem.

Debatedora – Ecyla Brandão:

- Concordou com o expositor quando este afirmou que o Seminário de 1958 propôs questões essenciais que resultaram na transformação dos museus latino-americanos. Foi a partir desse evento que os museus brasileiros oficiais se tornaram mais conscientes de suas responsabilidades.
- A participação do Presidente do ICOM, sr. Georges Henri Rivière, com sua personalidade dinâmica e contagiante, foi um dos principais fatores de sucesso daquele encontro.
- A finalidade do Seminário de 1958 foi articular técnicos de museus e educadores, visando uma exploração sistemática e contínua dos museus nos currículos escolares. Cada país representado trouxe um descrição sobre sua realidade, revelando assim um panorama geral da América Latina.
- O Seminário tratou de questões amplas relativas aos museus: conceituou Museologia e Museografia, estabeleceu uma classificação dos museus de acordo com seus acervos, destacou as exposições como linguagem própria dos museus e deu destaque à função educativa dos museus.

Resultados do Seminário de 1958

- A Publicação do nº 38 da série *Estudos e Documentos da Educação* da Unesco foi de extrema importância. Os museólogos brasileiros passaram a ter um importante instrumento na defesa de novas reivindicações, na apresentação de projetos e nos cursos didáticos de Introdução à Museologia que passaram a ser ministrados.
- Os museus brasileiros vêm desenvolvendo com bastante criatividade suas funções educativas, procurando soluções para cada tipo de Museu e para a clientela a ser atendida.

Novas vertentes?

Alguns museus na década de 1990 aboliram as visitas guiadas, porque consideravam mais educativo encaminhar os professores às reuniões ou oferecer materiais didáticos impressos para que eles próprios reconhecessem os recursos didáticos das exposições e pudessem, depois, trabalhar com seus alunos.

Debatedor – Mário Chagas:

Elogiou a exposição de Hernán Crespo, pois como participante dos Seminários de 1958 e 1972 ele era um dos poucos privilegiados, testemunha ocular da História Museológica.

Para discutir o documento, Mário Chagas recorreu a duas citações:

- 1) A primeira citação é visual: a imagem do estilingue, que puxa atrás e recua para o passado; quanto mais recuamos no passado, mais somos capazes de nos projetar no futuro. O estilingue é a situação presente; o elástico e a pedra são o passado, e o futuro é até onde a pedra poderá alcançar.
- 2) A segunda citação é de Mário de Andrade, quando em 1942 fez um balanço dos 20 anos da Semana de Arte Moderna dizendo: “Eu desconfio do meu passado. Meu passado não é mais o meu amigo”.

O debatedor afirmou que ao discutirmos sobre o Seminário de 1958, nós nos comportamos à imagem do estilingue: recuamos ao passado para alcançarmos adiante. E recuamos com o olhar de hoje. E quando analisamos

o Seminário, precisamos estranhá-lo, assim como Mário de Andrade estranhava seu passado. Precisamos estranhá-lo para perceber alguns elementos:

- a) O Seminário de 1958 não representa uma ruptura, diferentemente da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, em 1972;
- b) Esse não foi o primeiro seminário sobre o tema: haviam sido realizados outros em Nova York (1952) e na Grécia (1954);
- c) Seu documento é diferente dos demais, pois foi escrito por Georges Henri Rivière, ao passo que os outros foram redigidos por várias pessoas.

A importância desse seminário se dá por ser o primeiro Seminário Internacional sobre Museus no Brasil.

A situação no Brasil, em 1958, era esta:

Juscelino Kubitschek havia tomado posse graças a um golpe às avessas, vigorava a mentalidade desenvolvimentista (de tom nacionalista), e a televisão ganhava destaque e importância; o documento mencionou o uso dessa tecnologia nos museus.

No campo da Museologia, a situação era esta:

Em 1956 acontecia o 1º Congresso Nacional de Museus, em Ouro Preto, com a presença de Hélio Alberto Torres e Rodrigo Mello Franco de Andrade (primeiros representantes do ICOM no Brasil). Em 1926 havia sido criado o primeiro departamento de serviço educativo no Museu Nacional. O curso de Museologia já era conhecido como de nível superior, e existiam apenas duas escolas na América Latina: no Brasil e na Argentina. O MAM foi inaugurado durante o Seminário, como também o salão de ensino.

Momento ideológico do Seminário de 1958

- A Museologia estava contaminada por ideias desenvolvimentistas e o modelo museológico era o europeu, copiado sem preocupações com adaptação para a realidade da América Latina.
- No documento percebe-se o predomínio do conceito “civilização”, pois a “história das civilizações” ainda era o grande guia do momento.
- As questões culturais ainda não representavam o cerne das preocupações.

- Há uma ênfase nas Belas Artes de vanguarda, ao passo que as artes populares se aproximam mais do folclore.
- Há uma valorização do papel do conservador na instituição, tanto que o papel do educador deve ser executado pelo conservador, e o trabalho do pedagogo deve ser inspecionado pelo conservador. Não se previa uma autonomia da ação do pedagogo.

Pontos de crítica ao Seminário de 1958

- Ele se assemelhou a um manual para a prática museológica: não trata apenas da questão da pedagogia nos museus, mas também de exposições, da arquitetura dos museus, da conservação e da especificidade dos museus.
- Além disso, a Museologia estava descolada dos avanços históricos e pedagógicos: questões abordadas por historiadores, cientistas sociais e pedagogos ainda não se refletiam no campo da Museologia.
- O Documento de 1958 está repleto de contradições: é um texto que de um lado está ancorado na pedagogia liberal conservadora, mas de outro lado está minado pelo novo, pela novidade.

Aspectos interessantes do Documento de 1958

- Fazem-se distinções entre exposições ecológicas e exposições sistemáticas: as exposições ecológicas são ambientações contextualizadas – a Casa de Rui Barbosa seria classificada como exposição ecológica –, ao passo que as sistemáticas deveriam valorizar as cronologias.
- Museus regionais: começa-se a trabalhar com essa perspectiva, que na opinião de Mário Chagas é o germe da mudança, da proposição do novo nesse evento. É o germe do Museu Integrado, do museu da comunidade.
- A pedagogia de 1958 ainda não era a pedagogia de Paulo Freire, pois ele iria começar o seu trabalho em 1962. A pedagogia desse momento ainda era pouco preocupada com o compromisso social do educador, com a alfabetização e com a prática transformadora da educação, ainda que no Documento se fale em alfabetização.

Questões atuais

- Precisamos nos questionar sobre o tipo de educação que queremos. Uma educação comprometida com *quem* e com *quê*?
- Precisamos respeitar as diferenças e não valorizar a violência.
- Preservar a natureza: o *quê*, para *quem*?

2) Mesa-redonda: A Declaração de Santiago do Chile (1972)

Expositor – Hugues de Varine:

O que representou o Seminário de 1958?

- O Seminário do Rio de Janeiro foi uma ação de formação, uma ação pedagógica de peritos europeus e norte-americanos. Foi um esforço no sentido de formar museólogos da América Latina criando um modelo museológico universal, mas que na verdade era europeu e norte-americano.
- Esse Seminário foi o primeiro de uma série de seminários regionais da Unesco que aconteceram na Nigéria, em Nova Déli (Índia), em Bagdá (Iraque), na Argélia etc. Essas experiências resultaram de um esforço no sentido de trazer para os países chamados “subdesenvolvidos” uma Museologia de herança europeia.

Diferenças em relação ao Seminário de Santiago de 1972

- Em Santiago teve-se o compromisso de transmitir à Unesco e ao mundo que havia museologias locais, museologias regionais, museologias adaptadas a outras culturas.
- Santiago foi o primeiro esforço no sentido de não apenas criar uma interação entre as museologias do Norte e do Sul, mas provocar uma interação entre atos ligados ao desenvolvimento da própria região para uma melhor educação, desenvolvimento urbano etc.

Consequências do Seminário de Santiago de 1972

- Revolução ideológica: a descoberta de que o Museu pode ter um papel ativo no desenvolvimento local, regional e nacional de cada país.
- A revolução ideológica ficou no plano teórico: ela não se concretizou no plano prático, pois não resultou em mudança nas práticas museológicas dos países na década de 1970.

O que aconteceu entre o Seminário de 1958 e o de 1972?

- A descolonização acontecia na África, na Ásia e no Oriente Médio. Em 1962 o ICOM organizou uma conferência internacional

sobre o papel dos museus nos países em desenvolvimento, mas o Seminário se realizou em Neuchâtel, na Suíça, que está longe de ser um país em desenvolvimento! Todos os peritos eram de países desenvolvidos, e esses especialistas decidiam o que era bom para os países recém-descolonizados.

- A Unesco desenvolveu uma série de seminários e uma ação internacional mais dinâmica do que aquela existente antes da década de 1960.
- Havia discussão sobre o problema da alfabetização em Cuba, no Irã e no Brasil. Nessa época já havia o trabalho de Paulo Freire e de sua equipe. Problematizavam-se as ideologias capitalistas e os sistemas totalitários e comunistas nesses países.
- Havia um movimento para marcar a identidade de minorias oprimidas, e, no campo museológico, as novidades mais importantes foram os Neighborhood Museums, nos Estados Unidos.
- Valorizavam-se as culturas dos índios mexicanos: a equipe do Museu de Antropologia e História do México desenvolveu uma Nova Museologia para o povo, para analfabetos.

Efeitos da Declaração de Santiago de 1972

Ela foi esquecida por, pelo menos, 10 anos. Foi utilizada a primeira vez, em uma discussão museológica internacional, na reunião de preparação do Convênio de Quebec, em 1984.

Consequências da Declaração de Santiago

- Inauguraram-se duas vertentes da Museologia contemporânea, as quais discutiram *arquitetura e território*.
- Discutiu-se sobre uma comunidade que vive no território do Museu.
- Enquanto o Museu clássico falava sobre coleções e acervo, o Museu novo, proposto nesse encontro, falava sobre patrimônio global. Propôs-se a ideia de Museu Integral como patrimônio da comunidade.
- Enquanto os grandes museus falam sobre pesquisas realizadas por grandes equipes de alta competência, os museus locais falam de memória da coletividade, da comunidade. Fala-se da Museologia popular. Esses museus locais são verdadeiros processos, pois vivem a vida da população, seguem as mudanças da comunidade e do seu território.

- O movimento de Santiago (movimento porque é dinâmico!) inaugurou a ideia do “Museu como processo”, não apenas “instituição”. Esse processo vivo deve adaptar-se às mudanças da sociedade.
- O Museu pode ser um instrumento de libertação das comunidades e da criatividade coletiva e individual. Para tanto, é preciso libertar os museus.

Debatedora – Angela Sperb:

Contexto no qual se deu a Declaração de Santiago

- Contexto político: Salvador Allende e seu assassinato em 1973, ditadura militar no Brasil, movimentos guerrilheiros na Argentina, Bolívia, Peru, Uruguai e outros países. Passava-se pela crise do capitalismo, pela busca de modelos alternativos com tendências socialistas e pela repressão econômica e político-militar do centro. Além disso, o referencial teórico-metodológico dos intelectuais foi o materialismo histórico e a teoria da dependência, instrumentos com os quais se fez a leitura da América Latina e se constataram as diferenças sociais, culturais, educacionais e econômicas, entre outras.
- O pensamento pedagógico, filosófico e teológico que objetiva a libertação permeava as décadas de 1960 e 1970.

Aspectos filosóficos e ideológicos do Documento

- O Documento de Santiago tenta conciliar as novas ideias filosóficas que começam a aparecer na América Latina com a política desenvolvimentista e modernizadora.
- Valoriza-se o ensino profissionalizante.
- A pedagogia, a teologia e a filosofia da libertação entendiam o povo como sujeito e o identificavam como excluído do meio social. Teologicamente, libertar o povo significava salvá-lo. Pedagogicamente, significava conscientizá-lo e levá-lo à participação.
- O Documento reconhecia os principais problemas sociais que se pautavam pelo desequilíbrio entre países ricos e pobres.
- Mediante essa consciência, os museus deveriam participar na formação da consciência das comunidades e no seu engajamento

para a ação. O Museu deveria ser o provocador de mudanças. Deveria ser um Museu Integral.

- O documento foi revolucionário e conservador: *revolucionário* quando propôs um Museu Integral, que age e transforma a realidade; *conservador* quando propôs essa ação e transformação do ponto de vista do poder.
- O Documento propôs a criação de uma Associação Latino-Americana de Museologia.

Limites do Documento

- Quanto à compreensão do Museu Integral: socialmente não está claro se no conceito de *integral* estão incorporadas as diversas classes sociais, as diversas culturas nacionais etc. Quanto ao conceito de *integrado à vida da sociedade*: o Museu não se propõe a interagir com a comunidade, mas a dar lições a ela.
- Quanto à ênfase na questão urbana: o conceito de *urbano* vem divorciado do conceito de *rural*, não há a compreensão de que campo e cidade estão integrados e interagem.

Relação com as comunidades do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul

- As pessoas que trabalham nos pequenos museus da região do Vale do Rio dos Sinos desconhecem esse documento. Elas não têm formação em Museologia, raramente têm formação universitária.
- Nos últimos 15 anos muitos museus foram criados na região, pois isso faz parte do exercício político governamental. A proposta desses pequenos museus municipais se pauta pela criação de museus tradicionais: museus que expõem objetos dos antepassados, objetos que são fetiches da comunidade, dos doadores importantes.
- Há apenas três museus com propostas diferenciadas: a Casa Schmitt Presser, o Museu Municipal de Dois Irmãos e a Aldeia do Imigrante, em nova Petrópolis, que são museus comunitários.
- O Museu é uma comunidade universal, ele deve se adaptar dinamicamente à sociedade e acompanhar as mudanças, assim como interagir nessas transformações. Deve-se pensar em uma visão *pluriversal* de museus.

Debatedor – Hélio de Oliveira:

Será que a Declaração de Santiago envelheceu?

- Sempre encontramos um sentido verdadeiramente inovador no Documento de Santiago. Ele continua revolucionário, apesar das suas limitações. Ele adormeceu por causa da falta de divulgação e foi despertado aos poucos, em lugares distintos e em tempos diferenciados.
- A descoberta desses textos se deu no Fórum de Museologia do Nordeste, em 1988.

Relato das experiências museais com as comunidades

- Museu Capitão Antas, em Pedro Avelino, Rio Grande do Norte (1986)
- Museu de Arte Sacra em Acari, Rio Grande do Norte (1990)

Resultados das experiências

- Mesmo sem ter contato com o Documento de Santiago, concretizou-se uma prática do fazer museológico com a comunidade. Surgiu assim o aporte teórico para se tratar do desenvolvimento museológico, estudando a região como um todo e não o objeto de forma isolada. O homem passou a ser mais importante que o objeto.
- O mais importante para as comunidades não é o Museu, propriamente dito; a produção do conhecimento gerado pela comunidade é o que importa como produto final.
- Esses trabalhos valorizam o patrimônio da região e incentivam o desenvolvimento cultural do local. Com a infraestrutura preparada, a região já estava pronta para trabalhar com o turismo.

Debatedora – Maria Célia Santos:

Novidades

- A língua de origem passa a ser atestado do subdesenvolvimento: o domínio de outro idioma não resulta da necessidade do diálogo e sim da aceitação passiva do conhecimento que é produzido por outros.

- Os expositores: todos latino-americanos, comprometidos com a sua realidade.
- A escolha dos temas: chaves do desenvolvimento – educação, meio ambiente e urbanismo.
- A escolha de Paulo Freire: um ato de coragem por parte dos organizadores.

Novos caminhos

- A participação conjunta dos técnicos que atuavam nos museus, insatisfeitos em desempenhar de forma mecanicista suas ações, trazendo para o interior dos museus os questionamentos de suas áreas de conhecimento.
- Em Santiago dá-se o pontapé inicial para uma ação museológica que reconhece o ser humano e seu cotidiano não apenas como um resíduo.

Museu Integral

- Acredita-se que aí ganhem foco os problemas da relação do homem com a natureza, abrindo espaço para uma sociologia da natureza e para uma biologia que se abre aos fenômenos sociais.
- A partir da década de 1970 começa-se a dar importância concreta ao fato de o homem ser o produto e o criador de sua sociedade e de sua cultura. Em Santiago passa-se a delinear a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade.
- O preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando-se a construção de uma nova prática social.

Contexto histórico no Brasil

- Tenta-se uma política museológica para o país a partir de 1975, com a reunião dos dirigentes de museus em Recife, as reuniões de Secretarias de Cultura dos estados e dos Conselhos Federais de Cultura, realizadas em Brasília e Salvador em 1976.
- As décadas de 1970 e 1980 foram bastante pródigas em instalações de museus no país, foi a grande fase dos memoriais, do culto ao herói.

- Buscava-se autenticar a nação como uma realidade nacional, através das atividades de preservação.

A descoberta do Documento de Santiago

A descoberta deu-se nos meios acadêmicos na década de 1980. Mesmo nos museus “oficiais”, as discussões começam a ser embasadas pelos princípios da relação passado-presente e pelo engajamento nos problemas da sociedade, discussões que continuam a ser influenciadas pelas diretrizes surgidas em Santiago.

Consequências de Santiago

A Mesa-Redonda apontou os caminhos do respeito à diferença e à pluralidade. Incentivou a construção de uma Museologia aberta às múltiplas realidades e preconizou o crescimento do técnico que procura interagir com a comunidade, assumindo seu compromisso social.

Debate Geral

Maria Célia Moura Santos:

Questão a Hugues de Varine: “A participação comunitária e da iniciativa privada parecem ser traços marcantes na contemporaneidade e foram indicadas também pela Mesa-Redonda de Santiago. É possível afirmar hoje que o crescimento da Museologia e do Museu está relacionado com esses dois aspectos?”.

Hugues de Varine:

... Acho que um documento como o de Santiago e o movimento comunitário cultural do desenvolvimento não poderia acontecer fora da América Latina ... A pluralidade da evolução da Museologia e a explosão da criação de pequenos museus comunitários, de museus locais na América Latina são resultados de uma evolução cultural dos países da América Latina ... Devemos nos dar conta de uma situação contextual nesse tempo.

Maria Célia Moura Santos:

Questão a Hugues de Varine: “Quais são os maiores empecilhos para o desenvolvimento de uma Museologia com base na filosofia da libertação que se colocam no texto, ao concluir? ... Quais são os maiores empecilhos para essa Museologia baseada na filosofia da libertação?”.

Hugues de Varine:

Não sou latino-americano ... Para mim, vindo da Europa, a filosofia da libertação é uma coisa que conhecemos, mas não podemos participar porque a Europa é uma região colonizadora, imperialista. Para nós, é impossível responder a essa questão.

Maria Célia Moura Santos:

Questão a Hugues de Varine: “Há espaço, no Museu oficial, para a participação, a transformação e o desenvolvimento social a partir do que nos foi apontado em Santiago? Ou cabe a esses museus somente o papel de reprodução das políticas oficiais de cultura?”.

Hugues de Varine:

... Não tenho resposta a essa questão ... É uma questão que nunca vi discutida em encontros como este. Estamos constantemente discutindo sobre os problemas dos museus, problemas financeiros, técnicos etc., e

praticamente nunca discutimos problemas ideológicos, problemas de objetivos desses museus, nunca discutindo sobre a Nova Museologia ... Penso que há espaço para a discussão de uma Nova Museologia para os grandes museus ... que não podem mudar de um dia para o outro.

Marcelo Araujo:

... Acho fundamental ... que neste momento a gente tenha muito claro, na realidade brasileira, o reconhecimento da necessidade, da pluralidade das atividades museológicas. Tanto nos museus comunitários, nessas novas experiências, como nos museus tradicionais. Acho que os museus tradicionais são um campo fundamental para esse exercício museológico, quer dizer, para um novo exercício museológico.

Mário Chagas:

... Algumas ideias da Nova Museologia efetivamente ganharam espaço ... Os museus que são tradicionais estão se contaminando, de forma positiva, com a Nova Museologia ... Os museus gradualmente se contaminam mais e mais com essas ideias tão curiosamente que muitas vezes, mesmo sem termos o conhecimento dos documentos, já estamos imbuídos de uma nova mentalidade, de um novo fazer, de um novo pensar, o que é interessante ... O Museu Histórico Nacional, que foi criado no apogeu do nacionalismo, como diz Eric Hobsbawm ... ali diversas experiências ... já estão sendo feitas ancoradas inteiramente nos conceitos e nos estudos da Nova Museologia ... Hoje, o esforço do Museu Histórico Nacional é não mais se dirigir para o nacional indefinido, mas atuar em um território delimitado, dirigindo-se a essas pessoas [da área do centro, da Candelária, da Ilha de Paquetá, Gamboa, São Cristóvão e Caju] ... E em termos concretos, ações concretas são realizadas com educadoras de creches de todas essas áreas ... Em minha opinião, é perfeitamente possível, a partir dos museus tradicionais, o desenvolvimento de novas metodologias.

Hernán Crespo:

... Naquela época era a ... busca literária da identidade, lembremos que aí começa o *boom* latino-americano de literatura ... justamente nesse momento de efervescência desse *boom*, em que a América Latina vai transcender como um todo. Há também o início da integração latino-americana, que é uma coisa importantíssima ... O Alam fracassa rotundamente porque a integração é impossível ... pois os museus nem sequer dispunham dos meios de comunicação que hoje estão mudando toda a América Latina ... A comunicação era muito difícil, apesar de existir um sentido de integrar.

Antônio Carlos Lobo Soares:

... Se há esse espaço nos museus oficiais? Eu acho que sim ... Essa resposta, o Museu Goeldi lá em Belém do Pará já está dando há muitos anos ... Não houve contato do Museu Goeldi com essa realidade e com esses documentos, com essas reflexões. No entanto, isso ocorre lá.

Pierre Mayrand:

A maneira como entendo a Declaração de Santiago é ... que os museus devem não somente estar atentos ao que acontece na sociedade, mas também participar nos diversos momentos. Mais do que isso ... devem provocar situações ... Nesse sentido é muito difícil esperar de uma instituição museológica, que é uma instituição de poder e ... que controla a ordem social ... permitir que ... o Museu possa cumprir seu papel, que é um papel cultural real e não somente um papel cultural gentil ... Porque antes de ser museólogo, deve-se ter também uma opinião de cidadania sobre certas coisas.

Maria Célia Moura Santos:

Questão a Hugues de Varine: “O Museu Comunitário é o resultado de um processo dinâmico de criação e recriação, caracterizando as ações humanas que estão se construindo ou se desconstruindo em cada momento histórico. Como o senhor analisa a questão da temporalidade desses museus?”.

Hugues de Varine:

Tenho essa experiência com a evolução, a história da criação do ecomuseu da comunidade urbana Le Creusot Montceau. Ele foi construído na década de 1970 ... por um grupo de pessoas dinâmicas da comunidade, de 35 a 50 anos de idade ... Nos anos 80, o Museu estava parecendo muito dinâmico. Mas nos anos 1984, 1985 houve a grande crise industrial do Creusot ... O museu, por outras razões, não acompanhou essa crise. Havia uma crise econômica e social no território, na comunidade, e uma crise diferente, uma crise também de geração, no próprio museu. A reconstrução do Museu foi lenta ... Na década de 1990 tivemos uma nova equipe, um novo sistema ... uma nova política do museu, que pensamos estar mais adaptada às condições locais ... Neste período de 20 anos, o Museu adaptado, criado por uma geração mais velha, transforma-se numa atração turística para visitantes de fora ... Temos de reinventar um novo Museu com uma instituição de 20, 25 anos. É um desafio muito sério e muito difícil.

Marcelo Araujo:

Quando o Museu Lasar Segall fez 25 anos ... nós achamos que seria fundamental realizar um seminário público de avaliação. Tanto em função do compromisso do Museu ... como também para criar um espaço de discussão do perfil do Museu e de uma redefinição da sua política cultural. Para as instituições, essa questão de temporalidade e dessa constante renovação é discussão fundamental ... o trabalho museológico tem que ser visto sempre nessa perspectiva.

Maria Célia Moura Santos:

... Esse Museu também admite até a sua morte, a sua não existência. É um Museu que está se construindo, reconstruindo, ele é vida, e pode chegar até um momento em que as pessoas digam: "não queremos mais esse museu, ele cumpriu o seu papel e pode deixar de existir". Eu acho que esse processo de avaliação ... deve ser, sim, permanente.

Maria de Lourdes P. Horta:

... O Documento de Santiago não diz "vamos suprimir ou não nos interessam os museus tradicionais e oficiais" e se cria um novo Museu ... Os museus novos, do tipo comunitário, são muito poucos ... Então, a proposta de Santiago é dirigida aos museus como estavam naquele momento e como continuam a estar. E aqui no Documento ... aponta-se que essa nova concepção não implica a supressão dos museus atuais, nem a renúncia dos museus especializados, mas que se considera que ela permitirá aos museus se desenvolverem e evoluírem de maneira mais racional e mais lógica ... A transformação prevista ocorrerá lenta e mesmo experimentalmente.

... Acho que o que se propõe realmente é uma mudança de mentalidade, uma mudança de visão do Museu como instrumento para o desenvolvimento a serviço da sociedade. Não importa o tamanho, o nível, a instância em que ele esteja.

3) Mesa-redonda: A Declaração de Quebec (1984)¹

Expositor – Pierre Mayrand:

O expositor lembrou que entre a Declaração de Santiago e a de Quebec se passaram 10 anos. Indicou que, em sua opinião, sempre houve uma distinção entre a instituição museológica e os museólogos, e que estes já possuíam consciência disso desde 1972.

Mudanças

- Em uma reunião do Icofom havia um grupo de pessoas descontentes e que se sentiam próximas dentro da organização do ICOM. Mayrand afirmou que essas pessoas perderam muito tempo discutindo, já que as estruturas eram muito rígidas e se tinha o desejo de alterar o panorama.
- Para dar espaço às novas ideias, esse grupo pediu ao Icofom, durante uma Assembleia Geral, que se criasse um comitê, um grupo de trabalho informal que pudesse tratar da Museologia comunitária.
- Nesse momento, em um gesto de protesto, metade dos participantes da assembleia se retirou.
- Mesmo assim o grupo se reuniu em um terraço, em Londres, perguntando-se: “o que vamos fazer agora?”.
- O grupo levou uma proposta para uma reunião realizada em Quebec, no ano seguinte. Uma proposta inicialmente desorganizada, sem estrutura, mas que depois de um ano resultou no encontro sobre o tema de ecomuseus.

O encontro

- Em outubro de 1984 reuniram-se pessoas de todas as partes do mundo, cerca de 64 participantes que vieram espontaneamente, sem saber o que poderiam encontrar lá, já que havia um programa de discussões mínimo.
- Nesse programa havia o tema da “Museologia popular: técnicas e práticas” para discussão.

¹ A apresentação da debatedora Cristina Bruno, logo após a fala do expositor, não foi gravada.

Debatedora – Odalice Priostti:

- Iniciou seu relato comentando a experiência do seu Museu (o primeiro ecomuseu do Rio de Janeiro),² dizendo que ele não é apenas um espaço para *visitação*, mas para *participação*. Nesse Museu há alguns objetos expostos, por insistência da comunidade, mas sua ação vai além dos objetos e de seu espaço expositivo.
- “Costurar as partes do tecido social desintegrado” é uma função desse museu-comunidade, segundo a debatedora. E o papel desse museu-território é fazer-se responsável por cada bem identificado ou não nesse espaço.
- A participação da comunidade nesse Museu se traduziu na prática em palestras, seminários, exposições itinerantes, projetos no âmbito escolar etc. Essas práticas é que o fazem denominar-se museu-comunidade.
- A debatedora finalizou sua fala dizendo que todos podem estar conscientes ou não dessa atividade, na recriação do novo a partir da história e do cotidiano da experiência de Santa Cruz. A defesa do patrimônio de Santa Cruz não se restringiu apenas aos bens edificados e à sua história, mas se estendeu principalmente sobre o patrimônio humano desse território e suas relações com o seu ambiente natural e cultural.

Debatedora – Tereza Scheiner:

A debatedora procurou trazer algumas reflexões com relação aos antecedentes da Declaração de Quebec.

Novos Caminhos

- O ambiente que propicia mudanças na Museologia não surge nas décadas de 1950, 1960 ou 1970. Ele é um produto de movimentos mais recuados (século XIX e início do século XX). Como exemplos, a debatedora citou o processo de industrialização da Europa, que cria os museus da indústria; o advento da teoria marxista, que causa profundas mudanças sociais; a percepção do operariado como sujeito atuante, mas já como público de museus.

² Ecomuseu de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. (N.E.)

- Percebe-se naquele momento que a educação é algo fundamental para todos os segmentos da sociedade.
- Em 1873 se inicia o movimento da ecologia internacional com o [cientista alemão Ernst] Haeckel, que cria o termo *ecologia*.
- Com o advento da tecnologia e a propagação da noção de ecologia criam-se nas primeiras décadas do século XX os parques nacionais em diversos países.
- Uma nova percepção de mundo é criada através das teorias de Einstein. A teoria da relatividade revoluciona a percepção universal, alterando conceitos de espaço e tempo.
- Na década de 1950 teremos Frank Oppenheimer com o conceito e a teoria do *Exploratório*, que atravessa outra via de tendências na Museologia.
- Na década de 1960 o homem revoluciona a tecnologia e as telecomunicações. Aliado ao movimento tecnológico, o homem visita a Lua, inicia-se o movimento *hippie*, a luta pelos direitos humanos e os movimentos raciais nos Estados Unidos.
- Na década de 1970 a relação entre museus e meio ambiente cresce e se realiza através de centros de interpretação dos parques nacionais em vários países.
- Em 1972 acontece a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, que formaliza internacionalmente a tendência do Museu Integral, a percepção do patrimônio integral. Essa mesa não acontece por acaso na América Latina, em pleno período dos regimes ditatoriais. Ela acontece como uma tomada de posição da identidade do pensador latino. Prova disso é o desdobramento que o evento tem em Portugal, pois naquele país, depois da Revolução de Abril, já se podia colocar em prática o que era defendido na América Latina.
- Começam a aparecer os ecomuseus. Em 1979, Pierre Derrien trabalha uma ideia revolucionária, de um tripé conceitual: conservação, cooperação e representação.
- Em 1984 chegamos ao documento que elabora o conceito da Nova Museologia e que propõe a criação de um movimento e não de um grupo formal, de uma instituição, como bem colocou Pierre Mayrand.

Nova Museologia

- Essa evolução acontece 4 anos depois que Georges Henri Rivière nos lega a sua definição evolutiva de ecomuseu, na qual ele diz que considera o Museu um espelho da expressão do homem, da

natureza, do tempo e do espaço. Mas também um centro de conservação, no sentido da permanência daquilo que é interessante, daquilo que pode ser utilizado para catalisar a mudança do Museu como escola, e da cultura, em sentido mais amplo.

- Foi um movimento de absoluta contestação e de renovação qualitativa dos museus (da ideia de Museu e não da instituição Museu).
- Discute-se que Museu é um nome genérico, que se pode dar a uma pluralidade de experiências ou às diferentes representações desse fenômeno no tempo e no espaço, de acordo com as possibilidades, limites e vontades de cada grupo social em determinado momento.
- Essa experiência é variável, ela não é permanente no tempo e no espaço, e é a partir de sua variabilidade que passamos a entender o Museu como fenômeno plural e processo que está em contínua mutação.

Profissão

A profissão museológica estava buscando uma renovação do Museu como instrumento a serviço da sociedade. Servir a um patrimônio global significa servir ao homem em sua totalidade. É esta a ideia plantada pelo conceito de Museu Integral, que continuava a causar efeitos.

Experiências

- A debatedora expôs suas experiências do final da década de 1960 no Smithsonian, enquanto acompanhava os movimentos de museus da vizinhança (*neighborhood*).
- Ela introduziu os estudos de Museologia e Museografia na Escola de Museologia do Rio de Janeiro.
- Em 1975 ela passou a trabalhar em parques nacionais, centros de interpretação com deficientes físicos e mentais, além de trabalhar com educação ambiental e com excluídos sociais. Em 1982, já trabalhava com uma comunidade multifacetada: favelados, ciganos, mendigos etc.

Impressões pessoais

Para Tereza Scheiner o termo Nova Museologia soa estranho, pois se os Documentos de Quebec propunham essa nova vertente em 1984, a museóloga afirma que já a praticava desde 1968! A debatedora afirma que a Nova Museologia pode ser nova para o país, para o mundo acadêmico, mas, segundo sua experiência pessoal, é essa a Museologia que ela conhece e sabe fazer.

Debate Geral

Cristina Bruno:

Questões a Pierre Mayrand:

- Após 10 anos de atuação museológica, é possível fazer um balanço do que já é realidade e do que ainda é utopia?
- Existe uma aproximação muito grande entre membros do Minom e professores universitários. É possível aferir uma transformação nas mentalidades por meio da formação acadêmica?
- Quais são os limites de intervenção social através de processos museológicos? Existem limites?
- Qual a força transformadora de um movimento como o Minom?

Pierre Mayrand:

Creio que a utopia é necessária para um projeto como este, de caráter social. Ela é uma característica, uma dimensão essencial que se deveria ter em mente. Os limites são os limites físicos de uma instituição museológica ou o marco legal da instituição em que estamos ... Falam de uma Museologia de ruptura, outros falam da Museologia como arte das ideias. São todas possíveis. Talvez assim se possa cumprir o impossível. Quando se crê, é possível.

... Hugues de Varine em sua síntese do encontro de Quebec, em 1992, dizia que os limites que podem vir são os de dentro e os de fora. Há limites que devem ser superados, e o futuro do Museu está na superação de pressões que vêm de dentro e de fora.

Não posso falar sobre todos os membros do Minom, mas há pessoas que vivem na Universidade. Isso vem da importância que se dá a cada uma dessas carreiras ... eu tenho defendido a carreira de serviço à coletividade, e procuramos trabalhar junto aos bairros e não há problemas ... somos intelectuais na sociedade, que tem bancado os custos da manutenção desse espaço. Então, temos que restituir isso à sociedade. A linguagem que utilizamos tem se modificado ... O poder começa pelo conhecimento, e isso temos que levar às Universidades, às pessoas de forma geral.

Denise Grinsepum:

Eu vejo uma grande associação da Nova Museologia com a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. Da década de 1980 para cá, a educação passou por uma grande transformação trazida pelos novos

piagetianos, principalmente no México, em que se está revelando a questão da pedagogia do oprimido como aquela que não possibilita o acesso aos códigos do poder, ou seja, o espontaneísmo não gera acesso à informação e à possibilidade de as pessoas dominarem os códigos da sociedade que domina os códigos do poder, os códigos culturais. Eu gostaria de saber como a Nova Museologia vê essa questão.

Cristina Bruno:

Em minha opinião, há uma Museologia só ... Acho que houve um alargamento bem considerável das possibilidades de relação da sociedade com o patrimônio, por meio dos mecanismos museológicos. Isso demanda também uma nova metodologia. Para mim, todos esses processos ... estão reunidos em um novo olhar metodológico ... que dá instrumentos para a população, para o indivíduo, para a coletividade interagir com sua própria dimensão patrimonial e cultural. De gerenciar sua própria herança ... Faz-se uma parceria com Paulo Freire, como se faz uma parceria com alguns outros pensadores que possibilitaram caminhos museológicos para a democratização da cultura, dos processos patrimoniais, dos processos educacionais ... Existem alguns autores que falam da Museologia da Ruptura. Para mim, é uma questão apenas metodológica, o que existe é uma diferença clara de metodologia de trabalho.

Maria Célia Moura Santos:

Há muito do embasamento na Pedagogia do Oprimido, desde Santiago, e busca-se uma transformação. Essas realidades, no meu entender, são múltiplas realidades. E dentro dessas múltiplas realidades está a realidade institucionalizada, oficial ... E o que se busca em todos esses movimentos, no próprio movimento do Minom, é essa transformação do sujeito, do sujeito participativo nessas realidades, é exercer a cidadania dele, situando-se no mundo como um todo.

Tereza Scheiner:

Ensinar e aprender são processos maiores. O de conhecer implica reconhecer, e reconhecer não é uma proposta apenas da educação, mas também da Museologia, que se quer ativa e transformadora. Como se dá esse processo? Eu não diria que é uma metodologia, mas qual é a proposta? Reconhecer o outro como outro. Aquela questão de reconhecer a alteridade. É tão difícil!

Mário Chagas:

O Paulo Freire, mesmo sendo uma ausência em 1972, foi uma grande presença. A ideia do testemunho ausente. A sua ausência é significativa ... As ideias de Paulo Freire gradualmente ganham espaço na Museologia. E hoje nós estamos recuperando um lapso, um momento de adormecimento ou de dormência. Há um reconhecimento internacional de que a produção de Paulo Freire está inteiramente encaixada dentro dos princípios e pressupostos da Nova Museologia.

... O que mais parece merecer realce na Declaração de Quebec não é de certa forma uma novidade conceitual no texto em si, pois desse ponto de vista ele retoma ... o essencial da Declaração de Santiago, mas sim o fato de ter confrontado a comunidade museal com uma realidade museológica profundamente alterada desde 1972 por práticas que revelaram uma Museologia ativa, aberta ao diálogo e dotada de uma forte estrutura intencional e autônoma. A questão que se colocou aí era a necessidade de se aceitar a diferença no seio da Museologia.

... Foi fundamental falar em Nova Museologia. A gente acaba incorporando os discursos. Se não se marcassem as diferenças, se não se estabelecesse a ruptura, não se abriria espaço para o diferente, para o novo. Hoje nós falamos na possibilidade de uma Museologia porque estamos incorporando as diferenças, e é isso que me parece importante. O Minom foi sempre uma estratégia ... não se objetivava a criação de uma federação efetiva, tanto que acabou em um movimento. Agora, independente de as pessoas estarem filiadas ou não ao Minom, há a possibilidade de um fazer museológico novo?

Pierre Mayrand:

Sim, isso é verdade. Este é um contexto no qual se cria a oportunidade deste encontro, de partilhar com os companheiros algumas ideias e também algumas metodologias como essa de Paulo Freire, por exemplo ... Não se pode dizer que o Minom tenha sido uma estratégia assumida como tal ... por detrás dessa estratégia se instalou pouco a pouco uma ideologia, atrás de tudo isso que neste momento, agora, liga pessoas no mundo inteiro.

Marcelo Araujo:

A partir desse processo que as instituições museológicas sofreram, principalmente a partir da década de 1970, com a Declaração de Santiago e depois com o surgimento da ... Nova Museologia, eu acho que isso traz para nós uma discussão importante, que é a questão da identidade

da Museologia. Esse processo todo levou o Museu e a Museologia a uma crise de identidade. Ao longo dos anos 70 o que a gente viu foi uma proliferação de centros culturais, casas de cultura, enfim, novas formas de organização, muitas vezes ... um Museu ... abandonando o seu espaço de atuação. Apesar de defendermos a multiplicidade e a diferença, acho que antes de tudo é importante resgatar a identidade do trabalho museológico, a especificidade da Museologia. E que traz como corolário direto o reconhecimento da necessidade do trabalho do profissional.

... Não podemos esquecer que o que irá caracterizar o trabalho da Museologia é o trabalho a partir da referência patrimonial do objeto ... Acho importante termos claro quais são os limites e o que caracteriza o Museu, o trabalho museológico e a Museologia como disciplina autônoma em relação a todas as outras.

Tereza Scheiner:

Eu gostaria de lembrar uma frase de Mathilde Bellaigue em texto de 1987, no qual ela se pergunta: "afinal, do que trata a Museologia?". E ela mesma responde: "a Museologia trata do real". No francês o termo é *réel*, que não é traduzível para o português com toda a intensidade. Mas ela afirma que é esse real o real que constitui as coleções do Museu total. O concreto cotidianamente vivido, utilizado, usado. O Museu não serve mais ao título de produtor de cultura, mas sim de revelador de identidades, de mudanças, de questionamentos, de conflitos, de solidariedades ... O que você denominou de *patrimônio* ou *objeto*, valeria uma nova reflexão sobre o que é para nós patrimônio, o que é para nós objeto.

Patrimônio integral é visto por um conjunto de teóricos como as pessoas, a paisagem, o fazer cultural, o produto desse fazer cultural, a memória coletiva, o rito, a dança, a língua. Isso para alguns museólogos é o objeto. E é o objeto de estudo da Museologia, além do museu, além do homem. Para outro grupo de pessoas, o *objeto* é a expressão da cultura material ... Eu acho que esse seria o ponto de contato. A Museologia trabalhar com o real, seja como for o que a gente vê. E aí, dependendo de como você vê o real, do que você considera como objeto possível de trabalho, você fará uma ou outra Museologia. Porque não existe uma só, existem várias.

Hugues de Varine:

Como profissional de desenvolvimento local, quando trabalho com prefeitos, vereadores, agentes de desenvolvimento e funcionários públicos em geral ... preciso da mobilização da comunidade. A França

tem um problema de burocratização e politização do desenvolvimento que faz que só os políticos eleitos tenham legitimidade para dirigir o desenvolvimento local. É sempre um desafio o desenvolvimento ter de dar conta dos recursos locais, e o primeiro recurso do desenvolvimento é o recurso humano, a comunidade.

O que é preciso para mobilizar a comunidade? É preciso uma coisa importante que é a confiança em si, da própria comunidade e dos seus membros ... de permitir uma autonomia de participação na comunidade e dos membros da comunidade. Preciso de quatro instrumentos essencialmente: um instrumento para o conhecimento: escola; um instrumento para a informação: rádio, jornais etc.; um instrumento de dramatização: teatro, poesia, a arte de intervenção; e um instrumento para a utilização do patrimônio: o museu. Nos quatro instrumentos, os princípios de Paulo Freire são válidos.

4) Mesa-redonda: A Declaração de Caracas (1992)

Expositora – Maria de Lourdes P. Horta:

Objetivos do Seminário

O Seminário teve como objetivos avaliar a trajetória de quase 40 anos desde a Declaração do Rio de Janeiro (1958), passando por Santiago, em 1972, depois Quebec, em 1984, e pela Declaração de Caracas, em 1992.

A reunião

Reuniram-se cerca de vinte profissionais de museus na Venezuela, em 1992, dez dos quais venezuelanos, dez de outros países da América Latina e mais alguns convidados. A reunião durou 23 dias, e o que resultou nesse documento foi um trabalho de muitas vozes, de muitas experiências e ideias.

Destaque da reunião

O que mais se destacou dessa conferência, em relação às anteriores, é que todos os participantes eram pessoas engajadas no trabalho museológico, todos trabalhadores de museus: não havia autoridades, diretores, apenas pessoas com múltiplas experiências e de diferentes países da América Latina.

Do título da fala da expositora

“De belas ideias ao engajamento real”: a expositora retoma a imagem do estilingue, proposta em debates anteriores por Mário Chagas, e se pergunta por que esses textos e documentos demoraram a chegar ao Brasil.

Para muitos, esses documentos não envelheceram, pois muitos tiveram contato com essas produções recentemente. O eco dessas produções remete à ideia da pedra sendo lançada em um lago. A ressonância que ela produz em suas águas é o mesmo efeito das contribuições desses documentos. São ideias formuladas em determinado momento, e que mesmo depois de 20 anos ainda são ideias revolucionárias e estão chegando às margens do lago museológico (da periferia).

Por que esses documentos demoraram a chegar ao Brasil?

- As ideias propostas em Caracas só talvez daqui a 20 anos estejam assumidas, internalizadas na área museológica, como coisa adequada e pertinente.
- A representante do Brasil não estava de acordo com aquelas ideias e não assinou embaixo de todas as propostas. Ela estava representando um organismo oficial em momento de alta repressão no Brasil, confrontando-se com propostas revolucionárias. É natural que não tivesse vontade, coragem ou interesse em apresentar essas ideias, até mesmo talvez não comungasse com elas.
- Problemas no acesso à informação: O Documento de 72 foi publicado na revista *Museum* de 1973, um ano depois, e poucas pessoas no Brasil tinham acesso a publicações internacionais.

Inspirações

O texto de Santiago, que é a base da Declaração de Caracas, foi proposto especificamente 20 anos após Santiago para se fazer uma releitura, uma reavaliação das ideias lançadas na mesa-redonda de Santiago.

“Davi e Golias”

A expositora vê no Documento de Santiago ainda uma posição “Davi contra Golias”, pois alguns idealistas revolucionários propuseram uma revolução na ideia de Museu, na função do Museu e contra toda a força instituída, não só no universo museológico, mas no campo político, social.

Ampliação da ideia de museu

Com a influência de Jorge Enrique Hardoy, um urbanista que começou a falar das cidades, os museólogos acabaram olhando para fora, eles se deram conta da grande distância entre o mundo dos museus e das suas torres de marfim e o mundo que os cercava lá fora, as cidades e os campos.

Dimensão política do Museu

Dez anos depois, essas ideias continuaram a se forjar, a pedir um reconhecimento como proposta válida, até então tudo isso poderia ser um delírio, um sonho, uma coisa utópica. Hugues de Varine declarou que a

importância da Declaração de Santiago é a descoberta da dimensão política do museu. Essa dimensão política, segundo a expositora, é proposta através da formulação de um novo ideário, de uma nova declaração de princípios, que justificava a ideia de museu, o seu trabalho e a sua prática.

Significado da Declaração de Santiago

- Ela figura como uma declaração de princípios, uma declaração de fé. Sabemos bem que não é apenas a mera declaração de vontades ou de princípios que irá transformar a realidade, mas há uma modificação lenta e gradual a partir dela. A Declaração de Santiago configura várias experiências de sucesso que já permitem essa proposição nova. São experiências de tentativas, de fracassos, dúvidas, de possibilidades e de experimentações. Todo trabalho na Nova Museologia é experimental.
- A polarização entre *oprimido* e *opressores* em Santiago demonstrava o momento político-social que se vivia. Nessa polarização, parecia que se estava dizendo que não havia mais nada a fazer com o velho, com o tradicional. Por vezes, ainda hoje se sentem algumas manifestações com relação à Nova Museologia: como se houvesse uma separação, “nós e os outros”.
- Depois dessa experiência, percebeu-se que era preciso inventar um novo modelo de Museu, que não estivesse preocupado apenas com os objetos. Nesse momento surgem as experiências dos ecomuseus, dos museus de vizinhança, de gestão comunitária.
- Houve a cisão nas correntes do pensamento museológico que resultou na criação do Minom.

Experiências no Brasil

A expositora relata sua formação, na Escola de Museologia, no período de 1963 a 1965. Como sua formação aconteceu antes da divulgação desses documentos, ela afirma que não havia tido conhecimento deles nem mesmo em seu trabalho, no cotidiano dos museus “oficiais”. O que repercutia eram apenas as ideias do Documento de 1958, pois já se falava muito da questão da educação, das técnicas museográficas, didáticas e pedagógicas. Todos estavam imbuídos de uma missão educacional, pedagógica. Isso quer dizer que na formação ainda é possível ver o Museu como um tipo de educação *bancária*, com transmissão de conhecimentos e de valores. Todos ainda eram conservadores desse modelo de Museu.

O que acontece em Quebec?

- Vê-se essa continuação do processo de Santiago, uma década depois, com o movimento estruturado como reação à intolerância, ao fechamento dos conservadores em sua linguagem científica, à Museologia como ciência, preocupada com seus métodos científicos, seu próprio *thesaurus*...
- O movimento de Santiago causou uma crise de identidade nos museus. Perguntava-se: "Quais são os museus de verdade? Os clássicos, ou aqueles que se desejamos fazer?". Para ajudar a esclarecer essa identidade, o ICOM, na Conferência Geral de 1986 em Buenos Aires, define o que é Museu, o que é Museologia. Discute-se a questão da identidade, mas não chega a ser discutido o papel do museólogo. Até mesmo a Declaração de Quebec, em que se afirma um movimento de Museologia alternativa, não muda nada assim radicalmente. Toda transformação é lenta, e mesmo em Quebec é possível ver uma herança genética dos modelos anteriores.
- A Declaração de Quebec viabiliza a vontade de expressar as bases organizativas para uma reflexão comum sobre experiências vividas.

Propostas finais da Declaração de Quebec

- Um convite ao reconhecimento desse movimento, com a comunidade museológica aceitando todas as formas de Museologia ativa nas tipologias de museus.
- Vontade de criar estruturas permanentes para a Nova Museologia.

Paradoxos

Por que falar em tipologias de museus? Essa concessão a uma tipologia, inserir o Novo Museu em uma tipologia, parece uma concessão a essas categorizações tradicionais. Além disso, como seria possível criar estruturas permanentes em um movimento que se propõe trabalhar com comunidades vivas, que estão em constantes mudanças?

Os cinco temas de Caracas

- Museu e comunicação;
- Museu e gestão;

- Museu e liderança;
- Recursos humanos;
- Relação com o patrimônio global.

A Declaração de Caracas

Ela retoma os princípios de Santiago, uma releitura de 20 anos depois. As premissas de Santiago são incorporadas a esse documento como ponto pacífico, há um consenso. Já se falava em museus inseridos na sociedade, não necessariamente integrados. Caracas retoma a ideia do Museu Integral que Santiago anuncia e não diz a receita para se chegar a isso. Depois de 20 anos de experimentação é que se dá a impressão de não ser apenas utopia. Nem sempre esses museus estarão integrados à vida social. Mas eles sempre estiveram ali, inseridos no meio social. Caracas é isto: um grupo de pessoas que haviam vivenciado 20 anos de experiência em diversos países e diversos contextos.

Diferenças do documento de Caracas

Ele será feito a partir de um diagnóstico, de relatórios antecipados sobre os museus de cada país participante, relatórios que expressavam diferentes situações de relação dos museus com a sociedade, tipos de gestões, recursos, dificuldades. Ou seja, esse documento se diferencia dos demais pela sua objetividade e por tratar de coisas mais concretas.

“Método”

- Nessa reunião foi proposto um método de trabalho inovador, talvez desenvolvido por escolas de administração e de planejamento. O método “Foda”, que se pautava por ser de análise para o planejamento estratégico. “Foda” eram as iniciais de quatro tipos de análises a serem feitas: Fortalezas, Oportunidades, Debilidades e Ameaças.
- A expositora relatou que o termo, apesar de lhe causar certa repulsa, era muito administrativo. O Documento de Caracas saiu desse método de trabalho, muito concreto, que trabalha com a realidade.

Conhecimento do público

- Houve um conhecimento muito mais concreto do público *para quem* se estava falando, *com quem* se estava falando e *como* se estava

falando. Tinha-se nesse momento a clara noção do que é o público, do que é a comunidade.

- Reconhecia-se o Museu como meio, como instrumento, como estilingue. Não como arma, mas como meio de comunicação, de diálogo e de interação.
- A ideia de interação está mais presente em Caracas, ideia do Museu como instrumento social, interagindo no seu meio, em sua comunidade. Em contraposição à Declaração de Santiago, que era um pouco monológica.
- A necessidade da questão do *marketing*: não apenas um *marketing* de recursos, mas sim um *marketing* de imagens, para transformar o Museu em uma coisa agradável e não apenas em um mecanismo pedagógico, um ambiente chato.

Trajetórias em constantes transformações

Esse movimento que começa em Santiago, toma impulso direutivo em Quebec e acontece no Brasil nestes últimos 20 anos relaciona-se com os trabalhos de Hélio de Oliveira, que nos conta que só agora percebe que o que fazia estava de acordo com Santiago! Vemos em nossos museus tradicionais, nos museus menores, a diversidade do pensamento museológico brasileiro. São momentos distintos de uma trajetória na qual se descobre pouco a pouco para onde se vai e aonde se deseja chegar.

Debatedor – Marcelo Araujo:

Memórias

- Declara que o seminário tem como objetivo representar um momento de construção das nossas memórias, da memória do pensamento museológico a partir das memórias individuais.
- O debatedor inicia o relato de suas memórias pessoais dizendo que foi aluno do curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política, em São Paulo, na época em que o curso era coordenado pela professora Waldisa Russio. Ele começou a trabalhar no Museu Lasar Segall quando ainda era estagiário, no segundo mês de seu curso de Museologia, o que para ele foi um privilégio, já que ocorreu uma formação praticamente paralela, tanto em nível de reflexão como em nível prático.

- Marcelo diz que em 1991 recebeu no Museu uma carta-circular da Unesco convidando profissionais de museu a se candidatarem para participar de uma reunião que se realizaria em Caracas, no ano seguinte, para avaliação e discussão da Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile, comemorativa dos seus 20 anos. Lourdes havia sido selecionada, pois ela era uma das melhores profissionais que poderiam representar o Brasil.
- Quando ela retornou da reunião de Caracas, redigiu uma carta ao presidente do IBPC (Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural – órgão do governo federal) sugerindo uma reunião interna para a discussão do documento que, segundo ela, trazia questões e ideias interessantes para as instituições museológicas.
- Essa reunião nunca foi convocada, mas, felizmente, no âmbito do Comitê Brasileiro do ICOM se tem a oportunidade de discuti-lo em público 2 anos e meio depois de sua elaboração.

Declaração de Caracas

- Crise do Estado: esse incidente no IBPC constitui exemplo da ausência de atuação do Estado. Diferentemente do Documento de Santiago, o Documento de Caracas resultou de uma crise total do Estado.
- Há uma crescente tendência de privatização no campo da cultura. Um parágrafo da Declaração de Caracas diz: “O Estado não pode abandonar totalmente seu papel de gerenciador do acervo patrimonial dos nossos povos e deve contribuir para garantir a sua conservação e integridade como organismo mais idôneo”.
- O Documento de Caracas não é um documento “redondo”, ele foi elaborado por uma série de pessoas e, nesse sentido, parece um documento de consenso. Não podemos voltar à década de 1970 e esperar a presença de um Estado autoritário, ou intervencionista, responsável pela produção e difusão da cultura. Mas parece irreversível um processo que reivindica participação tanto da iniciativa privada quanto das comunidades, no financiamento e no gerenciamento das atividades culturais.
- Como experiência pessoal, Marcelo relata que recebeu propostas no Museu Lasar Segall para realização de leilões de cavalos, exposições de *lingerie*, lançamentos de bebidas alcoólicas, comerciais de bancos e sondagens do mercado imobiliário. Todas essas propostas estavam interessadas na imagem do Museu, na fetichização que

essa imagem ainda exerce no imaginário social. Esses possíveis “investidores” não estavam interessados nas atividades que os museus exerciam, em suas obras, mas sim na mística que o nome “museu” ainda sugere e que seria um possível catalisador de recursos.

- O reconhecimento da natureza do fenômeno museal: a Declaração de Caracas foi o primeiro grande texto da Museologia internacional que conceituou a função e a natureza do fenômeno do processo museológico como um processo de comunicação.
- “O Museu como meio de comunicação transmite mensagens através da linguagem específica das exposições, na articulação de objetos, signos, ideias e emoções ... Os objetos não têm valor em si mesmos, mas representam valores e significados nas diferentes linguagens culturais em que se encontram em si mesmos.” Essa declaração é importante, pois ela rebate um dos grandes fetiches do trabalho tradicional do Museu, que é aquela ideia de que os objetos “falam por si”.
- Resgate da identidade do museu: o avanço dos meios de comunicação criou as condições para se reconhecer e se valorizar a especificidade do trabalho museológico, do processo de comunicação que é desenvolvido no Museu, no processo de construção e preservação do patrimônio cultural. O Museu se questiona sobre qual é o seu papel, qual é a natureza do seu trabalho e o que o diferencia de todas as outras instituições. Caracas consegue resgatar e clarificar uma linha de atuação possível para se trabalhar com o patrimônio.
- Relação do discurso museológico com o público: a Declaração de Caracas impõe o desafio à Museologia sobre os modelos tradicionais da linguagem expositiva que ainda privilegiaram em seu discurso perspectivas científicas e acadêmicas. O documento instigou um processo de revisão desse discurso.

Desafios da Declaração de Caracas

- Reconhecimento do Museu como um fenômeno de comunicação: quais são os requisitos para a formação do profissional que estará à frente desse processo.
- Necessidade de avaliação: essa necessidade deve estar introjetada em toda a visão sobre o processo museológico como uma maneira possível de avançarmos na formulação teórica e na prática do exercício museológico.

Lacunas de Caracas

A questão da democratização interna das instituições é a grande lacuna da Declaração de Caracas. São raríssimas as instituições museológicas em que existe um efetivo processo de discussão, de participação interna. Esse mecanismo de avaliação é fundamental para que se possa implantar e desenvolver um processo eficaz de comunicação. Ele depende apenas da vontade política das pessoas que estão envolvidas nos processos, ou seja, da direção, dos funcionários.

Balanço geral

Nenhum desses documentos traz um grande equívoco, na verdade eles trazem resultados de reflexões de pessoas que trabalham nos museus. É a possibilidade de se constituir uma trilha que vai se estruturando para a atividade do Museu possível. É o resultado de uma prática aliada à reflexão.

Debatedora – Solange Godoy:

Experiências pessoais

A debatedora afirma que se afastou da postura ideológica do ICOM no início da década de 1980 e que com isso acabou perdendo os encontros internacionais, não teve acesso aos documentos e perdeu um pouco sobre o que se estava fazendo, produzindo etc. Mas notou também que, independentemente de estarem no ICOM, de conhecêrem ou não os documentos, todos são trabalhadores esforçados de museus, porque mesmo sem estarem inseridos nesses debates, já faziam experiências recomendadas pelos documentos. Mesmo no Museu de Resende, quando Solange foi chamada para “dar um jeito”, ela não imaginava qual seria o produto final de sua experiência, e o Museu se tornou um Museu de Comunidade, coisa que somente mais tarde Quebec iria documentar internacionalmente.

Declaração de Caracas

- Museu-comunicação: esse tema, abordado pelo documento, reforça a ideia de que o processo interessa mais que o produto. É necessário trabalhar com o *hoje*, com a *contradição*, com o *confílito*,

com temas propriamente nossos: *violência, fraudes, drogas*. São problemas específicos de nossa realidade, e devem ser inseridos nesse processo cultural.

- Museu-liderança: necessidade da luta real; o Museu deve exercer liderança e deve ser um fator de mudança.

Experiências no Museu Histórico Nacional

- Solange relata sua experiência com professoras e crecheiras que foram sendo introduzidas no espaço do Museu e que no final das atividades já se haviam apropriado dos pátios, dos corredores, das salas de exposição. De todos os espaços disponíveis do Museu. Além disso, ela se lembra da experiência com meninos e meninas em situação de rua. Ela procurou um ponto de aproximação com as meninas, levando aos encontros o “livro do bebê”, que muitas dessas meninas-mães desconheciam. A experiência foi tão gratificante que, ao final, ela foi convidada para um chá de bebê na comunidade e viu parte do livro mimeografada, sendo distribuída às meninas, com os enxovais.
- A lição dessa experiência é que se deve ultrapassar os muros do Museu e começar a interagir com essas comunidades. Muitas vezes havia, ainda, a sensação de estranhamento. Como essas meninas se relacionavam com a função museal? Mas a resposta se descobre quando se aprende, na realidade, que os preconceitos estão dentro de nós mesmos, das instituições.

Problemas

- Risco da privatização: esse discurso de descompromisso do Estado para com o processo cultural é assustador. O Estado não está investindo na salvaguarda do patrimônio e na formação dos seus quadros, na melhoria dos salários dos profissionais. O descompromisso do Estado não passa apenas pelo patrimônio intangível, mas também pela formação, pela especialização. O risco da terceirização é a inviabilização da formação adequada na área.
- Necessidade de políticas culturais de curto, médio e longo prazos: temos de influenciar politicamente para que haja a formação de uma mentalidade que fomente a política cultural, que deve ser planejada. Tem de haver uma continuidade, uma política cultural nítida, democrática, participativa, que nos permita um planejamento a médio e longo prazos.

Debatedora – Vera de Alencar:

(A debatedora inicia sua intervenção com a leitura de alguns pontos de um texto deixado por Regina Márcia, que por motivos de saúde ausentou-se do debate.)¹

Desafios de Caracas

- Inserção de políticas museológicas nos planos do setor de Cultura.
- Estratégias específicas e efetivas para captação e controle de recursos financeiros.
- Suportes legais e inovações na organização dos museus.

Conclusões

O que está em jogo é a eliminação definitiva de certos traços culturais que trazemos de um período colonial e que estão arraigados no fazer cotidiano profissional: o “salve-se quem puder”, o clientelismo e o fisiologismo, a cidadania anã. Ou superamos esta etapa da nossa existência, como membros de uma sociedade que tem desafios enormes a enfrentar, ou não chegaremos a parte alguma, a despeito dos belos documentos que ainda pudermos escrever por mais 20 anos.

¹ A leitura completa do documento foi prejudicada, pois ele continha inúmeras abreviações. Assim, decidiu-se pela leitura de alguns pontos do texto, e de sua conclusão.

5) Mesa-redonda: “O processo museológico brasileiro: a visão das instituições”

Participante – Ângela Loureiro Petitinga:

Experiência pessoal – Museu Eugênio Teixeira Leal

O Museu foi reinaugurado em 1984, e seu patrono foi o dr. Eugênio Teixeira Leal, presidente do Banco Econômico. Era um apaixonado pelo colecionismo, por moedas e pela arte da gravura em metal. Ele reuniu um acervo muito grande, de valor histórico. Quando o dr. Eugênio faleceu, em 1974, o então presidente dr. Ângelo Calmon de Sá reinaugurou o Museu e o dividiu em dois: Memorial do Banco Econômico (então Museu Eugênio Teixeira Leal), no centro de Salvador, e o Museu Numismático, com toda a coleção das moedas nacionais.

Acervo e programas do Museu Eugênio Teixeira Leal

- O seu acervo é composto por moedas, medalhas, condecorações, pinturas, fotografias, mobiliários e documentos ligados à história do Banco Econômico. O Museu desenvolve um Programa de História Oral, colhendo depoimentos de antigos funcionários.
- Há também o projeto “Fala Pelô”, que visa resgatar dados importantes sobre o conjunto arquitetônico do Pelourinho. Na reinauguração do Museu concebeu-se uma sala de cinema para exibir filmes de arte, a única sala de cinema desse tipo no Centro Histórico de Salvador.

Departamento de Museologia

O departamento pesquisa, conserva, expõe e divulga o acervo museológico. Realiza exposições temporárias e itinerantes. Amplia a ação cultural, promovendo cursos, palestras e seminários ligados à Museologia. Desenvolve o programa “Museu-Escola”, destinado ao público infanto-juvenil da rede pública.

Projetos sociais

O Museu trabalha com o “Projeto Axé” em Salvador, com crianças em situação de rua. Inicialmente foi uma proposta interessante, pois o tema “dinheiro” é um tabu para esse tipo de público. A coordenadora propôs a projeção de *slides* sobre a história do dinheiro para esses garotos. Quando se apagaram as luzes da sala, todos os meninos dormiram! O ar-condicionado ligado e as poltronas confortáveis foram um convite ao sono! Naquele momento, a programação original teve de ser revista. As luzes foram acesas e as coordenadoras chamaram os garotos para cantar, dançar e conversar. Os meninos pediram que em um próximo encontro se conversasse sobre assuntos como a aids, o cólera – que na época assolava Salvador – e a higiene. Nesse tempo, criou-se um projeto chamado “Escovadinho”, que seria desenvolvido anualmente, sobre higiene, mas o projeto foi vetado pelo diretor do banco, pois “o Banco Econômico não tinha nada a ver com higiene”.

Projetos com os funcionários

Ampliou-se o Museu, fez-se um clube de cinema. Reuniram-se todos os funcionários, fechamos o Museu e mostramos para eles os nossos projetos. Todos os funcionários foram envolvidos: a equipe de limpeza, de segurança. As contribuições deles foram valiosas.

Pesquisa museológica

Durante muito tempo a pesquisa museológica esteve concentrada unicamente no objeto. Os documentalistas organizavam seus arquivos por coleções, fazendo-os aptos a se constituírem em fontes de consulta para diversos pesquisadores. Era necessário reformular a conduta da pesquisa museológica, conferindo a ela um caráter democrático e social. Entendê-la como um processo é perceber o homem como sujeito da história e enxergar os objetos como representações materiais, fruto da produção artística e cultural do ser humano.

Nova sistemática na documentação

- Desde 1993 contamos com a consultoria do museólogo Osvaldo Gouveia Ribeiro, de Osvaldina Silva César, Judite Santos Primo e de Marcelo Avendano, um artista plástico.

- Fizemos o estudo de 169 medalhas de ouro do acervo, procuramos entendê-las no espaço-tempo, analisando a conjuntura social na qual elas foram criadas e de que maneira o autor deixou registrado seu estilo e as tendências de sua época. Trilhamos nossos caminhos da historicidade.
- Descrevemos formalmente as medalhas. Nesse momento descreveram-se minuciosamente os elementos iconográficos e decorativos que figuravam nas peças metálicas.
- Criamos o conceito de documentação gráfico-museológica com desenhos que compõem a parte ilustrativa do nosso projeto, com detalhes de toda a coleção.
- Como todo processo de documentação é dinâmico e ajustável às novas tendências museológicas, sabemos que esse trabalho é passível de reformulação.

Participante – Antonio Carlos Lobo Soares:

Experiência pessoal – Museu Emilio Goeldi

- Documento do Rio de Janeiro (1958): o seminário do Rio definia o que era Museologia e Museografia, identificava a carência de pessoal especializado e falava na criação da carreira da Museologia, atribuindo à Unesco a responsabilidade pela formação da Museologia latino-americana. Discutiu-se também o valor didático da exposição, segundo as classes de museu. O Goeldi completava 92 anos aberto à visitação pública. Além disso, o Goeldi poderia ser muitas classes de museus: monumento, museu ao ar livre, jardim botânico, jardim zoológico...
- Documento de Santiago (1972): em 1972 o Goeldi completava 106 anos. O mexicano Mario Vázquez provocava sensação em Santiago, questionando o papel do Museu na sociedade. Descobriu-se o Museu Integral, a pobreza passou a ser considerada, as missões da coleta e da conservação passaram para o segundo plano na preocupação de alguns museólogos. Modernizaram-se as técnicas museográficas tradicionais para atender a uma melhor comunicação entre objeto e visitante. O Goeldi já mantinha o seu acervo o mais acessível possível às instituições públicas e privadas, forte recomendação de Santiago. No entanto, a reciclagem do pessoal ainda não era preocupação forte.

- Documento de Quebec (1984): em 1984, o Museu Goeldi deixava de ser um departamento do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e se vinculava diretamente ao CNPq. A instituição ganhou agilidade e recursos, que dão frutos às exposições que envolviam índios, caboclos, negros e pescadores, além de temas que privilegiam a preservação do meio ambiente, flora e fauna. Nessa época, o Museu se associava às mais variadas instituições públicas, privadas, ONGs, escolas e universidades. Enquanto Quebec buscava a criação de condições de intercâmbio entre experiências de Ecomuseologia e Nova Museologia, o Goeldi era obrigado a dar respostas à comunidade onde instalara o seu campo de pesquisa: a periferia pobre de Belém.
- Documento de Caracas (1992): em 1992, enquanto se realizava a reunião de Caracas, o Goeldi tentava dar mais um passo largo olhando para o futuro da Região Amazônica. O Museu implantou uma estação científica em uma reserva florestal na Bahia do Marajó. O seu planejamento estratégico condiciona o futuro do Museu à consulta à comunidade na qual está inserido, para que ela participe como cogestora nas ações do museu.

Grandes museus “tradicionais”

- Esperamos que o advento da internet minimize os problemas de comunicação existentes no Brasil, reduzindo o isolacionismo da região Norte do país. Esse isolamento levou ao desconhecimento, no Norte, de todos os documentos debatidos aqui.
- Antonio Carlos discorda da fala de Hugues de Varine, segundo o qual “grandes museus não têm ciclos”. Ao contrário disso, o Goeldi demonstrou ter vários deles. É necessário que os museus promovam suas próprias formas de avaliação, de tempos em tempos, com o olhar no futuro, para que possam alcançar a “pedra do estilingue” proposta por Mário Chagas.

Demandas

Que a Unesco estimule de forma efetiva a reciclagem e a capacitação dos trabalhadores sociais, atuando nos museus brasileiros através de bolsas de estudos ou de outras maneiras. E que o processo de terceirização seja revisto nos museus.

Participante – Maria Cristina Alves:

Experiência pessoal – Museu Arqueológico de Sambaqui, Joinville, Santa Catarina

A coleção foi adquirida em 1963 pela Prefeitura Municipal de Joinville. O Museu é municipal e especializado no acervo arqueológico da tipologia Sambaqui que se tem na região. A prefeitura entrou em contato com o Iphan e com o Ministério da Educação e Cultura, e conseguiu uma verba para construir um Museu e também para contratar apoio técnico.

Prédio

- Ele é bastante significativo, pois guarda relação com o Documento de 1958. O arquiteto do Iphan é Sabino Barroso, e o museólogo é Alfredo Teodoro Rusins, membro do ICOM. Em 1958 a figura do museólogo ainda não é tão forte quanto a do conservador, por isso este é um prédio que irá privilegiar a exposição e a pesquisa.
- Os espaços educativos e para a Museologia ainda são restritos. Ele terá apenas três setores: Arqueologia (incluso os departamentos de Museologia e Educação), Documentação e Administração.

Exposição

- O museólogo vai trabalhar com uma exposição sistemática, seguindo um método lógico. Ele apresenta o homem através do acervo arqueológico de 9 mil peças e as seleciona de modo a enfocar o homem: uma leitura antropológica, ainda.
- Esquema expositivo: o homem, a sua alimentação, a sua tecnologia, sua inventividade, sua arte.

Inauguração

- O Museu é inaugurado em 1972, com as pessoas da cidade. Nesse momento se dá ênfase à educação.
- O Museu inicia seus trabalhos com duas pessoas. Para que essa instituição seja visitada e consiga chamar a atenção do público, eles buscam trabalhar com a educação. Para que o Museu ganhe um espaço de reconhecimento na cidade, faz-se um trabalho com a comunidade. As visitas escolares são o grande alvo do Museu.

Problemas

O museólogo Rusins, no momento da concepção do museu, não se aproveita do Documento de 1958. Como a cidade tem em sua área urbana ou mesmo na área rural uma série de sambaquis, esse espaço não é aproveitado na exposição. Não há uma conexão com esse espaço externo, real. Não conseguíamos externalizar a exposição do que é esse sítio, de onde vem esse acervo. Isso só começa a se resolver em 1991, com a nova exposição.

Inspirações e projetos

- Museu do Índio: contatos com a exposição no Rio de Janeiro foram inspiradores para algumas ideias do Museu do Sambaqui.
- “Museu na Escola”: fez-se um projeto que inseria a escola no museu.
- Salvamento arqueológico: o Museu começa a se preocupar com os sítios arqueológicos, preservados pelo patrimônio nacional. Começa a trabalhar com o Iphan, intermediando o problema da destruição dos sambaquis. O Museu desenvolve uma linha de pesquisa, chamando pesquisadores de fora para desenvolver as pesquisas nesses sítios.

IPH/USP

A colaboração de Walter Neves e Maria Cristina Bruno, do IPH/USP, marca um novo momento: uma reflexão sobre as atividades do Museu. Esse ciclo provoca a formação de algumas pessoas que vão dar continuidade e avançar nesse processo de pesquisas. Exposições são criadas, e a socialização com o público é intensificada.

Década de 1990

Em 1990 conseguiu-se introduzir na Lei Orgânica do Município a responsabilização do poder público pela preservação dos sítios arqueológicos. O Museu Arqueológico de Sambaqui foi dotado dessa responsabilidade. Desde a década de 1990, o Museu não possui apenas o acervo que está em sua reserva técnica, e sim 29 sítios arqueológicos que também fazem parte do seu acervo. Isso também é um problema, pois é preciso garantir a manutenção e preservação dessas áreas.

Museu-comunidade

Quem criou esse Museu foi a comunidade. Quem convence o poder público a gastar 20% do seu orçamento de 1963 na compra de um acervo arqueológico é um grupo de pessoas que fazem parte da comunidade. Essas pessoas vão construir outros museus, vão interferir, vão selecionar, no final da década de 1950 e durante a década de 1960, qual patrimônio vai ser preservado e o destino dele. A iniciativa é comunitária.

Questionamentos

- Qual comunidade é essa? A comunidade que seleciona é a comunidade dominante. A outra comunidade participa, mas não é voz ativa no museu. As ações ainda estavam sendo dirigidas para a classe dominante, que conhece os códigos de poder. A outra comunidade só recebe esses códigos, passivamente.
- Surge uma angústia em saber qual é a função social da Museologia e do Museu. Nós vemos que a comunidade ativa, que sabe o que é o Museu, conhece a função social do Museu, ao passo que a outra, não. Entretanto, temos de saber trabalhar com essas duas comunidades.

Participante – Maria Regina Batista e Silva:

Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco

Foi concebida pelo sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre em uma região que convive com a tradição e a modernidade no Nordeste.

Antecedentes – 1926 a 1950

- Em 1926, Recife organizava o primeiro manifesto regionalista, não como uma revanche ao movimento de 1922, mas sim como um manifesto que valorizava elementos regionais, que valorizava ideias antecipadoras sobre museus regionais, como uma documentação viva da cultura do lavrador e do trabalhador rural. O discurso da tipologia de museus alertava para a necessidade de se ter museus antropológicos, museus regionais, museus que

valorizem nossa produção nacional e mostrem como é o modo de vida do nordestino. A partir de 1926 esse manifesto passa a ter influência em todo o processo cultural do Brasil. As primeiras ideias de patrimônio são firmadas na Bahia e em Pernambuco, antes da criação do Sphan. A década de 1940 é importante, pois se está descobrindo a realidade brasileira, no plano rural e urbano. Há um movimento efervescente na produção intelectual brasileira. Gilberto Freyre é o seu maior representante na defesa do conhecimento dessa realidade.

- Em 1949 cria-se o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em Recife. Sua concepção era de uma instituição multidisciplinar, na qual se enfatizava a necessidade de desenvolver pesquisas antropológicas, sociológicas, históricas e econômicas sobre a vida do homem situado nos trópicos.

Processo de criação do museu

Ele está ligado às pesquisas de campo, às pesquisas das comunidades afro-brasileiras e também às áreas indígenas. O material que começa a ser coletado nessas pesquisas passa a ser o primeiro acervo do museu. Não aparece o Museu organizado como instituição dentro de um programa de trabalho. Ela surge espontaneamente, a partir da coleta desses materiais e de exposições temporárias. O trabalho se desenvolve sob uma perspectiva dinâmica, de trabalhar esse acervo coletado.

Contatos internacionais

A trajetória do Instituto Joaquim Nabuco tem uma aproximação com instituições internacionais, com a presença da Unesco, do financiamento de pesquisas, de visitantes estrangeiros, de pesquisadores que influenciaram uma metodologia de pesquisa revolucionária.

Museu de Arte Popular (1950)

Com a presença desses pesquisadores criou-se o Museu de Arte Popular, com uma conotação e preocupação real: tornar o Museu não apenas uma exposição, mas um espaço de democratização da cultura. O artesão vai para dentro da exposição, ele ajuda no trabalho da montagem, do processo de seleção das próprias peças.

Pesquisas

Fazia-se a pesquisa sobre a população de migrantes que chegava ao Recife. Que tipo de vida tinha o homem do Nordeste em regiões do Agreste, do Sertão, do Litoral? Essa pesquisa tinha a intenção de ajudar as políticas desenvolvimentistas dos governos.

O Seminário de 1958

Recebemos a influência desse seminário 2 anos depois, graças aos instrutores do curso de Museologia do Rio de Janeiro. Eles realizaram alguns cursos sobre organização administrativa de museus, exposições, técnicas, documentação, conservação e educação. Além disso, pessoas da instituição foram fazer o curso de Museologia no Rio de Janeiro. Como se disse no Seminário, a questão da formação preocupava a Fundação.

Museu de Antropologia

Em 1964 cria-se o então Museu de Antropologia, com uma série de coisas interessantes que até então não se pensava recolher: cigarros, aguardentes, coleções de ex-votos urbanos e rurais etc. Nessa época acontecia o movimento de cultura popular, orientado por Paulo Freire. Nessa orientação, recolhemos um acervo que estava abandonado na Prefeitura e no Estado e o levamos ao Instituto. Ampliamos o nosso acervo com coletas em Alagoas, Sergipe e Bahia.

Criação do Departamento de Museologia

O departamento colocava-se no plano de gerenciador das ações do Museu, porque ele objetivava defini-las, definir as linhas de ação do trabalho do museólogo. O seu organograma se compunha de uma divisão de pesquisa, uma de museografia e uma de iconografia.

Cultura: décadas de 1970 e 1980

Acontecia o processo de desenvolvimento global do país na estrutura do governo militar. Acontecia em paralelo a Conferência da Unesco, em que um dos pontos trabalhados foi a igualdade e a valorização da cultura. Nesse panorama ocorre a criação de uma política nacional de cultura para o país, através do Ministério da Educação e Cultura e do Conselho Federal de Cultura.

Influências de Santiago

O Museu de Antropologia passa a pensar a questão do Museu Integral e organiza vários encontros e cursos de preparação para treinamento de pessoal de museus, e contratam-se museólogos.

1º Encontro de Dirigentes de Museus (1976)

O Museu do Homem do Nordeste organizou o Primeiro Encontro de Dirigentes de Museus no Instituto. Os objetivos desse documento eram uma política museológica brasileira, a dinamização dos museus, a atuação permanente e a serviço da comunidade e a definição das ações dos museus no campo da pesquisa, educação, recursos humanos e conservação. Desse encontro resultou a elaboração de um importante documento: "Subsídios para a Implantação de uma Política Museológica Brasileira".

Participante – Pedro Antonio Federsoni Jr.:

Experiência pessoal – Museu do Instituto Butantã, São Paulo

- O Instituto Butantã é uma instituição de saúde ligada à Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, ao Ministério da Saúde e à Organização Mundial da Saúde, e tem um museu. Sabe-se que 80% de um Museu é Museologia, 20% são pesquisa, 60% são cultura etc. No Museu Butantã, 80% são voltados à produção de soros e vacinas, voltados à saúde pública, 19,5% são dedicados à pesquisa e 0,5% é cultura, parte administrativa etc.
- A intenção na época era fundar um Instituto para a erradicação da peste bubônica. Só que Vital Brasil tinha passado muito tempo no interior de São Paulo e iniciou um hobby com a pesquisa de venenos de cobras e soros.
- Este Museu começou a atrair pessoas importantes. Com a Primeira Guerra Mundial, muitos cientistas vieram ao Brasil e este Museu passou a seguir tendências europeias.

Problemas

- O público do Museu era de cerca de 80% de crianças e adolescentes que visitavam com agendamento, e as pessoas restantes ainda visi-

tam a fazenda de cobras do Butantã. O problema desta instituição era que sua preocupação-fim é com a saúde pública e não com a cultura. Essa cultura é muito importante, na medida em que ela faz parte da segurança desta população.

- A intenção é mostrar que nosso objeto museal é vivo, faz parte do nosso dia a dia, eles têm um papel social.

Avanços

Não se conseguiam avanços com nenhum governo, até que no dia 14 de maio de 1986, em um conjunto residencial de Brasília, às 14 horas, um rapaz de 16 anos foi picado por uma serpente vulgarmente chamada de caiçaca. Não havia soro em Brasília, não se fabricava soro em lugar nenhum, pois não havia dinheiro. Esse menino de 16 anos era sobrinho de um senador. No dia 16 de maio de 1986, às 8hs, estávamos em Brasília, 32 especialistas em serpentes, iniciando o Programa Nacional de Ofidismo. Isso provocou um avanço muito grande no processo educativo, na pesquisa e no desenvolvimento de nosso museu.

Especificidades do acervo

A falta de verba não nos faz diminuir a exposição, mas sim diminuir a segurança. Chegamos ao ponto de não termos seguranças. E convivemos com problemas de invasões de favela no Instituto e na USP, dentro do museu.

Debate Geral

Cristina Bruno:

Hoje as apresentações nos possibilitaram concluir que mesmo nos museus tradicionais, clássicos, é possível vivenciar a ideia de *processo*. Alguns problemas já foram apresentados, como é o caso da terceirização, o caso da formação etc. Vocês gostariam de falar sobre mais algum problema? Alguma coisa que pode ser geral a todos os museus, e que tenha impedido a dinâmica nesse processo?

Maria Cristina Alves:

Esse problema de equipe é muito sério. No Museu Arqueológico de Sambaqui, essa equipe – os cérebros – está reduzida a três pessoas. Outra questão colocada foi a terceirização. Esse problema e o Documento de 1992 são interessantes, quando temos de aprender a trabalhar com os números e aprender a lidar com a gerência, porque temos de levar dados e provar para os nossos superiores que a coisa está errada. Estamos gastando dinheiro à toa e errado, quando poderíamos estar contratando esse pessoal técnico que nos faz tanta falta.

Antonio Carlos Lobo Soares:

No primeiro momento dessa relação do Museu com as escolas, identificamos um problema: a falta de informações entre os professores, a carência de informação sobre a história do estado do Pará, a carência de informações sobre o meio ambiente, a fauna, a flora e o próprio homem da região. Então, o Museu tentou fugir de tudo o que ele fazia em nível formal, nas publicações de caráter científico, em seus catálogos. Começamos a desenvolver uma linha mais voltada a esse público infanto-juvenil, que acaba dirigindo diretamente o professor. O Museu transformou uma informação científica em uma linha didática. Começamos a trabalhar instrumentos que os professores pudessem trabalhar em sala de aula. Desenvolvemos uma coleção de réplicas do acervo, que são emprestadas para as salas de aula. Trabalhamos com a formação dos professores através de um projeto financiado pela Capes, e assim temos uma linha de cursos envolvendo os pesquisadores e os professores da rede de ensino público do Estado.

Elizabete Tamanini (Joinville):

Vou fazer uma referência ao Museu Arqueológico de Sambaqui, onde tenho pensado sobre essa história no contexto nacional e latino-americano. O Museu deve ser estudado nesse contexto dos documentos, pois ele é criado no final da década de 1960, início da década de 1970, em um impulso da criação de museus locais, ele é criado em uma perspectiva de instituição científica. Ele não ocupa um espaço, pensa-se em um Museu como instituição científica. Ele vem com essa filosofia e se mescla com a educação permanente da Unesco, com pinceladas do Documento de 1958. Embora esteja no Sul, ele está inserido em outros projetos nacionais e internacionais e acompanha esses movimentos. É, portanto, um Museu muito importante para ser analisado do ponto de vista educacional. Ele terá importância fundamental para a Museologia brasileira, porque reflete essas questões. Ele adota a educação patrimonial em 1980, 1985. Ele vai para as comunidades com a preocupação de não confundir o que Paulo Freire afirma: “a educação pode ser usada para a liberdade ou para a opressão”.

6) Mesa-redonda: “Museologia brasileira: da crítica à proposta”

Participante – Edna Taveira:

Experiência pessoal: Museu Antropológico UFG, Goiânia, Goiás

- A debatedora afirma que o Museu Antropológico considera o seu ambiente natural, a cultura e a sociedade, promove a pesquisa interdisciplinar que é subsidiária para a coleta do acervo e é promotor da ação educativa. A coleta tem relação com essa pesquisa interdisciplinar e com a própria comunidade.
- As metas de pesquisa do Museu Antropológico são:
 - a) o conhecimento dos modos de vida da população regional – ou seja, do Centro-Oeste do Brasil – e, em segundo lugar, o conhecimento das populações extintas;
 - b) a ação educativa tem como princípio o intercâmbio científico e cultural da UFG e da comunidade em função do trabalho que se faz internamente à universidade e externamente a ela;
 - c) por fim, a preparação de recursos humanos para o trabalho no museu.

Tendências da Museologia

Segundo a debatedora, desde 1982 o Museu Antropológico procurou estar em consonância com as tendências da Museologia, buscando ser coerente com suas propostas e sintonizando-se com as demandas da comunidade universitária e com a sociedade em geral.

Documentos

A função educativa preconizada em 1958 pela Unesco, o conceito de Museu Integral, sugerido em 1972 na Mesa-Redonda de Santiago, e a Declaração de Quebec, em 1984, estão contidos nos princípios em que se baseiam os planos de ação do Museu Antropológico da UFG.

Projetos

- Santa Cruz de Goiás: desenvolvem-se trabalhos com escolas sobre a Arqueologia, a Sociolinguística, a Etnolinguística e a Etnografia.

- Trabalha-se com as festas populares e religiosas, com o conhecimento da medicina popular, com os conhecimentos domésticos etc.
- Programa de Educação Indígena do Estado de Tocantins: esse programa ensina professores índios e é feito nas diversas cidades, depois com idas a campo. Estimula-se a participação dos indígenas no dia a dia do Museu, incentivando-os à realização de festas dentro do Museu, em que eles podem trabalhar diretamente com alguns itens do acervo.

Cultura material e o Museu

- A todo momento, através de seu imaginário, o homem tenta interpretar o mundo à sua volta, entender suas relações com a comunidade e com os outros elementos da natureza. É assim que surgem as máscaras, os adornos, as pinturas, as cenas de caça ou pesca, as imagens dos santos, a bandoleira. Cada objeto deste Museu traz essa marca da vida. Para buscar essas marcas, o Museu pesquisa, documenta e organiza o seu acervo, a vida está na comunidade e volta a ela em atividades diversas que refletem o que o Museu recolhe e pesquisa. Mas este Museu é, também, um centro de pesquisa antropológica interdisciplinar. Por ser universitário, integra-se a todos os departamentos da Universidade Federal de Goiás quando se trata de estudar o homem e seu modo de vida no Centro-Oeste. Seu acervo, suas linhas de pesquisa, suas atividades educativas estruturam-se em torno de programas que, com as coordenadorias de Museologia e Antropologia, imprimem ao Museu seu caráter de laboratório dinâmico, atual e produtivo.
- É essa relação interdisciplinar que sempre está no ambiente do Museu Antropológico da UFG. Mesmo essas incursões fora do museu acabam por retornar ao espaço museal através da pesquisa, do registro documental e da dinamização da relação da comunidade com o seu acervo.

Participante – Maurício Segall:

Dinâmica do Museu no tecido social

O Museu, assim como o resto do campo cultural, não paira nas nuvens, mas também faz parte desse campo social conflituoso, e buscamos

responder qual é o seu papel. Sua função social foi uma das preocupações explícitas em Caracas e significa tomar posição e jogar fora a hipocrisia da pretensa neutralidade dos museus e dos objetos.

Problemas brasileiros

Pouquíssimos museus brasileiros, seja por acomodação, seja por ca-suísmo, seja mesmo por definição ou indefinição ideológica da maioria, pensaram em definir – quanto mais definiram – uma política museológica específica para suas instituições.

Legado dos documentos

- O documento do Rio de Janeiro, 1958, enfatiza a função educacional em seus museus, sua visão de educação, apesar de certa confusão com didatismo e pedagogia. Santiago, 1972, na sua afirmação de engajamento incondicional – o seu Museu Integral – enfatiza a conscientização para a libertação do indivíduo e o papel da comunicação e da ação cultural permanente. Quebec, 1984, com sua afirmação do primado do humano, ressalta a interdisciplinaridade, o comunitário, o fazer dos quadros dos novos museus alternativos e, finalmente, como eles se designam participativos. Caracas, 1994, reforça o papel político e ideológico dos museus, afirma a globalidade ambiental e reforça o papel fundamental da comunicação já salientada em Santiago.
- Todos os documentos se preocupam em maior ou menor grau e de forma genérica com a questão da formação das identidades nacionais e culturais. Uma avaliação desse *continuum* em pauta, a despeito do seu caráter positivo, falta ao chegar o Documento de Caracas ao seu fim – evidência, a meu ver, de um retrocesso incomprensível, uma imprecisão injustificada e uma omissão inaceitável.

Omissões e aproveitamentos do Documento de Caracas (1992)

- Basta observar que na enumeração dos cinco binômios – “Museu e comunicação”; “Museu e patrimônio”; “Museu e liderança”; “Museu e gestão”; “Museu e recursos humanos” – salientados naquele encontro, não há capítulo “Museu e educação”. Ficam imprecisos, portanto, diversos aspectos relacionados com a vinculação “educação e comunicação”. Ficam em aberto ainda questões como,

por exemplo: Museu como instância educacional complementar, suplementar ou paralela ao sistema educativo formal, ou instituição educacional autônoma.

- Quanto à imprecisão, injustificável a meu ver, ela se situa nas referências ao papel do patrimônio na construção e consolidação na identidade de um povo e ao papel dos museus nisso. Sabe-se que por trás desse conceito da identidade de um povo, a par do lado positivo da preocupação de se chegar a algum tipo de coesão nacional, há um profundo substrato conservador reacionário que tende a tornar rígido, cristalizado, algo que é altamente cambiante, e tornar uno o que na verdade é um todo pleno de diferenças, ou seja, uma visão que de certa forma “imobiliza a história”, como se isso fosse possível.
- Não há como negar que, como ação política, tais posturas deixam um saldo positivo. No entanto, já é mais do que hora de aprofundar o conhecimento do fenômeno da identidade fazendo apelo à contribuição das ciências sociais, principalmente da Psicologia Social e da Antropologia, a fim de evitar os inúmeros descaminhos que sua desconsideração provocou no domínio do patrimônio em geral e dos museus em particular.

Balanço geral dos quatro documentos

Os quatro documentos se refugiaram atrás de afirmações muito genéricas. A omissão à qual me refiro está sob o efeito cada vez mais dominante e avassalador da mercantilização nos moldes da sociedade de consumo de massa, com a alienação, homogeneização e robotização do homem que assola os museus do mundo inteiro.

O que é necessário para o futuro?

- É, portanto, fundamental redefinir o perfil dos museus nesta nova situação de classes em que não só as distâncias entre excluídos e incluídos são enormes e em constante crescimento, mas também a parcela dos excluídos aumenta ano a ano em números relativos e absolutos, o que muda a composição das camadas sociais na divisão do bolo, sendo necessária uma nova visão dialética do caráter da exploração dos explorados pelos exploradores. Visando os museus como espaços alternativos aos meios de comunicação de massa e à massificação da sociedade, espaços de resistência à robotização, à alienação e à estandardização dos seres humanos.

- O debatedor propôs uma tentativa de achar caminhos para a inclusão dos excluídos no universo museal, uma visão de classe na preservação dos temas culturais que pode talvez permitir, paradoxalmente, uma ação correta. Rio de Janeiro teve ação educativa; Santiago foi conscientizadora; Quebec, interdisciplinar; Caracas, participacionista; talvez São Paulo, 1995, possa ser “de resistência”. Tudo parece indicar que a ênfase na função educativa dos museus com seu conteúdo conscientizador é um dos caminhos a ser trilhado no uso do patrimônio.

Participante – Emanoel Araujo:

Experiência pessoal – Pinacoteca

Nestes 3 anos na Pinacoteca do Estado, Emanoel declara que deu três vertentes à sua direção, as quais lhe parecem fundamentais:

- a) Visibilidade;
- b) Adequação do espaço;
- c) Organograma funcional.

Visibilidade

Essa visibilidade foi proposta no sentido de olhares e de uma postura pública que proporcionasse várias discussões sobre as exposições que foram possíveis ao longo desses anos. Foram várias exposições, e cada uma delas tinha um sentido de procura de um público, de atingir determinado público que se identificasse com o tema proposto.

Adequação do espaço

A Pinacoteca deve a instalação das suas reservas técnicas à Fundação Vitae, porque eram de fundamental importância: as reservas não faziam jus ao seu acervo: “Para mim, é com muito pesar que eu conclua agora, neste momento, dizendo que o Estado não tem competência para ter museus. Essa complexa instituição necessita muito mais que projetos que a dinamizem, necessita uma intrincada e sofisticada estrutura capaz de absorver, desenvolver cientificamente e emocionalmente o significado da obra de arte, seu registro no tempo, no espaço, e sua ação”.

Organograma funcional

O diretor de um Museu tem de ser mais que um diretor de Museu, tem de ser dona de casa, ele tem de carregar sobre os ombros o peso de tanta responsabilidade, das goteiras, da limpeza, da falta de técnicos e de projetos conceituais. Para cada evento o Museu tem de gerir o seu próprio produto, sua política vai da animação à confecção de produtos para sua loja, à pesquisa para atualização do seu acervo, à busca de dinheiro da tal chamada iniciativa privada e até do Estado, que desconhece seu próprio patrimônio.

Ausência de uma classe

- Acho que o estado de São Paulo tem neste momento uma política suicida, e ela é terrível sob todos os pontos de vista para os museus, os museus e a sua classe, a classe que trabalha basicamente ligada aos museus públicos. Necessitamos que a classe museológica, o povo que trabalha em Museu, exerça a pressão necessária - pressão como classe -, para que os museus possam ter a sua continuidade e a sua permanência.
- O diretor de Museu na realidade não pode ser alguém isolado, um solitário nas mesquinharias e pequenezas da direção de um Museu, nos seus probleminhas pequenos, o que na verdade nos falta é uma estrutura independente do Estado, mas que seja a união dos diretores para agir, para achar soluções de problemas que são possíveis e são desconhecidas absolutamente por falta de pressão de uma classe.

Participante – Priscila Freire:

Sistema Nacional de Museus

- O projeto foi criado por Sônia Guarita. A debatedora afirmou que através do projeto era possível ter contato com o país inteiro – pois se faziam reuniões anuais em Brasília para discutir projetos – e também havia uma ação democrática na escolha dos projetos que deveriam receber as verbas do orçamento que era disponibilizado.
- Além disso, estava-se no centro do poder, de modo que se podia estar a qualquer momento na Câmara dos Deputados ou

no Ministério da Educação para se falar sobre os museus. Havia, também, um contato com o Norte e com o Sul muito mais fácil, um contato muito mais próximo.

Ações do Sistema Nacional de Museus:

- Publicações: criaram-se prêmios para monografias e para trabalhos museológicos. Fez-se toda essa integração praticamente nacional em torno de uma política museológica.
- Treinamento: buscou-se, no Ministério da Cultura, que fossem transferidas verbas para o CNPq, visando ao pagamento de bolsas de estudo para os profissionais da Museologia no exterior. Esse projeto não foi para frente, mas outros foram.

Museus e pesquisa

Os museus deveriam ter grupos de profissionais de pesquisa, e cada exposição deveria ser produto daquela pesquisa. A exposição não deveria ser simplesmente instalada, como numa galeria: “Eu acho que esse trabalho do Museu como centro de pesquisa confere à instituição a didática que ele deve ter, sobre como ele deve produzir trabalhos. Ele não deve produzir só exposições, acho que tem de produzir trabalhos, também”.

Participante – Sônia Guarita:

Sistema Nacional de Museus

- Declarou ter implantado o Sistema Nacional de Museus junto ao Ministério com base na adequação de uma experiência conjunta, desenvolvida na Secretaria do Estado da Cultura (de São Paulo) por uma equipe coordenada por ela e por Maria Ignez, na época. Os museus distavam 20 ou 30 quilômetros uns dos outros e os diretores não se conheciam. Os acervos eram altamente semelhantes, nada representativos das comunidades ou das regiões onde estavam inseridos. Não havia nenhuma troca de conhecimento técnico, nenhum trabalho conjunto, e o que mais pasmava era a total ignorância sobre a realidade.
- Buscou-se não só estabelecer uma política cultural museológica para os museus, mas também definir a situação administrativo-jurídica

desses museus perante a Secretaria, no intuito de realizar uma união das tipologias, não só do ponto de vista de acervo, mas das suas tipologias administrativas também.

Balanço da experiência

Sônia Guarita declarou que continua acreditando em um trabalho sistêmico, e que suas ações poderiam ser retomadas, porque, em termos da criação desse Sistema, poderia existir uma entidade de classe, uma voz nacional. E seria possível trabalhar de forma democrática, para que os problemas fossem comunicados e as informações e experiências, compartilhadas.

Participante – Marcelo Araujo:

Documento produzido no Brasil

- Declarou que Regina Márcia Tavares, por iniciativa própria e através do Museu do qual é diretora, o Museu da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp), coordenou um processo no qual procurou atingir toda a comunidade museológica brasileira, para a elaboração de um documento que refletisse os anseios, as expectativas dessa comunidade, e que fosse entregue ao novo governo. Reuniu-se a Anaildo Baraçal, na qualidade de presidente do Conselho Federal de Museologia; Tereza Scheiner, pela Escola do Rio de Janeiro; e Silvia Maranca, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Essas quatro pessoas redigiram um documento importante, e esse documento tinha como anexo um calhamaço, por volta de sessenta documentos que englobavam absolutamente tudo o que já foi elaborado na Museologia brasileira e mesmo na latino-americana, a partir de 1972. Esse documento, com toda a série de anexos, foi entregue pessoalmente ao presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Não houve nenhum posicionamento sobre esse documento, nada foi manifestado nem mesmo pelo ministro Francisco Weffort, que esteve presente na abertura deste Seminário.
- Regina tem sistematicamente cobrado do ministro e de diversos de seus auxiliares, chefes de gabinete e secretários um posicionamento a respeito desse documento e dessa expectativa da comunidade museológica.

- É importante expor isso, para que fique bastante claro e evidente que o atual governo tem conhecimento desses anseios, que já foi comunicado pessoalmente e tem sido cobrado sobre tais anseios, sobre essa legislação e essa produção.

Expectativas do Seminário

- Questão da construção da memória de um pensamento museológico brasileiro: não é um universo em que nada foi feito, em que nada foi pensado, em que não há ideias nem propostas. Estes quatro dias de debates evidenciaram a tentativa de construção dessa memória. Verificou-se justamente o muito que existe acumulado em termos de reflexão e de pensamento.
- Papel do Estado com relação às instituições museológicas: o debatedor discordou de Emanuel Araujo, que apresentou a visão da descrença na capacidade do Estado de administrar a instituição museológica: “Acho que o Estado tem, sim, essa capacidade, porque o Estado somos todos nós!”.
- Maturidade política da classe museológica: precisamos ter uma postura que seja a mais firme possível na exigência dessa série de reivindicações que estão sendo apresentadas. A reconstituição do Sistema Nacional de Museus, a definição, para que possamos responder aos desafios de capacitar os museus e de se pensar e estruturar projetos, algo que só vai ser resolvido na medida em que se consiga estruturar uma política de formação de pessoal.

Debate Geral

Mário Chagas:

Nós estamos entregando os documentos, mas não estamos agindo adequadamente. Isso não está gerando resultados. E talvez o caminho seja o *lobby*, seja outra coisa qualquer! Não sei qual é o caminho efetivo, mas precisamos encontrar um mecanismo para isso.

Maria Cristina Bruno:

Acho que é o momento de criar uma estratégia, mesmo. Acho que em outras ocasiões, com alguns grupos ou algumas pessoas que estão aqui, já tivemos estratégias mais agressivas. Por alguma razão - e estamos até refletindo sobre isso ultimamente -, existe certo amortecimento, em vários lugares do Brasil. Mas acho que já tivemos, em vários lugares do Brasil, estratégias mais agressivas, e isso é que é necessário. É uma questão de acertar e definir uma estratégia conjunta.

Mário Chagas:

Temos de pensar, como a Cristina falou, em uma estratégia. Está me faltando imaginação! Que tipo de ação poderemos fazer? Talvez agendar efetivamente uma reunião com o ministro e seus assessores, uma audiência, algo com pessoas representativas, que já trabalharam na área, a presidente do ICOM, a Sônia Guarita, que já esteve com o Sistema de Museus, a Priscila, que já trabalhou, outras pessoas, a Regina Márcia, o Segall... Se as pessoas que eu nomeei aceitarem, e outras pessoas em que se possa pensar, que se chegue lá para uma discussão sobre isso, um relato dessa história toda, para colocar o problema. Um grupo que seja representativo de várias correntes de pensamento, um grupo diverso, e até mesmo de vários pontos do Brasil. Para que se possa... Me falta imaginação! Mas acho que deveríamos pensar nessa estratégia.

Maria de Lourdes P. Horta:

Eu só gostaria de responder ao Mário afirmando que, em princípio, estamos convidados pelo ministro para ir a Brasília levar os resultados desta reunião.

Maurício Segall:

Sobre o que o Mário falou, ele tem razão em parte. Mas ele não falou de estratégia. Ele está pensando em tática! A tática é passageira,

depende de quem está lá, não está cá... Você ganha um pouquinho ali e perde o dobro amanhã, não é por aí. Estratégia, eu só vejo uma: você tem de fortalecer o corpo dos funcionários, no sentido de conscientizá-los e eles serem parte desta luta e, por que não, a vanguarda desta luta. É preciso dar orgulho à pessoa que trabalha no campo, mostrar que ela é absolutamente pertinente, socialmente. Isso só é possível se ela se tornar realmente pertinente, aí a pressão dos funcionários pode funcionar.

Sessão de Encerramento do Seminário

Maria de Lourdes P. Horta:

Eu acho que todos vocês devem estar levando do Seminário alguma coisa de proveitoso. No momento de reflexão, durante a tarde, eu ouvi alguém se queixar dizendo que não abordamos nada de novo. Só falamos do passado e não abordamos as questões novas da internet, do multimídia, das novidades. Eu comentei que, realmente, o objetivo deste Seminário foi a reflexão. As novidades estão aí, estão acontecendo, a gente está embarcando nesses barcos, às vezes sem muita consciência do que eles podem nos trazer e do que a gente quer, do que a gente está objetivando com o trabalho nos museus. Por isso acho que o momento de reflexão, de autocritica, é fundamental para o exercício consciente da nossa profissão.

Mário Chagas:

A Solange ia fazer uma brincadeira e acabou não fazendo. Eu não entendo muito sobre vários desses assuntos, mas ontem ela dizia que estava havendo uma conjunção astrológica importante naquele momento. Eu não estudei adequadamente isso, mas seja lá pelo motivo que for, a questão é que o nosso encontro, para todos nós, representou esta oportunidade de experimentar um clima de harmonia, de liberdade, em que todos puderam se manifestar à vontade, falar à vontade e mesmo manifestar suas ideias. Eu sou falador mesmo, então fico mais à vontade ainda. Mas acho que isso foi muito importante, e estou certo de que a Museologia brasileira está vivendo efetivamente o novo clima.

Maria Regina Batista e Silva:

Eu gostaria de colocar à disposição do ICOM um documento que foi produzido em 1976, no 1º Encontro de Dirigentes de Museus do Nordeste, que resultou no “Subsídios para uma Política Museológica Brasileira”. Consta nesse documento até mesmo uma possível análise da realidade brasileira e as bases de uma ação museológica em nível dos museus brasileiros.

Maria de Lourdes P. Horta:

Aliás, é interessante essa sua colocação, acho que temos de começar a recuperar os nossos documentos estruturais. Discutimos aqui quatro documentos produzidos em nível internacional. Esses nossos documentos indicam caminhos e, às vezes, estamos repetindo e reinventando

a pólvora. Nós e o ICOM deveríamos, talvez, fazer uma coleta desses documentos fundamentais. Acho que há coisas produzidas dentro do Brasil, das quais não temos conhecimento. Acho uma boa lembrança recuperar isso.

Mário Chagas:

(Faz a leitura de uma moção pela continuidade do Museu Eugênio Teixeira Leal, na cidade de Salvador. Essa moção é aprovada por unanimidade e segue para a assinatura de todos os participantes do Seminário.)

Maria de Lourdes P. Horta:

Só faltou, agora, o tema do próximo Encontro Nacional. Já está decidido? "Museus e política?" Alguma outra formulação? Acho que é pertinente! Alguém tem outra ideia? Pode colocar! Fica essa! Agora vamos bolar um plano estratégico para ver como enredar os políticos nessa história!



ICOM-BR
Conselho Internacional de Museus - Brasil

Presidente do Conselho de Administração
Carlos Roberto Ferreira Brandão

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Maurício Cândido da Silva

Membro Titular do Conselho de Administração
Denise GrinSPUM

Diretora Administrativa
Maria Ignez Mantovani Franco

Diretora
Adriana Mortara Almeida



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado
Alberto Goldman

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

Secretária-Adjunta
Fernanda Falbo Bandeira de Mello

Chefe de Gabinete
Sergio Tiezzi

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico
Claudinéli Moreira Ramos

Conselho de Orientação Artística da Pinacoteca do Estado de São Paulo
Ana Maria Belluzzo
Carlos Alberto Cerqueira Lemos
Marilucia Botallo
Paulo Portella Filho
Regina Silveira
Ruth Sprung Tarasantchi

ASSOCIAÇÃO PINACOTECA ARTE E CULTURA - APAC

Organização Social de Cultura

Conselho de Administração

Presidente
Marcelo Secaf

Vice-Presidente
Celso Lafer

Conselheiros
Carlos Wendel de Magalhães
Denise Aguiar Alvarez
Fernando Teixeira Mendes Filho
Horácio Bernardes Neto
José Olympio Pereira
Julio Landmann
Luciene de Jesus Souza
Maria Anna Olga Luiza Bonomi
Maria Luisa de Souza Aranha Melaragno
Nilo Marcos Mingroni Cecco

Diretor Executivo
Marcelo Mattos Araujo

Diretor Financeiro
Miguel Gutierrez

© 2010 by ICOM-Brasil
icom.bra@gmail.com
www.icom.org.br

Volume 2 - 1^a Edição

Coordenação editorial: Maria Cristina Oliveira Bruno
Apoio à pesquisa e Organização editorial: Ana Carolina Vieira
Beatriz Cavalcanti de Arruda
Kátia Regina Felipini Neves

Natália Sarkis

Projeto gráfico e capa: Claudio Filus

Revisão e padronização: Armando Olivetti

Fontes utilizadas: Book Antiqua

Papel miolo: Reciclado 150 gr/m²

Papel capa: Duo design 350 gr/m²

Impressão e acabamento: Pancrom Indústria Gráfica

São Paulo, dezembro de 2010

O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro : documentos selecionados / organização Maria Cristina Oliveira Bruno . – São Paulo : Pinacoteca do Estado : Secretaria de Estado da Cultura : Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.

2 v. ISBN 978-85-99117-58-3

1. Museus – Brasil 2. Museologia – Brasil 3. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus I. Bruno, Maria Cristina Oliveira

060

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

ISBN 978-85-99117-58-3



9 788859 9 117583



Comitê Brasileiro

